

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação

VITÓRIA RÉGIA IZAÚ

**O OLHAR DOS JOVENS DE PERIFERIA SOBRE  
QUALIDADE DE VIDA E MEIO AMBIENTE:**  
um estudo em Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Conhecimento e Inclusão Social, como requisito parcial à obtenção do título Mestrado.

Área de Concentração: Espaços educativos,  
Produção e Apropriação de conhecimentos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosalina Batista Braga

Belo Horizonte  
2004

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Conhecimento e Inclusão Social, como requisito parcial à obtenção do título Mestrado.

Belo Horizonte, 13 de fevereiro de 2004.

Banca Examinadora:

---

Orientador Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosalina Batista Braga

---

Avaliador: Prf<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Rogério Cunha Campos

---

Avaliador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> José Eustáquio Machado de Paiva

Á Deus em quem acredito

Á minha mãe, Luzia Izaú cuja trajetória sempre me serviu de inspiração para realização de meu projeto de vida.

Ao meu marido Eduardo, companheiro e amigo em todos os momentos.

A minha filha Gabriela, razão maior da minha vida e à minha sobrinha Ingrid, ao ensinar-me a ser “leve como uma pluma” em todas as situações.

Á minha família, pelas iniciativas de ações sociais na favela da Rocinha

Á todos os brasileiros incansáveis na luta em direção à qualidade de vida

## **Agradecimentos**

À minha orientadora Rosalina, que mãe, como eu, agraciou-me pela sabedoria, experiência, vivacidade e incentivo durante todas as fases em que passei para o desenvolvimento do trabalho e fixação de residência em Belo Horizonte.

Aos professores: Luís Alberto e Bernardo pelos brilhantes “insights” no desenvolvimento da disciplina educação e conhecimento.

Agradeço a todos os mestrandos da turma 2001, pelo incentivo ao meu trabalho de pesquisa especialmente ao Cláudio e Marcilene, que tornaram minha adaptação à cidade de Belo Horizonte uma experiência mais rica.

Aos funcionários da Secretaria da Pós: Gláucia e Rose pela atenção e solidariedade dispensada.

Aos amigos do Centro Social da Vila Santa Rosa, pela pronta acolhida do meu projeto de pesquisa.

Aos jovens colaboradores, por acreditarem em mim e aceitarem participar da dissertação.

## RESUMO

Neste trabalho procurou-se compreender o conceito qualidade de vida na ótica dos jovens residentes em área de periferia em Belo Horizonte, na busca pelo entendimento de como o meio ambiente seria elemento integrante desse conceito. Trata-se de um conceito que está na ordem do dia, e que coloca como centro o exame das pessoas sobre o seu cotidiano e as escolhas que fazem. Os sujeitos que fazem parte da pesquisa são jovens inseridos no Programa Agente Jovem, no Centro Social do Bairro Universitário, localizado na cidade de Belo Horizonte. Dada a natureza do objeto de pesquisa, optou-se por um grupo de jovens que não estivesse vivenciado experiências em militância política e que anteriormente não estivesse engajado em projetos de educação ambiental. Essas questões foram importantes para que se mantivesse ao máximo a originalidade e latência dos temas discutidos, fazendo emergir o conceito qualidade de vida para eles. Primeiramente realizamos entrevistas individuais, aplicação de questionário e dois grupos focais. A finalidade destas estratégias de pesquisa foram, respectivamente: levantar categorias que foram aprofundadas no grupo focal, complementação das informações sócio-econômicas e fazer a relação entre a vivência individual e coletiva quanto ao conceito qualidade de vida. Cabe ressaltar que o grupo focal é uma metodologia que funciona como entrevista coletiva, num grupo no qual os sujeitos, convidados e incentivados pelo pesquisador, realizam o aprofundamento das questões por eles levantadas sobre os temas em questão. Após a transcrição de todo o material, utilizou-se a análise de conteúdo. Após leitura exaustiva, todo o material foi analisado, e classificado em categoria, seguindo a ordem de frequência nas falas. Na análise dos dados, observou-se o centro do conceito

qualidade de vida para eles é a convivência. A convivência aliás, se sobrepõe a outras categorias, como o consumo. Esta questão foi crucial para o entendimento do meio ambiente como elemento integrante na composição dos jovens sobre qualidade de vida, por ser compreendido em razão das relações humanas no espaço construído. A referência teórica que baliza a análise dos dados é o florescimento humano, que para além da aridez da dimensão econômica, nos conduz em direção do uso racional das potencialidades humanas para concretização de nossos projetos de vida. Ver o conteúdo proveniente da fala dos jovens de periferia sobre qualidade de vida e meio ambiente, fortalece a necessidade de construção de projetos de educação ambiental mais centrados em seus interesses. Essa é uma questão crucial para aqueles que também investem seus sonhos, projetos, tempo em direção a uma sociedade na qual a qualidade de vida seja acessível a toda população.

## **ABSTRACT**

This research has the goal of comprehending the quality of life concept from the perspective of young residents of a peripheral area in Belo Horizonte, and whether or not the environment figures into this concept.

It concerns a concept on the order of the day, and that is at the centre of people's daily life and their choices. The subjects that were involved in this study are youths who participate in the Active Youth Program, in the Social Centre of the neighbourhood "Bairro Universitário," located in the city of Belo Horizonte. Due to the nature of the research, the group selected was of youths who had not yet experienced any political activism, and who had also never previously participated in environmental education. These questions were important in order to obtain the maximum of originality and newness of the topics discussed so that the concept of quality of life would be allowed to emerge from them.

For the first step, we conducted individual interviews, utilizing questionnaires and formed two focus groups. The objectives of these strategies were, respectively: to raise issues to be covered in more depth in the focus group, to gather more socio-economic information about the group in question, and to establish the relation between individual and collective lifestyles in what refers to the construction of a quality of life concept. It is important to note that focus group methodology works by collective interview of a group, whose participants, invited and motivated by the researcher, discuss questions raised on the topics under investigation in greater depth. After transcribing all the material, we employed analysis of the content in order to comprehend the meaning of the data collected. After exhaustive reading,

all the material was analysed and classified into categories, in order of frequency of discussion. Analysis of the data shows that the centre of the concept of quality of life for them is togetherness. Togetherness appeared above all the other categories, such as consumerism. This question was crucial for understanding of the environment as an integrated element of the youths' concept of quality of life, since it is understood in terms of the human relations in the space created. The theoretical reference that delimits the analysis of the data to the flourishing of humanity, despite the arid economic conditions, leads us to a rational use of human potential in order to concretise our plans for life. Seeing the content from the mouths of the slum youths themselves, about the quality of life and the environment, confirms the necessity to create educational projects about the environment more centred on their own interests. This is a crucial question for those who invest their dreams, plans and time to form a society in which the desired quality of life that was historically possible, may be accessible to the whole population.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2 REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS</b> .....	<b>4</b>
2.1 O Universo de Pesquisa.....	6
2.2 O Programa Agente Jovem.....	10
2.3 Os procedimentos de Coleta dos dados.....	17
2.4 Primeiro Encontro do Grupo Focal.....	21
2.5 Segundo Encontro do Grupo Focal.....	25
2.6 Considerações sobre a análise dos dados.....	26
<b>3 CONSTRUÇÃO DAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS</b> .....	<b>28</b>
<b>3.1 O Conceito Qualidade de Vida</b> .....	<b>28</b>
3.1.1 Algumas abordagens do conceito na literatura internacional.....	30
3.1.2 Qualidade de vida no Brasil.....	33
3.1.3 Qualidade de vida e desigualdade social.....	34
3.1.4 Qualidade de vida e consumo.....	35
3.1.5 Qualidade de vida em Belo Horizonte.....	40
3.1.6 Qualidade de vida e indicadores sociais.....	41
3.1.7 Delimitação do conceito na pesquisa.....	44
3.1.8 Desenvolvimento e florescimento humano.....	48
<b>3.2 Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico</b> .....	<b>50</b>
3.2.1 Desenvolvimento e meio ambiente.....	50
3.2.2 O conceito de meio ambiente na pesquisa.....	57
3.2.3 Meio ambiente e qualidade de vida na visão de sujeitos presentes nos três maiores projetos de educação ambiental em Belo Horizonte.....	60
<b>3.3 O Jovem enquanto Categoria de Análise</b> .....	<b>70</b>
3.3.1 Aspectos da abordagem sociológica.....	71
3.3.2 Aspectos da abordagem psicológica.....	73
3.3.3 Reflexões sobre programas sociais para jovens no Brasil.....	78
3.3.4 Os jovens e a construção da identidade.....	81
<b>4 QUALIDADE DE VIDA E MEIO AMBIENTE SEGUNDO OS SUJEITOS PESQUISADOS</b> .....	<b>84</b>
4.1 Convivência/Qualidade de Vida.....	84
4.2 Violência/Qualidade de Vida.....	89
4.3 Consumo/Qualidade de Vida.....	96
4.4 Moradia/Qualidade de Vida.....	100
4.5 Escola /Qualidade de Vida.....	106
4.6 Lazer / Qualidade de Vida.....	110
4.7 Sociedade-Natureza /Qualidade de Vida.....	119
4.8 Sobrevivência /Qualidade de Vida.....	123
4.9 Políticas Sociais /Qualidade de Vida.....	128
4.10 Religiosidade /Qualidade De Vida.....	130
4.11 Saúde /Qualidade de Vida.....	132
4.12 Urbanização/Qualidade de Vida.....	134
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>142</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>148</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O conceito qualidade de vida tem obtido relevância nas investigações contemporâneas, sobretudo quando se pensa sobre os elementos que o constituem. A composição do conceito é variável e depende da interpretação dos sujeitos sobre suas vivências e aspirações, nas mais diversas esferas sociais. Qualidade de vida remete-nos a pensar nas escolhas que realizamos para promover nossos projetos de vida. O conceito nos chama atenção desde a inserção no Projeto *A ecologia vai à Escola* em 1994, durante a atuação na ONG Roda Viva, sediada no Rio de Janeiro. Essa experiência despertou-nos o olhar e a vontade de articular educação, meio ambiente e qualidade de vida, vontade essa que se intensificou durante o mestrado em Educação da FAE/UFMG, justamente por ser um tema que vai ao encontro da história pessoal, mesclando o legado carioca vivido na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, às experiências acadêmicas na graduação, e hoje (ao residir em Belo Horizonte), no Mestrado. Durante a trajetória acadêmica na Faculdade de Serviço Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no período de 1994 à 1999, inquietava-nos que os aspectos relativos ao meio ambiente não lograssem espaço nas discussões sobre a realidade dos sujeitos atendidos pelos programas sociais, nos quais a profissão atua. Víamos essa ausência, como lacuna lastimável, uma vez que, no nosso entendimento, o microcosmo social está intrinsecamente ligado a outras questões. Ou seja, para melhor compreender a realidade com a qual o assistente social atua, precisávamos entender de forma mais abrangente as condições de vida no espaço habitado. A vivência na favela da Rocinha apontava

para vários níveis de pobreza, e o conceito qualidade de vida poderia ser um instrumental para não apenas construir uma análise sobre a pobreza, mas também propiciar um entendimento sobre a periferia urbana, a partir da fala de seus moradores.

Nessa ambiência, é que este projeto de dissertação foi construído, tendo como sujeitos os jovens residentes na Vila Santa Rosa, localizada na região da Pampulha, em Belo Horizonte. O objetivo do estudo foi verificar a composição do conceito qualidade de vida para os sujeitos e, em especial, o lugar do meio ambiente nessa composição. No capítulo 2 sobre a metodologia, partilhamos detalhadamente o trabalho de campo, que contou com entrevistas individuais, questionário e realização de dois grupos focais. Nesse capítulo, expomos as referências teóricas e o desenho da pesquisa.

Com vistas a compreensão das questões sobre os conceito qualidade de vida e meio ambiente, apresentaremos no capítulo 3, a construção das referências teóricas, apresentando algumas abordagens sobre qualidade de vida na literatura internacional, relacionando-as aos elementos sobre as condições de vida no Brasil e em particular, na cidade de Belo Horizonte. Acresce-se a isso, a definição do conceito e considerações acerca do desenvolvimento pela via do florescimento humano. Nessa parte do trabalho, abordamos a relação entre meio ambiente e desenvolvimento econômico discorrendo sobre a complexa relação homem-natureza e ilustrando-a com a fala de profissionais inseridos em três importantes projetos de educação ambiental em Belo Horizonte.

Ainda neste capítulo, apresentamos elementos conceituais sobre o jovem enquanto categoria de análise, através das abordagens sociológica e psicológica.

O que pretendemos é enunciar algumas questões relativas a construção da identidade enquanto fenômeno vivenciado nesta faixa etária.

No capítulo 4, os resultados da pesquisa são apresentados e dispostos nos eixos temáticos suscitados pelos jovens.

Por último, registramos as considerações finais, relacionando os resultados da pesquisa com a experiência de inserção no campo e as questões daí decorrentes.

## 2 REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS

A proposta desta pesquisa é verificar o conceito qualidade de vida na ótica do jovem de periferia e como o meio ambiente integra o conceito. Para isso, a perspectiva adotada é a da pesquisa qualitativa, por entendermos ser a que melhor atende os objetivos desta dissertação. Tal fato reside em nossa intenção de procurar a interpretação dos sujeitos conforme as suas visões de mundo, que para nós perpassa diversos significados, construídos no vivido, que não são redutíveis a variáveis numéricas. Nessa direção, concordamos com MINAYO (1994) no entendimento de que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Em nosso ponto de vista, a pesquisa qualitativa, ao não se ater a variáveis numéricas (que é recurso necessário a outras pesquisas), nos permite compreender melhor os fenômenos sociais, em razão de ter maior flexibilidade, desejável para a verticalização dos dados empíricos.

Como podemos perceber, a pesquisa qualitativa tem maior expressividade sobre a subjetividade intrínseca nas relações sociais. Essa é uma perspectiva que não expõe de forma dicotômica o subjetivo e o objetivo, o indivíduo e a sociedade.

A esse respeito, outros autores afirmam que:

As investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos. Além disso, as pesquisas qualitativas diferem bastante quanto ao grau de estruturação prévia, isto é, quanto aos aspectos que podem ser definidos no projeto. (MAZZOTTI E GEWANDSNAJDER 1998 p.148).

Dentro das possibilidades teóricas da pesquisa qualitativa, a perspectiva adotada é a do interacionismo simbólico pelo fato de considerar que as relações entre as pessoas se dá na interação, que por sua vez nos permite compreender ao longo da existência como as ações humanas se manifestam e se articulam.

Conforme essa abordagem,

A sociedade humana ou a vida em grupo é vista como consistindo de pessoas que interagem, ou seja, pessoas em ação que desenvolvem atividades diferenciadas que as colocam em diferentes situações. O princípio fundamental é que os grupos humanos, assim como a sociedade “existem em ação”. É através deste processo de constante atividade que estruturas e organizações são estabelecidas.

(HAGUETTE, 1992 p.32)

O interacionismo simbólico como referência teórica é utilizado para os fins desta pesquisa por considerar que o conhecimento se constrói na interação estabelecida entre as pessoas e grupos humanos, o que vem a somar com os objetivos deste estudo, principalmente por ele permitir uma maior reflexão acerca da construção do conhecimento.

Nessa direção, acreditamos que o conhecimento se produz na medida em que os sujeitos se relacionam, seja num grupo, em sentido micro, ou em sociedade, admitindo a dimensão macrossocial.

O interacionismo tem em VYGOSTSKY um marco balizador a respeito do processo do conhecimento humano. Para ele, o conhecimento não se adquire por herança genética, mas é fruto da interação nas relações que o homem estabelece com o mundo, através do conceito de mediação.

Segundo OLIVEIRA, na concepção Vygostkyana:

Os elementos mediadores na relação do homem com o mundo – instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural – são fornecidos pelas relações entre os homens. Os sistemas simbólicos, e particularmente a linguagem, exercem um papel fundamental na comunicação entre os indivíduos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real. (OLIVEIRA 1997 p.40)

Assim, dentre os elementos simbólicos nas relações dos homens com o mundo, a linguagem tem papel fundamental. A linguagem é o elemento mediador da interação dos homens entre si e com o significado cultural da dimensão objetiva e subjetiva que compõe o conhecimento, produzindo o sentido que este tem para os sujeitos. A contribuição de VYGOSTKY vem a somar com nosso intuito de tentar entender os significados intrínsecos e extrínsecos da qualidade de vida para um grupo de jovens, procurando apreender os significados dizíveis e indizíveis das comunicações entre os mesmos.

## **2.1 Universo da pesquisa**

A Localidade Vila Santa Rosa, área de ocupação recente (anexo 1), está situada na região da Pampulha, na cidade de Belo Horizonte, (anexo 2) possui uma população de 1.125 habitantes, segundo os dados do Censo 2000, formulados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número de jovens de 14 a 18 anos que corresponde à faixa etária com a qual trabalhamos na pesquisa é de 120. Trata-se de uma localidade pobre, cuja renda, segundo as pessoas responsáveis pelas famílias, tem as seguintes características:

Em 101 domicílios a renda é de ½ a 1 salário mínimo, 95 famílias recebem de 1 a 2 salários mínimos, 43 possuem renda de 2 a 3 salários mínimos, 18 famílias recebem de 3 a 5 salários mínimos, 2 famílias declararam receber de 5 a 10 salários mínimos, 2 famílias recebem de 10 a 12 salários mínimos e 5 declararam não possuir rendimentos.

Com relação às características físicas dos domicílios, 266 são particulares, sendo do tipo casa 264 e 2 apartamentos. O abastecimento de água é de 100% pela rede geral, não havendo nenhuma fonte proveniente de nascente ou poço. O esgotamento é coberto 99,9% pela rede geral, embora não fique claro se o termo rede geral corresponde à rede oficial ou à comunitária. Dos 266 domicílios, apenas 1 não tem banheiro e a família utiliza fossa séptica.

O lixo é coletado pelo serviço de limpeza, atingindo 100% da população residente.

No tocante à escolaridade, existem 826 pessoas alfabetizadas e 167 pessoas não alfabetizadas. É importante ressaltar que conforme nos informa o IBGE, todos os jovens de 15 a 19 anos que residem na localidade são alfabetizados.

A pesquisa é realizada com um grupo de 20 jovens que compartilham pela primeira vez a experiência de inserção em um programa social, no qual suas vivências têm sido (re) significadas.

Para acrescentar informações sócio- econômicas quanto ao grupo pesquisado, além dos dados oficiais, foi aplicado questionário (anexo 3) aos 20 jovens que, participaram da primeira reunião do grupo focal, cujos resultados foram os seguintes:

A faixa etária é de 15 a 17 anos.

Quanto ao pertencimento étnico, resolvemos adotar a orientação de auto-classificação do IBGE.

[...] Em 1976 o IBGE buscou um modo de verificar em que medida as categorias do Censo se distanciavam da terminologia usada no cotidiano. Introduziu no seu levantamento uma questão aberta, que permitia ao informante definir sua condição racial usando termos do cotidiano. O resultado do levantamento deu conta de mais de uma centena de termos apresentados espontaneamente pelos informantes, mas mostrou que 57% deles poderiam ser enquadrados nas categorias censitárias.  
(QUEIROZ , 2002 p.3)

As categorias surgidas no grupo pesquisado foram preto (1), negro (1), morenos (7), morenos-claros (2),brancos (4), amarelo (1) e (1) não respondeu.

As 6 terminologias suscitadas por um grupo de 18 jovens (que responderam ao questionário) mostra a diversidade de conceitos sobre raça, no Brasil. Ao analisar o questionário pude observar que mesmo os indivíduos negros se consideraram morenos.

SILVA (1996), citado por QUEIRÓZ (2002), “observa que moreno é um termo de amplo uso entre os brasileiros, lembrando que até mesmo os indivíduos fenotipicamente brancos preferem se auto-denominar morenos.”

QUEIROZ (2002) concorda com SILVA (1996), para quem o termo moreno no Brasil corresponde a qualquer tipo físico, exceto às pessoas loiras e ruivas.

A tentativa de “clarear-se” está relacionada ao entendimento de que ser negro significa estar em um lugar social de inferioridade, frente a uma sociedade racista e preconceituosa. Ao discutir a questão da classificação das raças no Brasil através dos órgãos oficiais, fazendo um paralelo com a forma com que os jovens universitários da Universidade Federal da Bahia se vêem, a autora afirma que no Brasil existe um sistema de hierarquização social na qual a cor está associada ao

status social. A cor seria um importante meio de diferenciar as pessoas, e relegá-las a um determinado lugar social. Isso quer dizer que os negros muitas vezes, até mesmo como uma forma de resistência ao lugar de inferioridade, assumem o fenótipo da classe dominante.

No grupo em questão, não foi diferente. Some-se a isso, que a maioria do grupo é constituída por pessoas negras, o que não se configura em coincidência, visto tratar-se de jovens em situação econômica completamente desfavorável ao exercício da cidadania e a realidade de que a maioria dos negros brasileiros se encontra nesse quadro sócio-econômico.

Quanto à questão da escolaridade, os dados do questionário corresponderam aos do IBGE, confirmando que todos se encontram matriculados e regularmente freqüentando a escola. Este é um fator condicionante à inserção no Programa Agente Jovem. Doze dos jovens estão cursando as últimas séries do ensino fundamental, (entre os quais seis se encontram em situação de atraso escolar); seis estão no ensino médio (dos quais apenas uma cursa o 3º ano).

Segundo os dados do questionário, a renda familiar também coincide com o quadro mostrado pelos números do IBGE, trata-se de famílias médias, com mínimo de 3 e máximo de 8 pessoas, com o seguinte quadro de renda:

Até ½ salário mínimo – 03

½ a 1 salário mínimo – 01

1 salário mínimo – 05

1 a 3 salário-mínimo – 05

Não responderam : 04

Observamos que houve uma certa resistência dos jovens para responder a este item. Pareciam temer revelar esta informação. Acreditamos que seja por temerem o desligamento do programa, que estabelece, para inserção, que os jovens tenham renda familiar de  $\frac{1}{2}$  a 1 salário mínimo. Cabe destacar que, desde o início do trabalho de campo, houve o esclarecimento por parte da pesquisadora da inexistência de vínculo empregatício com a Prefeitura ou qualquer outra instituição. Todos os sujeitos foram informados dos objetivos da pesquisa e das finalidades propostas.

## **2.2 O Programa Agente Jovem**

A Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte, através da minuta<sup>1</sup>, na qual há uma proposta inicial do trabalho com os jovens ao qual tive acesso em julho de 2002, quando de minha visita à instituição, mostramos que o sentido do Programa Agente Jovem seria pautado nas diretrizes do Governo Federal, tornando-se proposta de ocupação para jovens de 15 a 18 anos em situação de risco e vulnerabilidade social, que não configure trabalho, mas que possibilite sua permanência no sistema educacional e proporcione experiências práticas que o preparem para futuras inserções no mundo do trabalho.

Os objetivos específicos do Programa Agente Jovem são os seguintes:

- 1- “Criar condições para inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema de ensino; promover sua integração à família, à comunidade, à sociedade”.

- 2- “Desenvolver ações que oportunizem o protagonismo juvenil”
- 3- “Preparar o jovem para atuar como agente de transformação e desenvolvimento de sua comunidade”.
- 4- “Contribuir para a diminuição dos índices de violência, uso de drogas, DST/AIDS, gravidez não planejada”.
- 5- “Desenvolver ações que facilitem sua integração e interação, quando da sua inserção no mundo do trabalho”.

Esse programa é uma proposta relativamente nova em Belo Horizonte, que teve início no caso da Vila Santa Rosa em julho de 2002, ocasião em que iniciei meu trabalho de campo. Como o grupo se encontrava no início das atividades, os jovens não tinham identidade de grupo, nem haviam estabelecido maior aproximação. Voluntariamente, atendendo a solicitação da administração do Centro Social, iniciei o trabalho de teatro com os jovens. A atividade de teatro transformou-se em momento de socialização dos jovens, tornando a comunicação com eles mais facilitada. Os jovens reuniam-se três vezes por semana e tinham atividade de capoeira e uma espécie de estudo dirigido ministrado pela responsável pela turma.

O projeto Agente Jovem faz parte do Plano Nacional de Segurança Pública, do Ministério da Justiça, que tem como característica principal se transformar em medidas preventivas para o enfrentamento da violência e da marginalidade, atuando em comunidades com alto índice de vulnerabilidade social.

---

<sup>1</sup> O documento citado não foi anexado por se tratar de uma proposta ainda em vias de efetivação concedida pelos coordenadores do Programa.

No Centro Social do Bairro Universitário, cujo público-alvo são os jovens residentes na vila Santa Rosa, participam 50 jovens, de ambos os sexos, com faixa etária de 15 a 18 anos, que se reúnem três vezes por semana, em duas turmas. A participação é induzida ou semi-induzida pelo incentivo econômico de uma bolsa de R\$65,00. Os critérios de inscrição e seleção são<sup>2</sup>:

- ter idade entre 15 e 18 anos;
- ser alfabetizados (priorizando aqueles que estão fora da escola);
- renda familiar igual ou inferior a meio salário mínimo;
- residir em área incluída no projeto de atuação social (BH-Cidadania);
- conviver com situações de violência e/ou risco pessoal e social;
- priorizar o atendimento para jovens sob medida sócio-educativa e medidas de proteção;
- oportunizar vagas para jovens com inserção e participação comunitária e com potencial de liderança.

O Centro Social do Bairro Universitário é propriedade da Associação de Moradores e foi construído no terreno cedido pela Prefeitura da Cidade de Belo Horizonte, no bairro de mesmo nome, próximo ao campus da UFMG. Segundo a diretoria atual, o centro social existe desde 1967, tendo funcionado inicialmente na igreja católica do bairro. Há apenas 4 anos está em nova localização. A edificação tem um escritório, duas salas, cozinha, refeitório e um auditório com capacidade para aproximadamente 100 pessoas.

---

<sup>2</sup> Dados obtidos através da minuta citada anteriormente, disponibilizada pela coordenação Geral do Programa Agente Jovem na Prefeitura da Cidade de Belo Horizonte.

No período de desenvolvimento da pesquisa havia dois projetos em funcionamento : o que atendia crianças de 6 à 14 anos denominado Programa de Socialização Infanto-Juvenil, e o Projeto Agente Jovem, cuja faixa etária atendida é de 15 a 18 anos.

O projeto Agente Jovem possibilita a problematização de questões vivenciadas pelos jovens, referentes à comunidade e outros temas relacionados a essa faixa etária. Trata-se de um grupo de formação e apoio econômico no qual as discussões são mediadas por um educador social indicado pela Associação de Moradores, que recebe capacitação quinzenal na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. O projeto Agente Jovem inicialmente teria a duração de 18 meses, mas foi transformado em programa de ação permanente, a partir de dezembro de 2001, devido ao compromisso firmado com a Prefeitura para assegurar auxílio financeiro. Trata-se de um trabalho que, ao mesmo tempo em que analisa as vivências no local em que estas acontecem, permitindo a identificação coletiva das questões a serem enfrentadas, possibilita aos sujeitos terem assegurado o pertencimento dentro do Centro social, significando e re-significando descobertas do campo de ação nos níveis individual e coletivo.

Para ampliar a compreensão sobre a localidade Vila Santa Rosa, caracterizando-a como região de periferia, contamos com a contribuição de BRAGA (1988).

Na concepção da autora, as regiões de periferia são áreas de topografia acidentada, onde as pessoas ocupam espaços cada vez menores. Às questões de ordem física e geográfica somam-se outras como a precariedade dos serviços públicos prestados à população: posto médico, escolas, etc.

Com a contribuição de BRAGA (1988), percebemos que a periferia caracteriza-se pela ausência ou precariedade dos equipamentos coletivos, mesmo em áreas próximas dos centros urbanos.

Os sujeitos da pesquisa, cuja residência se caracteriza segundo esta concepção, têm idade entre 15 e 18 anos. Quanto à questão etária, foi adotado o conceito de Jovem, tomando como referência a da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que corresponde à faixa de 15 aos 24 anos, na qual os jovens em questão se inserem. Para obter os resultados esperados na pesquisa, dentre a população total de 22 jovens, optou-se por convidar 12 deles para a entrevista individual. O número foi definido em razão de possibilitar um aprofundamento dos temas suscitados, dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa, que, conforme afirmamos, nos permite melhor verticalização dos dados. Somente foram entrevistados os jovens que atenderam ao convite para participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com a autorização dos pais por escrito, em formulário próprio (anexo4), no qual constava o título e a finalidade do trabalho. A estratégia de entrevista foi a história de vida.

As entrevistas nortearam a elaboração de eixos temáticos para o debate com todos no grupo focal.

A escolha deste grupo teve como elo propulsor a intenção de pesquisar sobre qualidade de vida e meio ambiente com jovens que não tinham participado de grupos e projetos ambientalistas, para que se mantivesse o mais possível a latência e a originalidade com que os temas propostos seriam abordados.

Isso porque, em nosso entendimento, seria mais rico e interessante que os temas não tivessem ainda sido (re) elaborados em outras experiências. Neste caso específico, o grupo faz parte de uma realidade social que responde aos requisitos acima mencionados. Cabe ressaltar que nos propomos a analisar qual o conceito desses jovens sobre qualidade de vida, verificando se e como o meio ambiente faria parte deste conceito. Não há aqui a preocupação de se buscar generalizações, embora acreditemos que as questões propostas por estes sujeitos, possivelmente são encontradas em grupos semelhantes.

Para GIL (1991) esse tipo de amostragem é denominada amostragem por tipicidade. Segundo o autor, a amostragem por tipicidade

Consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população. A principal vantagem da amostragem por tipicidade está nos baixos custos de sua seleção. Entretanto requer considerável conhecimento da população e do subgrupo selecionado.

(GIL 1991 p.97)

A amostragem por tipicidade ou amostragem intencional vem ao encontro da proposta por mostrar um caminho em que o pesquisador escolhe os sujeitos que farão parte da pesquisa segundo critérios que não estão baseados na estatística, mas sim na representatividade do conhecimento produzido pelos mesmos, seguindo a abordagem qualitativa.

Por crer que o conhecimento se constrói através da interação entre os homens, nesta pesquisa, a técnica de coleta de dados foi a observação participante.

A CICOUREL<sup>3</sup>, citado por HAGUETTE(1992), define a observação participante

[...] Como um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e em participando com eles em seu ambiente natural de vida, coleta dados. Logo o observador é parte do contexto, sendo observado no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto. O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado, o observador pode dispensar muito ou pouco tempo na situação da pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte da estrutura social ou ser simplesmente periférica com relação a ela.

(HAGUETTE(1992 p.71)

A observação participante tem como principal premissa a de que o pesquisador não está neutro no processo de construção do conhecimento e é portanto parte integrante do grupo. A técnica de coleta de dados pode nos permitir ver de que forma os jovens concebem o conceito de qualidade de vida e meio ambiente de forma interativa. Ainda que efetivamente os jovens da pesquisa não vivenciem a qualidade de vida tomada no sentido de maior positividade da palavra, acreditamos que esses sujeitos são capazes de construir conhecimento sobre a temática, a partir da concepção de VYGOTSKY a respeito da capacidade de pensamento. Nessa direção segundo a concepção de VYGOSTSKY,

O ser humano tem a possibilidade de pensar em objetos ausentes, imaginar eventos nunca vividos, planejar ações a serem realizadas em momentos posteriores. Esse tipo de atividade psicológica é considerada 'superior' na medida em que se diferencia de mecanismos mais elementares tais como ações reflexas (a sucção do seio materno pelo bebê, por exemplo), reações automatizadas (o movimento da cabeça na direção de um som forte repentino, por exemplo) ou processos de associação simples entre eventos (o ato de evitar o contato da mão com a chama da vela, por exemplo). (OLIVEIRA , 1997 p.26)

---

<sup>3</sup> A. Cicourel em Teoria e Método em Pesquisa de Campo in: A Z . Guimarães (org) Desvendando máscaras sociais. Capítulo II do livro Method and Measurement in Sociology. Nova York, The Free Press, (1969:19), 6ª edição (do mesmo autor).

## 2.3 Os procedimentos de coleta dos dados

Para alcance dos objetivos da pesquisa, foi utilizado como técnica de registro o diário de campo, seguindo esta recomendação:

Para se evitar excesso de anotações na presença do grupo, as observações são registradas sumariamente em um diário de campo, o mais breve possível, após a ocasião em que ocorreram, depois do início do trabalho. (...) Constam neste registro o dia, a hora do início e a do término da observação. (CORBISHLEY; CARNEIRO, 2001 p.84-85)

É importante destacar que a técnica observação participante foi tomada no registro da experiência, como dito anteriormente e também na postura do pesquisador em relação ao grupo.

Quanto à questão operacional, a captação da fala dos sujeitos pela técnica de entrevista deu-se pela tradição oral denominada história de vida, utilizada para captar as visões diferenciadas dos sujeitos em relação ao tema, produzindo o acesso a sua trajetória. DENZIN<sup>4</sup>, citado por MINAYO (2000),

Menciona vários tipos de história de vida: a) a história de vida completa que recobre todo o conjunto da experiência vivida por uma pessoa, um grupo ou uma instituição; b) a história de vida tópica que dá ênfase a determinada etapa ou setor da vida pessoal ou de uma organização.  
(MINAYO 2000 p.126)

Dentre os tipos existentes de história de vida, nossa escolha é pela história de vida tópica por ser a que melhor responde aos objetivos da pesquisa, uma vez que na realização da entrevista, enfatizamos os assuntos relacionados ao estudo.

Como foi dito anteriormente, sobre a amostragem por tipicidade, a escolha dos sujeitos é feita a partir da intencionalidade da pesquisa, com indivíduos que possam contribuir para o desenvolvimento do projeto.

---

<sup>4</sup> DENZIN, N.K. The Research Act. Chicago. Aldine Publishing Co. 1970.

As entrevistas para coleta de dados sob a forma de história de vida tópica foram realizadas com doze jovens que fazem parte do grupo. Estes foram divididos por gênero em dois subgrupos de seis jovens respeitando os seguintes critérios de participação:

- o (a) que mais fala;
- o(a) que menos fala;
- maior iniciativa no grupo;
- menor iniciativa no grupo;
- maior número de faltas;
- menor número de faltas.

A escolha desses critérios justifica-se pelo fato de tentar abarcar a diversidade do grupo, quanto ao gênero e características de participação. A questão da igualdade de gênero foi contemplada devido à hipótese de que as concepções sobre qualidade de vida e meio ambiente, pudessem ser diferenciadas.

O roteiro de questões foi o seguinte:

- Conte-me a sua vida, falando sobre o que você gosta e o que você não gosta no lugar em que mora.
- Qual o lugar mais longe que você já foi? Como foi a experiência?
- O que é belo? O que é feio?
- O que é agradável e o que é desagradável?
- O que você acha que é viver bem?
- O que é viver mal?

- De que forma você se diverte?
- Da sua infância até agora, você mora no mesmo lugar?
- Como é sua vida com seus vizinhos?
- Como é a sua casa? Com quem você mora?
- Qual o lugar preferido dentro da sua casa?
- Dentro da vila, qual o espaço que você mais gosta?
- E o espaço que você costuma até evitar passar, que você não gosta por algum motivo?
- Da sua infância até agora, houve alguma mudança na Vila?
- O que poderia acontecer no local que mora e na sua vida para que você se sentisse melhor?
- Qual foi a razão de você resolver participar do Projeto Agente Jovem?

Essas questões foram selecionadas para fazer emergir a concepção dos jovens sobre qualidade de vida e meio ambiente, de forma a abarcar aspectos objetivos e subjetivos de suas vivências. As questões foram utilizadas apenas como roteiro, para maior homogeneidade entre elas, mas procurou-se também contemplar a espontaneidade na fala dos jovens. Procurou-se o conceito qualidade de vida na ótica dos sujeitos, constatando a presença do meio ambiente como elemento integrante desta conceituação.

Os eixos estruturados identificados a partir das entrevistas foram:

***Consumo/qualidade de vida***

***Belo/qualidade de vida***

***Natureza/qualidade de vida***

***Cotidiano/qualidade de vida***

***Convivência/qualidade de vida***

***Família/qualidade de vida.***

Esses eixos permitiram construir referência para a identificação dos temas aprofundados nos grupos focais.

A coleta de dados contou com os seguintes instrumentos:

a) entrevistas individuais: como dissemos acima, as entrevistas serviram de base para a emergência dos temas a serem aprofundados nos grupos focais. Cabe ressaltar a realização de entrevista piloto com um dos jovens para testagem do roteiro.

b) Grupos focais – consiste em uma técnica de coleta de dados, na qual o pesquisador reúne um grupo, mantendo-se no papel de articulador e incentivador. Um dos objetivos do pesquisador é garantir o enfrentamento de um tema, através de questões abertas.

c) Questionário sócio-econômico – aplicado durante a reunião do grupo focal, para complementação das informações sobre os sujeitos.

A técnica de grupo focal baseou-se na contribuição de MINAYO (2000), que nos diz que a discussão de grupo ou os chamados grupos focais são realizados com um pequeno número de seis a doze informantes para que assim, as questões possam ser melhor trabalhadas. Os grupos focais são guiados na maior parte dos casos por um animador que faz intervenções no grupo, a fim de focalizar e aprofundar os temas em discussão.

A participação se dá a partir da escolha de um grupo ou tema determinado, cujas opiniões são de interesse da pesquisa. A autora nos diz que esta forma de coleta de dados é usada para:

- (a) focalizar a pesquisa, elaborando questões mais precisas.
- (b) complementar dados sobre acontecimentos do grupo em relação a crenças, atitudes e percepções.
- (c) desenvolver hipóteses de pesquisa para estudos futuros.

A realização da entrevista com a utilização de roteiro tem dois lados. No primeiro, é um ótimo recurso para delimitação do problema, mas por outro, o pesquisador não deve contar somente com a memória.

Ao tentar memorizar as questões, não foi possível perguntar tudo a todos. Mas como houve outros instrumentos, garantiu-se a participação da totalidade dos jovens.

#### **2.4 Primeiro encontro do grupo focal**

As questões apresentadas nas entrevistas individuais possibilitaram a emergência dos temas discutidos nas reuniões dos grupos focais.

Houve dois encontros para a realização dos grupos focais. No primeiro, os jovens foram reunidos no refeitório, onde receberam informações sobre as atividades, antes de irem para o auditório onde essas atividades seriam realizadas. O objetivo era estabelecer a relação de seus conhecimentos com o tema qualidade de vida, de forma participativa.

Para tentar apreender a composição do conceito qualidade de vida dos jovens e verificar se o meio ambiente se apresenta como elemento integrante nesse conceito, decidimos utilizar termos mais próximos da linguagem dos jovens, tendo como referência as entrevistas individuais. Para tanto, em vez do termo qualidade de vida, optamos por desdobrá-lo em duas unidades: viver bem e viver mal.

Foram espalhadas 50 figuras diferentes que pudessem representar e sugerir situações relacionadas com a qualidade de vida em nossa sociedade. Foram selecionadas figuras que pudessem remeter à idéia de viver bem e viver mal, utilizando as categorias suscitadas anteriormente nas entrevistas individuais. As figuras foram coladas na parede, de forma aleatória, para que a disposição não ficasse tendenciosa.

Ao som de uma música relaxante, um a um os jovens eram convidados a escolher duas figuras que melhor caracterizassem para eles o significado das expressões “viver bem” e “viver mal”. As escolhas eram gravadas com o consentimento dos jovens, que, para tanto, entregaram as autorizações dos pais por escrito.

Abaixo de cada figura, os nomes dos jovens foram registrados. Se a figura estivesse relacionada a viver bem, o nome era escrito em azul e se o jovem identificasse aquela figura como viver mal, o nome dele era escrito em marrom. Resolvemos proceder assim, para permitir que as mais diversas interpretações surgissem e que inclusive pudéssemos observar se haveria figuras com sentidos dúbios.

As figuras foram escolhidas a partir das categorias suscitadas pelos jovens nas entrevistas individuais. O momento de escolha das figuras, durante o grupo focal,

foi marcado pela relação das imagens realizada pelos sujeitos, transformando-os em espectadores, segundo a abordagem de AUMONT (1993):

As imagens são feitas para serem vistas, por isso convém dar destaque ao órgão da visão. O movimento lógico de uma reflexão levou-nos a constatar que esse órgão não é um instrumento neutro, que se contenta em transmitir dados tão fielmente quanto possível mas, ao contrário, um dos postos avançados do encontro do cérebro com o mundo: partir do olho induz automaticamente, a considerar o sujeito que utiliza esse olho para olhar uma imagem, a quem chamaremos ampliando um pouco de definição habitual do termo, de espectador.

(AUMONT 1993 p.77)

Para o autor, na relação sujeito-imagem, os sujeitos exprimem suas experiências de vida, colocando em jogo além da percepção, o saber, as crenças, e as características históricas e culturais. Neste sentido, a utilização das imagens tiveram como finalidade o estabelecimento de uma comunicação mais direta sobre as experiências individuais e coletivas acerca do conceito qualidade de vida.

Segundo AUMONT (1993),

Reconhecer alguma coisa em uma imagem é identificar, pelo menos em parte, o que nela é visto com alguma coisa que se vê ou se pode ver no real. É pois um processo, um trabalho, que emprega as propriedades do sistema visual.

(AUMONT 1993 p.82)

As propriedades do sistema visual, foram acionadas para que houvesse a análise das figuras de acordo com as experiências dentro e fora da localidade em que vivem. Nesse momento da pesquisa, ao propiciar a reflexão após a escolha das figuras, tencionamos verificar os elementos que compõem o conceito qualidade de vida, a partir dos aspectos simbólicos atribuídos às imagens.

Nesse sentido, concordamos com o autor quando afirma

Tenhamos em mente que a imagem só tem dimensão simbólica tão importante porque é capaz de significar – sempre em relação com a linguagem verbal. Convém notar que a que nos opomos implicitamente a certas filosofias da imagem que a consideram um meio “direto” de

expressão do mundo, em concorrência com a linguagem mas sem passar por ela, dispensando-a.

(AUMONT,1993 p.249)

Ele nos diz também, sobre a importância da leitura que o sujeito faz a respeito da imagem:

Se a imagem contém sentido, este tem que ser "lido" por seu destinatário, por seu expectador: é todo o problema da interpretação da imagem. Todos sabem, por experiência direta, que as imagens, visíveis de modo aparentemente imediato e inato, nem por isso são compreendidas com facilidade, sobretudo se foram produzidas em um contexto afastado do nosso (no espaço ou no tempo, as imagens do passado costumam exigir mais interpretação).

(AUMONT,1993 p.250)

A interpretação das imagens, pela ótica do espectador tem muito a ver com o trabalho, que nesta pesquisa, foi realizado com jovens. Em concordância com AUMONT (1993) acreditamos que as imagens não falam por si. A leitura interpretativa das imagens foram o fio condutor para melhor identificação dos jovens com os temas abordados no grupo focal. A interpretação das imagens tornou-se um recurso do qual dispomos para que os sujeitos representassem à seu modo, como vêem a si mesmos e aos outros, no tocante a qualidade de vida. Conforme iam escolhendo a figura, eram convidados a preencher um questionário de cunho sócio-econômico com questões semi-abertas para, como já foi dito, complementar as informações. Após o preenchimento do questionário, os jovens recebiam revistas, para lerem enquanto aguardavam a próxima atividade. Quando o último fez sua escolha, rapidamente as figuras foram coladas em folhas de papel craft com os temas viver bem e viver mal. O grupo foi dividido em dois para discutir o conteúdo dos cartazes. Os grupos funcionaram simultaneamente, com a ajuda de um auxiliar.

Ao final da discussão no subgrupo, fizemos uma avaliação do dia e agendamos o próximo encontro.

## **2.5 Segundo encontro do grupo focal**

Apesar de atravessar dificuldades quanto ao local de realização do grupo focal, já que não nos foi possível realizar as atividades no Centro Social, tivemos que nos reunir nas instalações da igreja católica situada dentro da Vila Santa Rosa.

Os jovens foram orientados a se encontrarem na quadra em que praticam atividades esportivas, localizada às margens do anel rodoviário, espaço bem próximo ao local onde nos reunimos.

Os jovens foram convidados a estabelecer relação entre os conteúdos dos cartazes sobre viver mal e viver bem (elaborados na primeira reunião do grupo focal) com suas vivências na localidade.

Durante as discussões nos sub-grupos, solicitei que cada grupo tivesse um relator que iria apresentar as questões elaboradas aos demais. Num segundo momento, reunidos todos, pedi que os relatores falassem as observações dos grupos e que se alguém quisesse manifestar opinião, o fizesse.

Após este momento, foi feita uma pequena avaliação dos dois dias e pude verificar que eles se sentiram importantes por verem suas opiniões sendo valorizadas.

A transcrição das gravações evidenciou que logramos êxito, apesar das dificuldades.

## **2.6- Considerações sobre a técnica de análise**

Para exame do material coletado, optou-se pela análise de conteúdo, por ser uma ferramenta oportuna, do ponto de vista operacional e qualitativo. Ela nos permite examinar as falas dos sujeitos, classificando-as por categorias. A análise de conteúdo compreende as seguintes etapas: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação.

Na fase da pré-análise, faz-se a organização do material, no caso a transcrição das entrevistas e do material obtido nos grupos focais. É nesta fase que se confrontam os objetivos iniciais e hipóteses da pesquisa com o material coletado para elaboração de indicadores que nortearão a interpretação final. O pesquisador realiza a leitura flutuante, que consiste em tomar contato exaustivo com o material, deixando-se impregnar pelo seu conteúdo. A dinâmica entre as hipóteses iniciais, as hipóteses emergentes, as teorias relacionadas ao tema tornarão a leitura progressivamente mais sugestiva e capaz de superar a sensação de caos inicial.

Na fase pré-analítica determinam-se a(s) unidade(s) de registro (palavra-chave ou frase), a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais que orientarão a análise.

Na segunda etapa, denominada exploração do material, é que ocorre a operação de codificação. Nesta fase, estabelecemos duas unidades de análise: viver bem e viver mal, para a classificação do material coletado. Para isso, após procedermos à definição das unidades de registro, fizemos o recorte das falas, colocando-as em colunas conforme a categoria correspondente. Nesse trabalho, os sujeitos

receberam códigos para assegurar o sigilo das informações e a preservação de suas identidades.

Após esse momento, realizamos finalmente a interpretação do conteúdo revelado durante todo o processo.

Nossa intenção é de através dessa técnica de análise, desvelar o conteúdo manifesto de forma latente nas falas dos sujeitos, sem o enquadramento deste material à estatística ou a outras formas de quantificação.

Nossa posição difere do tratamento que tradicionalmente é feito, conforme nos diz

MINAYO(2000):

Os resultados brutos são submetidos (tradicionalmente) a operações estatísticas simples (percentagens) ou complexas (análise fatorial) que permitem colocar em relevo as informações obtidas. (...) Porém há variantes na abordagem que no tratamento dos resultados trabalha com significados em lugar de inferências estatísticas.

(MINAYO 2000 p.210-211)

A contribuição de MINAYO ressalta a importância dos significados dos dados obtidos, que em sua concepção são centrais para análise dos dados na pesquisa qualitativa. Essa visão corrobora para uma interpretação mais profícua quando se considera a fala dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

### 3 CONSTRUÇÃO DAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Nesse capítulo, apresentaremos os autores que iluminaram nosso pensamento na condução do trabalho de pesquisa. Nossa intenção é levantar alguns aspectos teóricos sobre os conceitos qualidade de vida e meio ambiente, relacionados à organização da vida social e ao modelo de desenvolvimento vigente.

O objetivo deste capítulo é mostrar as bases sobre as quais, a dissertação foi sendo construída, dando destaque sobre as diferentes abordagens sobre o conceito qualidade de vida, com vistas a articula-las com as falas dos sujeitos pesquisados.

#### 3.1 O conceito qualidade de vida

*“Terra, és o mais bonito dos planetas, estão te maltratando por dinheiro, tu que és a nave nossa irmã”.*

*(Beto Guedes/Ronaldo Bastos)*

A frase acima, consagrada pela voz de Beto Guedes, nos impulsiona a pensar no planeta e na forma como está (des)organizada a vida humana, mediante as formas de desenvolvimento econômico assumidas pelos países. Sabemos que, historicamente, a vida social sofre transformações culturais e econômicas, construídas gradativamente pela sociedade como um todo. Os diferentes grupos sociais se mobilizam e se movem de maneiras variadas, tendo um leque de interesses que são a base dos movimentos sociais e das políticas públicas. Esse leque de interesses, no caso brasileiro, encontra na nova conjuntura instaurada

com a eleição de um governo popular um terreno potencialmente fértil para as transformações sociais necessárias ao desenvolvimento do país. A crença na possibilidade de mudanças sociais, em direção a uma sociedade mais justa e igualitária faz com que a perspectiva de uma nova qualidade de vida ilumine a nossa esperança. As questões oriundas dessa reflexão poderão nos ajudar a ver os jovens em situação de pobreza como sujeitos anunciadores de um novo tempo. Os jovens de periferia, ao problematizar sua condição social, trazem à luz os elementos constituintes do conceito qualidade de vida e meio ambiente, segundo suas percepções e vivências, contribuindo para projetos de educação ambiental mais centrados em seus interesses.

Neste capítulo, apresentaremos o conceito qualidade de vida, sem a pretensão de esgotar a discussão mais ampla que requisita, visando a identificar nesse conceito possibilidades de uma compreensão mais fecunda sobre a relação desenvolvimento humano e meio ambiente.

O entendimento dessa relação faz-se necessário para a compreensão do conceito qualidade de vida enquanto veio através do qual escoam as nossas idéias sobre as condições de vida as quais estamos sujeitos. Por isso, nas reflexões teóricas, nosso olhar está centrado no conceito qualidade de vida, buscando construir subsídios para projetos de educação ambiental que contemplem os interesses deste público-alvo. Não pretendemos esgotar a riqueza desta discussão, mas tecer algumas considerações que iluminarão nossa análise acerca da visão dos jovens de periferia sobre qualidade de vida e meio ambiente.

### 3.1.1 Algumas abordagens do conceito na literatura internacional

O conceito qualidade de vida é amplo e abarca vários elementos necessários à existência humana. Por essa razão, não pretendemos sintetizá-lo, mas apresentar ao leitor algumas de suas múltiplas dimensões.

Na literatura pesquisada encontramos informações valiosas quanto ao uso do conceito, que podem aclarar possíveis interpretações sobre o mesmo.

Para o levantamento de dados históricos sobre o conceito, utilizaremos o panorama aberto por CARMO (1993), no qual faz uma revisão da literatura das décadas de 70 a 90, mostrando como o conceito qualidade de vida foi abordado por diferentes autores.

Na obra em questão, antes de trazer à luz o conceito Qualidade de vida, o autor nos mostra que a Escola de Chicago teve um papel importantíssimo para o entendimento de uma Ecologia Humana como corrente de pensamento que não mais faria separação entre o homem e o meio, “procurando analisar também as formas de organização do homem no seu meio específico e as relações que ali se estabelecem”. Com a contribuição da Ecologia Humana, a partir dos pensadores da Escola de Chicago, abre-se um novo horizonte para a construção de conhecimentos sobre as condições ecológicas, sociais e culturais dos homens na vida social, o que vem contribuir de forma definitiva para a emersão do conceito qualidade de vida.

ANDREW; WITHEY (1976) apud CARMO (1993) realizaram uma importante pesquisa, que estendeu-se de inícios até meados dos anos 70, e fizeram

importantes considerações a respeito do conceito qualidade de vida. Para esses autores, o bem-estar (“well-being”) seria elemento central para a qualidade de vida individual.

CARMO (1993) informa que a pesquisa realizada por esses autores, entrevistando 5.000 norte-americanos, teve como objetivo a análise das diferentes percepções do bem-estar e de como essas percepções estavam organizadas mentalmente por indivíduos de diferentes grupos sociais.

Segundo CARMO (1993), os autores chegaram à conclusão de que o conceito qualidade de vida, no sentido mais usual, refere-se ao meio ambiente e às questões exteriores ao indivíduo, tais como poluição, qualidade das habitações, incidência de crimes, etc. Essas questões fariam com que os indivíduos se mobilizassem e exigissem das instâncias governamentais a melhoria e a resolução destes problemas para elevação da qualidade de vida.

Entretanto, dadas as dimensões individuais e coletivas das reivindicações, uma questão importante começava a se colocar para os políticos: se essas pressões se constituíam demandas coletivas, para o bem-estar dos indivíduos, ou se tais pressões seriam de cunho individual, geradas por fatores, como senso de realização, amor e afeição, percepção de liberdade, etc. O que faria com que qualidade de vida fosse na verdade um conceito oriundo de uma experiência individual.

Isto significa dizer que tanto na década de 70 quanto nos dias atuais, guardadas as devidas proporções, o conceito qualidade de vida possui uma dimensão pouco corpórea, que se torna alvo das mais diversas interpretações, justamente por contemplar questões individuais e sociais, objetivas e subjetivas.

A qualidade de vida vem sendo tratada como tema relevante em uma quantidade cada vez maior de trabalho em várias áreas do conhecimento, de modo que a compreensão do conceito inclui múltiplas caracterizações. Em vista de tal diversidade, a noção de qualidade de vida apresenta contornos diferenciados, nos quais, muitas vezes, determinados aspectos ganham relevância em função do momento histórico e das condições sociais, bem como dos fatores ideológicos e dos objetivos adotados em cada trabalho.

(PAIVA, 2003 p.26)

Vemos então que o conceito abre um leque de possibilidades que ganham relevo dependendo do contexto social e histórico em que este é analisado.

CARMO (1993), em concordância com as idéias de DUPUY (1980), afirma que o conceito qualidade de vida pode transformar-se em bandeira de luta por uma nova realidade social, calcada no equilíbrio ecológico.

O conceito qualidade de vida, para estes autores, torna-se uma forma de superação das dicotomias existentes entre desenvolvimento e meio ambiente, constituindo-se conjunto de fatores objetivos e subjetivos que seriam necessários para uma sociedade ecologicamente democrática, ou seja, que tivesse superado as barreiras da desigualdade social, de forma harmônica com o meio ambiente.

Como vimos até aqui, o conceito é muito complexo, por conter elementos objetivos e subjetivos, de cunho individual e social, que nos remete à ampliação do conceito meio ambiente.

Na perspectiva conceitual de CARMO (1993),

O conceito qualidade de vida pode vir a ser empregado como substrato a uma crítica em profundidade ao estilo de desenvolvimento vigente, identificando as distorções existentes e propondo uma via alternativa de desenvolvimento. Ou seja, colocam-se os parâmetros da atual qualidade de vida em comparação ao que eles devem ser em um sistema no qual vigore o desenvolvimento ecologicamente equilibrado.

(CARMO 1993 p.58)

Essa definição vem ao encontro de nosso objetivo por nos conduzir a crítica da sociedade atual em termos de desenvolvimento e meio ambiente, por entendermos que o conceito visto desta forma, nos ajuda a pensar um modelo de desenvolvimento que transcenda as desigualdades e a pobreza a qual estamos submetidos. Segundo PAIVA (2003), na abordagem adotada por CARMO (1993), qualidade de vida é abordada por meio de um esforço de isolar e discutir os impactos que as estruturas sociais e econômicas provocam no meio ambiente e nos seres humanos e nas suas vidas.

### 3.1.2 Qualidade de vida no Brasil

No Brasil, o acesso a uma qualidade de vida socialmente possível ainda não é assegurada para toda a população. Embora seja um país de grandes possibilidades, sociais e econômicas, o país conserva um legado de grande e profunda desigualdade social, principalmente no que tange à distribuição de renda. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD.2003), que analisa o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em mais de cem países,

O Brasil tem um grande legado de altas de desigualdades. Os 10% de domicílios mais ricos têm uma renda 70 vezes maior do que a dos 10% de domicílios mais pobres", exemplifica o texto. E estende a comparação para outras dimensões além da renda: "Nos últimos dez anos as taxas de analfabetismo dos Estados ricos e pobres têm ficado mais distantes". Enquanto na região Norte ela caiu apenas 1,2% (de 12,4% em 1990 para 11,2% em 2001), no Sul a queda foi de 4,6%, indo de 11,7% para 7,1%, aumentando as diferenças regionais.

A desigualdade social é de longe o aspecto mais visível do fosso entre ricos e pobres no Brasil. O Relatório do PNUD 2003 serve como instrumento importante

para a análise da qualidade de vida em nosso país. A bem da verdade, as diferenças sociais expressam de maneira significativa a ausência de uma universalização dos fatores mínimos de existência, garantidos pela constituição e que são condição para a efetivação da qualidade de vida para todos.

### 3.1.3 Qualidade de vida e desigualdade social

Na realidade brasileira, a desigualdade é um fenômeno social de grandes proporções, vivida por parte da população, excluída dos direitos a uma vida digna.

A desigualdade social tem sido uma das características predominantes no desenvolvimento histórico do Brasil, mesmo considerando apenas o período republicano. Os âmbitos regionais e rurais da desigualdade social nunca foram superados e o desenvolvimento industrial concentrador não conseguiu relegá-la a um passado.

(SCOREL,1999p.26)

Em sua análise, a autora afirma que a não superação da desigualdade social fizera com que, ao longo das últimas décadas (dos anos 90 até hoje), as camadas mais pobres vissem seu futuro de renda e consumo cada vez mais distante. Segundo SCOREL (1999), as crises dos anos 70 e 80 agravaram ainda mais a situação. O que fez com que na década de 90 o país fosse considerado o país de maior desigualdade social entre os de maior IDH.

Essa realidade é emblemática por mostrar de forma clara e objetiva a densidade da situação derivada da concentração de renda em mãos de uma ínfima parcela da população.

A qualidade de vida, no caso brasileiro, pressupõe medidas de cunho político e social que viabilizem um outro modelo de sociedade, no qual as questões

concretas e abstratas do cidadão sejam contempladas. Tem a ver com a nossa luta diária para nos constituirmos como agentes de transformação da realidade social em direção ao desenvolvimento humano. A questão do acesso ao consumo, embora tenha crucial relevância para a vida diária, não resolve o problema de não haver qualidade de vida assegurada para todos. Isso porque qualidade de vida transcende ao imediatismo das necessidades materiais humanas. A renda é importante, mas há outras dimensões que estão sendo aqui consideradas para discutir o conceito qualidade de vida. Para tanto, utilizaremos o conceito de desenvolvimento humano.

Segundo o PNUD<sup>5</sup>,

O conceito de Desenvolvimento Humano não se limita a tomar em consideração o rendimento per capita, o desenvolvimento dos recursos humanos e as necessidades básicas como medidas de avaliação do progresso humano, mas avalia também outros aspectos como a liberdade, a dignidade e a intervenção humanas, ou seja, o papel das pessoas no desenvolvimento.

Devido às restrições advindas da desigualdade no contexto brasileiro, alcançar o desenvolvimento humano é atingir níveis adequados de qualidade de vida, o que sem dúvida é o desafio que se apresenta a todos nós.

#### 3.1.4 Qualidade de vida e consumo

Qualidade de vida como vimos anteriormente é um conceito complexo que apresenta uma importante questão: como pensar o conceito relacionando demandas individuais e coletivas como também questões objetivas e subjetivas da existência humana?

ANDREWS; WITHEY (1976) citados por CARMO (1993), constataram que “a qualidade de vida pode incluir a medição de tudo que interesse a alguém”.

Pensado dessa forma, o conceito pode tomar caminhos contraditórios. Isso porque as pessoas possuem diferentes interesses e esses nem sempre caminham em direção á qualidade de vida, como por exemplo os que se tornam vítimas do alcoolismo, drogas e até mesmo do consumismo. Nessa direção, dentre a enorme variedade de elementos constituintes do conceito, abordaremos o consumo enquanto categoria analítica importante para sinalizar a qualidade de vida, principalmente tendo em vista que o consumo integra os elementos subjetivos e objetivos da existência humana.

Dentro das perspectivas deste trabalho, o consumo é também um elemento central na discussão sobre cidadania que, por sua vez, é o objetivo maior dos que procuram alcançar qualidade de vida.

Para compreendermos o consumo enquanto categoria analítica relacionando-o à cidadania, consideramos a contribuição de CANCLINI (1997), que apresenta quatro tipos de racionalidade para se pensar o consumo:

- a) **Racionalidade econômica** – Parte dos estudos marxistas. Nessa perspectiva, o consumo é um momento do ciclo de produção e reprodução social, onde se completam as etapas entre a geração de produtos, expansão do capital e reprodução da força de trabalho. Nessa abordagem, as necessidades e gostos pessoais não são determinantes do consumo. Quem decide sobre a maneira de distribuição dos bens são as grandes

---

<sup>5</sup> As considerações a respeito do IDH encontram-se no site do PNUD: [www.undp.org/hdr2003](http://www.undp.org/hdr2003) acessado em outubro de 2003.

estruturas de administração do capital. É o sistema econômico que planeja e executa as formas de reprodução da força de trabalho e a lucratividade advinda dos produtos.

b) **Racionalidade sócio-política interativa** - Desenvolvida por correntes da antropologia e da sociologia urbana, propõe uma teoria mais complexa entre produtores e consumidores. Nessa abordagem, há uma relação entre os grupos sociais, expansão educacional, inovações tecnológicas, e moda intervindo no consumo. O ato de consumir significa a disputa pelo que a sociedade produz e os modos de usá-lo.

C) **Racionalidade consumidora** – Presente nos trabalhos de Pierre Bourdieu, entre outros, afirma que há uma lógica na construção dos signos de status e nas formas de comunicá-los. Esta linha de pensamento, mostra que nas sociedades contemporâneas a racionalidade das relações sociais é construída não apenas na luta pelos meios de produção, mas sim na disputa pela apropriação dos meios de distinção simbólica. Para os pensadores desta abordagem, “A lógica que rege a apropriação dos bens enquanto objetos de distinção não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da escassez desses bens e da impossibilidade de que outros a possuam.”

(CANCLINI, 1997).

D) **Racionalidade integrativa e comunicativa** – Esta abordagem é a proposta por CANCLINI (1997), segundo a qual o consumo não é apenas uma arena de disputas. Nela acredita-se que o significado sócio-cultural dado aos produtos é

socialmente partilhado e, por isso, os produtos se tornam elementos de diferenciação ou discriminação conforme o interesse dos grupos sociais.

Ele continua afirmando que o consumo transcende a mera aquisição de bens e serviços. Para ele:

O consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado. (CANCLINI, 1997 p.53),

Entendido dessa forma, “[...] O consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e atos socialmente regulados”, CANCLINI (1997).

O consumo nos ajuda a compreender sob que base se assenta nossa qualidade de vida, ou seja, o que socialmente e individualmente valorizamos e tentamos obter na busca de uma vida digna. Por esta razão, concordamos com o autor sobre a vinculação entre consumo e cidadania, já que de nossa parte acreditamos que qualidade de vida tem estreita ligação com o processo social e político no qual estamos inseridos. Segundo CANCLINI (1997), a articulação entre consumo e cidadania só é possível dentro das seguintes condições:

- a) a existência de oferta de bens e mensagens representativos da variedade internacional dos mercados, com acesso fácil e igualitário para a população.
- b) informação confiável a respeito da qualidade dos produtos, com controle exercido por parte dos consumidores, refutando as pretensões e seduções da propaganda.

c) participação democrática dos principais setores da sociedade civil na organização material, simbólica, jurídica e política dos consumos: do controle da qualidade dos alimentos até as concessões de frequências radiais e televisivas, desde o julgamento daqueles que ao especularem, escondem produtos de primeira necessidade até os que administram informações estratégicas para a tomada de decisões.

Para o autor, estas ações estabeleceriam a compreensão de que o mercado é mais que um lugar de trocas de mercadorias, mas sim um espaço de interações sócio-culturais no qual os consumidores tornam-se cidadãos.

Nessa direção CANCLINI (1997) informa que :

Da mesma maneira, o consumo é visto não como a mera posse individual de objetos isolados, mas como a apropriação coletiva, em relações de solidariedade e distinção com os outros, de bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens.

(CANCLINI 1997p.66)

Relacionar consumo e cidadania significa a tentativa de reposicionar o mercado na sociedade, buscando reconquistar os espaços públicos e o interesse pelo público. Sua formulação amplia a visão usual sobre o consumo, ao não restringi-lo à satisfação de necessidades materiais, apontando-o como fonte na qual os desejos concretos e imaginários jorram. Isso significa que, para o alcance da cidadania, deve haver um novo posicionamento frente ao conceito. A cidadania transforma-se em ápice de um movimento pela qualidade de vida, na qual o consumo de bens materiais é elemento integrante.

A qualidade de vida articula-se ao consumo para despertar uma nova consciência sobre o significado da vida humana. Ao produzir bens e serviços, a sociedade

também se produz e constrói os significados inerentes aos aspectos objetivos e subjetivos da vida social.

Partindo dessas considerações, os consumidores transformam-se em cidadãos na medida em que apropriam-se do conhecimento sobre o lugar onde estão inseridos e das formas de participação política, econômica e social que gestam as bases da inter-relação qualidade de vida, consumo e cidadania. Dito dessa forma, esses três conceitos passam a ter uma estreita relação. Podemos dizer que a qualidade de vida é o estágio de desenvolvimento de uma sociedade na qual a distinção entre cidadania e consumo não precisa existir; ou seja, ao ser cidadão a pessoa teria em si o direito a participar da concepção do mercado e de seus desdobramentos. Esta é a luta daqueles que acreditam em uma sociedade mais justa e igualitária.

### 3.1.5 Qualidade de vida em Belo Horizonte

No âmbito regional, a Prefeitura de Belo Horizonte tem utilizado o Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU), a partir do trabalho de NAHAS (2002). Para a composição deste índice, a autora considerou a oferta de serviços e o acesso dos moradores a serviços oferecidos em locais mais ou menos distantes, utilizando-se transporte coletivo. Os dados básicos para o cálculo do IQVU são: abastecimento, infra-estrutura urbana, assistência social, meio ambiente, cultura, renda média, densidade demográfica, saúde, educação, segurança, esportes, serviços urbanos e habitação.

Como vimos, o IQVU é sem dúvida uma importante ferramenta que, segundo o *site* da Prefeitura de Belo Horizonte, tem sido utilizado na criação e implementação de políticas públicas.

Em 1996, época em que o IQVU começou a ser utilizado, segundo documento “ O índice de Qualidade de Vida Urbana” divulgado pela Prefeitura, em Belo Horizonte, a área considerada de maior qualidade de vida foi o centro da cidade, por ser o local de melhor e maior acesso a bens e serviços, mas também um local de grande poluição e ruído, o que na prática interfere na aferição da qualidade de vida. Tal fato mostra-nos que o IQVU na realidade depende da leitura dos que o operam. Ainda com estas limitações, o texto de NAHAS (1996), nos conduz a refletir sobre a qualidade de vida na cidade e seus significados, sobretudo para a malha urbana, servindo como referência importante para pensar a qualidade de vida.

### 3.1.6 Qualidade de vida e indicadores sociais

Ao pensar em qualidade de vida no Brasil, não devemos ficar presos somente a índices que podem, ainda assim, mascarar os problemas sociais que se sobrepõem á melhoria das condições de vida. A criação de fatores universais, como dizia há pouco, deve ser precedido da discussão sobre as formas existentes de mensurar a qualidade de vida, como vem sendo tratado até aqui, um conceito denso e complexo. Conceito este que se torna ainda mais amplo se considerarmos apenas o IDH como indicador.

CARMO (1993), já sinalizava que

os trabalhos realizados com indicadores, longe de representar verdade absoluta sobre os fenômenos sócio-econômicos, fornecem principalmente, indicações sobre as tendências destes fenômenos, possível magnitude, grupos sociais mais afetados, localização espacial, etc. Em outras palavras, os indicadores sociais constituem-se exclusivamente como instrumental possível- dentre outros- para tornar a realidade mais palpável e controlável, objetivando com isso elencar as condições plausíveis para implementação das transformações desejadas.  
(CARMO 1993 p.53)

Os indicadores são instrumentos que auxiliam a análise sobre a realidade, apontando as áreas que necessitam de transformação. No caso brasileiro, o IDH 2003 mostra que embora o país tenha avançado na área de saúde, com a implantação eficiente de combate à AIDS, e com investimentos na área de educação, a desigualdade na distribuição de renda permanece décadas com praticamente a mesma configuração.

Convém acrescentar que as medidas de contenção e prevenção à AIDS realizadas pelo governo brasileiro somadas a outros fatores, como a cultura, nos ajudaram a impedir a proliferação em massa da doença, como acontece nos países africanos.

Por se tratar de um indicador de âmbito internacional, o IDH é uma tentativa das nações unidas de trazer à luz as diferenças entre os países, possibilitando a criação de políticas de enfrentamento dos aspectos negativos que os números demonstram.

Para VERGARA (1996), o que motivou a criação desse índice foi o fato de que a utilização do Produto Interno Bruto (PIB) por habitante era insuficiente como

medida da qualidade de vida dos países por encobrir em muitos casos as desigualdades sociais e econômicas existentes.

Segundo este autor, o IDH é um indicador eficaz por considerar outras dimensões que não apenas a renda *per capita* da população de um país. VERGARA (1996) nos diz que para construção do índice, foram consideradas dimensões importantes da vida social: nível de saúde, representado pela expectativa de vida no nascimento; o nível de instrução, representado pela taxa de analfabetismo dos adultos e pela média de anos de estudos e finalmente a renda representada pelo PIB por habitante, levando em conta a diferença de poder de compra que existe de um país para outro e de que a renda não aumenta o bem-estar de toda a população de um país.

Em conformidade com essa visão, KOGA (2001) nos diz que:

Em 1990, o PNUD elaborou o Primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano, estabelecendo uma ruptura com a restrita avaliação do desenvolvimento dos países pelo PIB per capita, medida econômica que mascara a desigualdade social. Trabalha a noção de capital humano, isto é, o desenvolvimento das capacidades humanas e o modo pelo qual a sociedade respeita e incorpora tais capacidades. Desloca a análise da capacidade de renda e consumo para introduzir novos valores humanistas e humanizadores na análise dos países.

(KoGA 2001 p.67)

Assim, o IDH tem sido considerado um índice fundamental para avaliar a qualidade de vida no panorama internacional e vem ao longo dos anos apontando os aspectos que devem ser modificados nos países para contemplar a qualidade de vida que todos precisamos ter, em direção a uma vida plena.

A importância do IDH para o presente estudo reside em sua concepção epistemológica e ideológica. Trata-se de um índice cuja conformação transcende a abordagem quantitativa. O IDH introduz nos países analisados a discussão sobre

a qualidade de vida, propiciando a crítica ao modelo social vigente, fundamental para aguçar nosso olhar sobre o grupo social participante deste estudo. O índice oferece referências teóricas para dialogar com os dados coletados, frente aos sujeitos da pesquisa.

### 3.1.7 Delimitação do conceito na pesquisa

Como vimos, o conceito qualidade de vida segundo a orientação de CARMO 1993, pode ser empregado como um contraponto ao modo de desenvolvimento vigente. Trata-se de um conceito que se apresenta como uma ponte para a crítica ao modelo de desenvolvimento, apontando para caminhos de superação das contradições presentes na sociedade, propondo uma outra forma de desenvolvimento que o autor chama de desenvolvimento ecologicamente equilibrado. Por esta via, notamos que principalmente desde a década de 90, observa-se um movimento importante em busca de melhor qualidade de vida, no sentido de se atingir o pleno exercício da cidadania. No entanto, como o conceito é amplo, ele não se restringe às condições materiais, mas diz respeito a um horizonte para o qual seguem os anseios em direção a uma vida melhor. Ao abordar as questões sobre as quais seu grupo de pesquisa se debruça, tecendo considerações sobre as aplicações da psicologia na qualidade de vida, KOLLER (1996) , afirma que a qualidade de vida

Envolve condições satisfatórias, objetivas e subjetivas, de saúde , de educação e de desenvolvimento psicológico. A qualidade de vida abrange a percepção subjetiva dos indivíduos sobre seu bem-estar, a representação social da saúde, a qualidade do meio ambiente, as variáveis e processos sócio-psicológicos que protegem ou tornam os indivíduos vulneráveis ao stress da vida cotidiana.

**(KOLLER 1996 p.6)**

Ela nos convida a pensar a qualidade de vida em seus vários aspectos, inclusive o psicológico. Assim, a culminância da qualidade de vida significaria a satisfação das condições materiais e imateriais da existência humana. PAIVA (2003) não restringe o conceito à satisfação de necessidades apenas objetivas. Para ele, qualidade de vida significa o pleno exercício das potencialidades humanas. Segundo PAIVA (2003), a análise do conceito qualidade de vida pode abarcar duas abordagens, uma centrada no suprimento de bens e necessidades, e outra centrada no “bem humano” como maior objetivo das pessoas. O autor utiliza as contribuições de SEN; NUSSBAUM (1993), desenvolvendo o conceito pela abordagem da capacidade formulada por esses autores. A partir dessa abordagem, o autor critica os trabalhos desenvolvidos nos quais o conceito qualidade de vida diz respeito apenas à satisfação de necessidades e assim concorda com SEN (1993) que tais abordagens são utilitaristas. O autor mostra que o conceito qualidade de vida deve ser tratado não somente constituído pelos elementos que satisfazem as necessidades materiais, mas tendo como ênfase a capacidade das pessoas em dirigirem suas vidas para realizações benéficas (PAIVA, 2003). Nessa direção, o autor apresenta duas linhas de pensamento sobre o conceito qualidade de vida:

A primeira delas, correspondendo às abordagens mais tradicionais, é centrada nas necessidades humanas, com diversas caracterizações e desdobramentos, de modo que o problema da qualidade de vida apresenta-se em termos da satisfação de necessidades. No segundo caso a qualidade de vida é tratada não somente como comodidades que as pessoas buscam ou venham a adquirir, mas principalmente como capacidade de dirigirem sua vida para realizações proveitosas tendo em vista o florescimento humano, ou seja, a realização do bem humano, sendo que o problema da qualidade de vida passa a focar as pessoas e as condições constituídas nelas e no meio em que vivem.

PAIVA (2003), mostra nesta segunda linha de abordagem que o foco está na emergência do sujeito, o centro da discussão sobre qualidade de vida. Qualidade de vida, então, pressupõe o exercício da capacidade de cada pessoa em canalizar suas escolhas para situações proveitosas, saciando não apenas suas necessidades materiais, mas também as imateriais, atingindo o florescimento humano. A idéia do florescimento humano a partir da abordagem da capacidade nos ajuda a ter um outro olhar sobre qualidade de vida, para além do imediatismo das necessidades humanas básicas (ainda que reconheçamos sua importância) como alimentação, vestuário, moradia. Há maior sensibilização quanto os aspectos subjetivos como a dignidade, convivência, solidariedade. Por desenvolvermos a pesquisa com pessoas de baixo poder aquisitivo, que não possuem o mínimo de condições de vida, a perspectiva do florescimento humano nos faz ver que a qualidade de vida não se restringe à satisfação de necessidades materiais, mas engloba outros elementos como a liberdade e a auto-estima que são igualmente importantes. Ao pesquisar um grupo de jovens residentes na periferia de Belo Horizonte, adotar essa linha de abordagem, nos ajuda inclusive a desconstruir estereótipos oriundos de uma sociedade consumista, ainda que a capacidade de consumo para grande parte desse público seja bastante limitada. O horizonte desvelado pela abordagem da capacidade que enfoca o florescimento humano centra-se no sujeito e no desenvolvimento processual de escolhas que lhes sejam desejáveis para alcançar qualidade de vida.

Cabe ressaltar que a abordagem em questão, nos auxilia a ver mais detidamente que os sujeitos ainda lutam por condições básicas de sobrevivência, como é característico no grupo pesquisado, principalmente devido à desigualdade de condições vivenciadas no Brasil.

Pensamos que, a despeito das dificuldades que os sujeitos enfrentam, é possível - principalmente por se tratar de um grupo de jovens (que vivenciam uma fase da vida em que constroem suas referências históricas, culturais e sociais) - verificar quais os elementos constituintes de suas concepções sobre qualidade de vida e, assim, compor uma análise, que considere suas idéias e experiências.

A compreensão sobre o conceito de qualidade de vida para os fins da pesquisa foi constituída a partir das idéias de CARMO (1993) e de PAIVA (2003). Acreditamos que o conceito qualidade de vida nestas duas perspectivas torna-se rico e complementar. CARMO (1993) aponta críticas ao modelo de desenvolvimento capitalista, utilizando o conceito qualidade de vida como direção para uma sociedade ecologicamente equilibrada. Sua contribuição leva-nos a pensar nas bases históricas e sociais para a efetivação de um novo modelo econômico que contemple a qualidade de vida.

PAIVA (2003) amplia o conceito, ao dar ênfase ao desenvolvimento humano. Ele situa o conceito qualidade de vida como categoria chave para que haja florescimento humano. Ao romper com o paradigma utilitarista, PAIVA (2003) nos transmite subsídios para transcender ao imediatismo das necessidades humanas.

Entendemos que tanto CARMO (1993) quanto PAIVA (2003) estão propondo uma estreita ligação entre a crítica para um novo modelo de sociedade e a realização

da qualidade de vida, embora enfoquem respectivamente o macrocosmo da vida social e a forma das pessoas conduzirem o seu projeto de vida.

Essas referências auxiliam-nos a refletir sobre os sujeitos, ao buscar dialogar a crítica ao modelo de sociedade contemporâneo e a interpretação dos mesmos sobre sua condição social vivida e imaginada.

### 3.1.8 Desenvolvimento e florescimento humano

*“ Há que se cuidar do Broto pra que a vida nos dê flor e fruto”  
(Milton Nascimento/Wagner Tiso)*

No presente trabalho, buscou-se uma teoria que estabelecesse um elo entre desenvolvimento humano e qualidade de vida, ultrapassando abordagens que se restringissem aos aspectos macrosociais, e que caminhasse no sentido de focalizar as pessoas e seus cotidianos. Isso porque a pesquisa objetiva fazer emergir a concepção de jovens residentes em área de periferia sobre qualidade de vida e meio ambiente. Nossa intenção era destacar a importância de se levar em consideração outros aspectos da vida em sociedade, principalmente por acreditarmos que a realidade é múltipla e eivada de significados a ela atribuídos de acordo com a história dos sujeitos que a constituem, no uso de suas capacidades.

Utilizamos as considerações de PAIVA (2003), quando nos informa que o exercício das capacidades é tema central do desenvolvimento humano, configurando-se em paradigma adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU) desde 1990.

PNUD 1996, citado por PAIVA (2003), diz que “O nível de vida de uma sociedade não deveria ser julgado pelo nível de rendimento, mas sim pela capacidade das pessoas viverem as vidas que apreciam”.

A abordagem da capacidade, no que tange ao desenvolvimento humano, diz respeito ao conjunto de funcionalidades que as pessoas dispõem para realização de uma determinada ação.

Nesse sentido, a abordagem da capacidade diz respeito às dimensões micro e macrossocial, e, por não se prender aos determinismos econômicos, sociais, culturais e naturais, coloca como centro do desenvolvimento a pessoa humana na condução de seu projeto de vida.

SEN<sup>6</sup> (1993), citado por PAIVA (2003), revela que “a abordagem é baseada na consideração do viver como uma combinação de vários ‘fazer e ser’, com a qualidade de vida a ser avaliada em termos da capacidade de alcançar funcionalidades valoráveis”.

Para que houvesse o desenvolvimento humano, seria também necessário que as instituições responsáveis pelas políticas sociais assegurassem as condições plenas de vida para que houvesse o florescimento humano.

O florescimento humano, em nosso ponto de vista, diz respeito ao pleno exercício das capacidades humanas, desenvolvidas no processo do fazer-se sujeito. A impossibilidade de realização de escolhas proveitosas, a negação de oportunidades iguais, a castração do direito de sonhar, são fatores que

---

<sup>6</sup> SEN, AMARTYA k. Capability and well-being. In: NUSSBAUM, Martha C; SEN, AMARTYA K (ORG). The quality of life. Suffolk, U.K: The Ipswich Book/New York: Oxford University, 1993. P.30-53. Tradução de Maria Inês Gariglio em 12/11/2001.

corroboram para a deteriorização do desenvolvimento humano, por arrefecer a possibilidade de se obter um nível desejável de qualidade de vida.

### **3.2 Meio ambiente e desenvolvimento econômico**

O conceito meio ambiente para nós está intrinsecamente ligado à forma como tal é percebido em nossa cultura e na organização da vida social. Em nossa concepção, o meio ambiente é mais do que a visão contemplativa da natureza, já que muitas vezes para ter contato direto com o meio ambiente, procuramos lugares fora da zona urbana das cidades, que ainda não estejam degradados pela ação humana.

Para nós o conceito de meio ambiente transcende a preocupação sobre a degradação e nos ajuda a pensar o mundo de uma maneira mais holística. Melhor dizendo, o meio ambiente incorpora as relações humanas e suas implicações na interação com a natureza e os demais seres vivos. Como as relações humanas são construídas diferentemente no decorrer da história, neste capítulo vamos resgatar alguns fatos que fizeram com que o meio ambiente emergisse como preocupação social e, em algumas abordagens, como crítica ao modelo de desenvolvimento vigente.

### 3.2.1. Desenvolvimento e meio ambiente

O meio ambiente como questão social começou a ter destaque no âmbito mundial, segundo BARBIERI (1997), principalmente no pós-guerra, tendo como pano de fundo a preocupação dos países sobre o modelo econômico pautado no projeto de uso dos recursos naturais de maneira desordenada.

BARBIERI (1997) apresenta a hipótese de que, após o bombardeio a Hiroshima e Nagasaki e a possibilidade de destruição da Terra, a humanidade se deu conta dos problemas ambientais numa perspectiva mundial, dando lugar a uma discussão na sociedade sobre a finitude dos recursos naturais e na sobrevivência do homem na Terra. Ao tecer críticas sobre o modelo de desenvolvimento econômico na década de 80, que deu maior visibilidade ao problema da sustentabilidade, GONÇALVES (1984) também nos chama atenção, considerando a ameaça da destruição do planeta como um alerta: “Insistimos: 1945 – Hiroshima-Nagasaki – é um marco singular na história do processo civilizatório, pois colocou concretamente a possibilidade efetiva de extinção da vida não só da espécie humana, mas de toda espécie de vida”.

Para GONÇALVES (1984), a consciência da possibilidade de destruição de toda forma de vida no planeta, transformou o movimento ecológico numa instância contestadora do modelo econômico capitalista. Em sua contribuição, o movimento ecológico aparece como construtor de críticas e práticas para conter o que ele chama de tendência eco-suicida, causada pelo uso dos recursos naturais, em benefício de uma ciência e tecnologia não comprometidas com a melhoria das condições de vida humana na Terra. A questão da preservação da vida embora

central, não era única no movimento ecológico, cuja pauta de discussões incluía vários outros aspectos, caracterizando seu caráter difuso. A heterogeneidade dos assuntos discutidos, passou a ser instrumento dos opositores que tentaram desqualificar o movimento e torná-lo ilegítimo.

A heterogeneidade presente na agenda dos movimentos ecológico, segundo a concepção de GONÇALVES (1984) é positiva, e deriva de um outro modo de ver a vida em sociedade. Para o autor:

Esse caráter difuso não desqualifica o movimento ecológico. Ao contrário, é a fonte da sua riqueza e dos problemas enquanto movimento político e cultural. Ao propugnar uma outra relação dos homens (sociedade) com a natureza, aqueles que constituem o movimento ecológico estão, na verdade, propondo um outro modo de vida, uma outra cultura. (GONÇALVES, 1984 p.21)

A questão da legitimidade do movimento ecológico é importante na medida em que nos faz refletir sobre a resistência de setores da sociedade, na década de 80, quanto às contradições nas concepções desse movimento em relação ao desenvolvimento econômico e à sua proposição de alternativas para construção de uma sociedade onde se estabeleçam outras relações sociais.

A citação acima demonstra a concepção do autor sobre o movimento ecológico que para ele insere-se num processo histórico e cultural, e é propositor de outros valores sobre os quais a sociedade poderia se basear. O movimento ecológico dentro dessa perspectiva, tem a ver com um outro projeto de sociedade, na qual os homens tenham um outro olhar sobre a natureza. Durante o período desenvolvimentista brasileiro havia forças governamentais implicadas na desqualificação referido movimento para que a sua desmoralização arrefecesse as

críticas ao desenvolvimento econômico. Esta posição ainda se faz sentir em alguns fóruns sociais, tendo rebatimento até os dias atuais.

A tentativa de desqualificação dos movimentos ecológicos também se fez presente durante a minha graduação, no período de 1994-1999, pois as questões ecológicas eram vistas como apolíticas e, portanto, de caráter secundário.

Daí a minha inquietação como assistente social, já que nesta profissão precisamos fazer o levantamento das condições de vida das populações que incluem certamente a análise do espaço construído, e por conseguinte, questões referentes ao meio ambiente.

Ao desenvolver o processo de pesquisa observei que, para compor uma análise mais fecunda sobre sociedade e natureza, era preciso compreender o meio ambiente, aliado ao processo histórico de desenvolvimento econômico. Essa questão era salutar visto que remete às origens e possíveis alternativas para um equilíbrio entre o desenvolvimento e meio ambiente.

Segundo BARBIERI (1997), no Brasil, o modelo econômico desenvolvimentista, deflagrou um processo de industrialização - iniciado nos anos 30 e em pleno vapor nos anos 50 cuja meta era um crescimento capitalista vertiginoso, sem a devida preocupação com o uso mais equilibrado dos recursos naturais. Tal fato sinaliza a incompatibilidade do modelo econômico adotado com um interesse em utilizar adequadamente os recursos naturais e sociais. Um exemplo disso segundo o mesmo autor, é que em 1972 o governo brasileiro através de sua delegação na conferência de Estocolmo, defendeu o desenvolvimento a qualquer custo, sem o reconhecimento dos problemas ambientais.

Para o autor, o modelo de crescimento econômico iria agravar significativamente os problemas ambientais em todo o mundo, pois esses fenômenos extrapolam os limites regionais, locais e nacionais.

A desatenção intencional dos países capitalistas desenvolvidos para com as questões ambientais pode ser ilustrada com a dificuldade de implementação do Protocolo de Kyoto, firmado em 1997, que prevê que os países desenvolvidos devem cortar as emissões de gases tóxicos e nocivos à atmosfera em 5,2% em relação aos níveis registrados de 1990, no período de 2008 à 2012<sup>7</sup>. Por não concordar com essa proposta, dizendo que a medida afetaria a economia do país, os Estados Unidos, país inegavelmente maior emissor de CO<sup>2</sup> do planeta e responsável por 25% da emissão de gases tóxicos, abandonaram a proposta em março de 2001. Japão, Canadá e Austrália fizeram eco ao discurso norte-americano, discordando das taxas de diminuição propostas no documento. Isso demonstra as dificuldades de conciliação entre o desenvolvimento econômico nos moldes da expansão capitalista e a efetiva preservação do espaço terrestre.

O presente exemplo reflete a necessidade de ver o meio ambiente numa perspectiva mais ampla, que envolva o desejo de uma sociedade construída em bases mais humanas.

A crítica ao modelo econômico capitalista, a proposta de uma sociedade mais justa e humana, também está presente na perspectiva apresentada por GUATTARI (1990), para ele:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução

---

<sup>7</sup> **Folha de São Paulo: *online* acessada em 14/02/2002.**

política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Esta revolução deverá concernir, portanto, não só as relações de forças visíveis em grande escala mas, também os domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.  
(GUATTARI 1990 p.9)

O autor propõe uma revolução social e política para fazer frente à crise ecológica, que deve ser dimensionada de forma a não ficar reduzida aos aspectos materiais, mas diz respeito também à esfera individual e coletiva que pode reorientar uma ação política para efetiva mudança de atitude da sociedade para melhor qualidade de vida.

O autor nos mostra que somente uma articulação ético-política seria capaz de mobilizar a sociedade entre os três elementos constitutivos da ecologia: O meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana.

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos ( o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões.

(GUATTARI,1990 p.15)

Nessa perspectiva, o conceito de meio ambiente não se refere apenas à conceituação biológica (bicho-planta), mas também às relações sociais que desenvolvemos ao longo da história e que traz não apenas a marca objetiva da sobrevivência, mas também os elementos simbólicos, éticos, subjetivos, das relações sociais. GUATTARI (1990) mostra que, apesar do modelo econômico ter

promovido a transformação do homem em mercadoria, é possível significar a vida de modo a constituir outras formas de sociabilidade, pautada no projeto de transformação social e política.

Ainda segundo o autor, “A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc.” (GUATTARI,1990).

O que nos conduzirá a uma visão de mundo em que o meio ambiente seja indissociável de uma forma de desenvolvimento econômico em que a ética e o respeito entre os homens e a natureza sejam construídos em outras bases, que não estas da sociedade em que vivemos.

No que se refere às políticas públicas, a partir da Constituição de 1988, o meio ambiente aparece como preocupação social, resultado das reivindicações dos movimentos sociais. Nesse cenário, a ECO 92, fórum realizado no Rio de Janeiro, cria várias recomendações políticas e sociais para mitigar a degradação ambiental causada inclusive pelo mau uso dos recursos naturais devido ao modelo econômico adotado. A lei de nº 9795 de 27 de abril de 1999, que trata da Política Nacional de Educação Ambiental, em seu artigo 2, diz que:

“A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

A educação formal não tem primazia sobre a educação ambiental, devendo esta ser articulada em todos os setores da sociedade, não ficando restrita a uma disciplina específica. Através da educação ambiental, o meio ambiente deve ser

preservado produzindo relações entre as pessoas e os espaços físicos de forma mais saudável.

Os espaços físicos nos quais a educação ambiental deve fazer parte não podem estar restritos à esfera da escola, e devem vir a ser instrumento propositivo para uma sociedade mais justa. Nesse sentido, é desejável que a educação ambiental aconteça em espaços educativos nos quais as preocupações sobre a vida social se faça presente.

A relação homem-natureza é um tema interessante que vem à baila sempre que fazemos uma leitura sobre o meio em que vivemos, e sobre a forma como nos relacionamos com a vida. O homem, diante da altivez adquirida por ser animal racional, tem mantido uma relação de distanciamento ou mesmo de dominação de outros seres. É interessante notar que, com o avanço da ciência, principalmente com o Projeto Genoma, evidencia-se a ausência de fatores biológicos a sustentar esse distanciamento. Acreditamos que organizar o pensamento sobre esta relação, através das falas de sujeitos que atuam na área de meio ambiente na cidade de Belo Horizonte, nos propicia um momento de reflexão sobre o tema, articulando-o ao que vimos na literatura sobre qualidade de vida e meio ambiente.

### 3.2.2. O conceito de meio ambiente na pesquisa

As questões sobre meio ambiente, embora venham se popularizando, tornando-se assunto da ordem do dia, principalmente na mídia, não encontramos na literatura consenso na comunidade científica acerca do conceito de meio ambiente.

Neste estudo, consideramos o meio ambiente como,

O lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído.

(REIGOTA,2001 p.4)

Com a contribuição de REIGOTA (2001), percebemos o meio ambiente não apenas quanto aos elementos naturais, mas englobando também as relações humanas no espaço construído.

Compreendemos o meio ambiente como o lugar onde as relações humanas se fazem, a organização do espaço social no qual as pessoas residem. A realidade pesquisada está em constante movimento. Nela as relações sociais e culturais são construídas, e onde a tradição convive com a atualização dos valores, através das comunicações entre os atores.

Ao concebermos o meio ambiente dessa forma, expande-se o horizonte da pesquisa, pois o homem busca em seu meio social e cultural razões para ressignificar sua vida na direção de caminhos alternativos e saudáveis de sobrevivência.

A busca na experiência em grupo torna-se coletiva e, através das experiências, compartilha-se novas atitudes, procedimentos, num processo que engloba as dimensões já definidas por GUATTARI (1990) sobre o meio ambiente: as relações sociais e a subjetividade.

A produção da subjetividade é histórica e espacial. Sendo assim, a definição de REIGOTA (2001) nos ajuda a compreender que as transformações no espaço físico são também produzidas na dimensão interna comunicada através da linguagem.

A experiência em grupo, vivida pelos sujeitos da pesquisa, propicia um espaço de reflexão, no qual o meio ambiente torna-se um elemento potencial de sua concepção da qualidade de vida, no âmbito individual e coletivo.

Nessa direção, tivemos como foco um grupo de jovens residentes na periferia de Belo Horizonte, para descobrir o conceito qualidade de vida, verificando se o meio ambiente é um elemento integrante deste conceito.

### 3.2.3- Meio ambiente e qualidade de vida na visão de sujeitos presentes nos três maiores projetos de educação ambiental em Belo Horizonte

Dada a amplitude dos conceitos qualidade de vida e meio ambiente, além das referências teóricas, buscamos a contribuição de pessoas ligadas a projetos de Educação Ambiental na cidade de Belo Horizonte, de forma a produzir um diálogo com os sujeitos da pesquisa. Os entrevistados, que aqui têm nomes fictícios para assegurar-lhes o anonimato e sigilo das informações, representam três expoentes no tocante ao desenvolvimento de propostas de cunho ambientalista. As concepções foram gravadas em entrevistas individuais, com consentimento unânime. As instituições abordadas foram o Projeto Manuelzão, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e a Associação Mineira de Defesa do Ambiente. É importante dizer que trata-se de pessoas representativas das instituições, mas que não falam em nome da entidade e/ou projetos com quais estão envolvidos.

#### **Júlio - Projeto Manuelzão**

Para ele, o conceito qualidade de vida está pautado em três elementos: saúde, meio ambiente equilibrado e cidadania.

Em sua concepção, o conceito qualidade de vida é uma extensão da civilização humana e está interligado ao conceito de meio ambiente. A qualidade de vida teve uma maior ênfase, principalmente quando considerada a questão da saúde, vista como algo além da questão médica. Por ser um profissional da área médica, ele disse observar nas comunidades nas quais o comitê de seu projeto está inserido, uma grande expectativa da população em torno do status do médico, como se

este representasse uma garantia desde sua chegada, à elevação da qualidade de vida através da assistência médica.

Júlio, chama atenção para o fato de que a saúde é algo essencial no sentido de obter níveis elevados de qualidade de vida. Segundo ele, para os integrantes do Projeto Manuelzão:

[...] a saúde é um conceito muito mais amplo que a simples assistência médica, como a maioria das pessoas entende. Se você fala em saúde, você lembra de médico, hospital, remédio, laboratório. Claro que é uma parte importante, mas para se ter saúde precisa de qualidade de vida. E como se adquire qualidade de vida? Aí então o ambiente passa a ser fundamental.

Júlio nos informa que, segundo estudo realizado no Canadá nos anos 70, chegou-se à conclusão de que, no tocante à saúde, a questão médica representa apenas 10 % enquanto o ambiente contribui com 60%, além das questões genéticas e culturais que também foram consideradas. O que segundo ele, demonstra claramente o quanto o meio ambiente interfere na elevação da qualidade de vida.

Em sua definição, qualidade de vida

É o resultado de uma série de aspectos que movem a vida humana. Para você ter qualidade de vida tem que ter saúde. Mas você também tem que ter cultura, educação. Tem que ter renda, trabalho, e você tem que ter expressão social, aí a cidadania. Sua inserção no mundo que você vive. E você tem capacidade de influir, ser influenciado pelo conjunto, mas você influir também . Não só votar e ser votado. Participar das decisões que regem o dia-a-dia da sociedade. A cidadania é que vai definir as ações do homem, através do Estado, dos órgãos, que vão fazer parte daquele território.

Ainda nesta primeira concepção, qualidade de vida integra aspectos estéticos, já que o belo faz parte de sua representação a respeito das condições de moradia:

“E isso também é qualidade de vida: morar num lugar que você tenha prazer, pela natureza, pelo lado estético, visual. Ninguém gosta de lugar bagunçado, detonado, em ruínas. É a natureza bem cuidada aos olhos humanos”.

Uma questão interessante aos olhos desse entrevistado é a cidadania, que para ele não se restringe ao exercício do voto, mas é vista como expressão social. A cidadania é o poder possuído por toda a sociedade de participar das decisões do Estado através dos seus órgãos. Além dessa questão, Júlio nos diz que o sujeito só obtém qualidade de vida através da saúde, cultura, educação e renda.

A qualidade de vida é o resultado da articulação desses elementos, acrescidos de outros como educação, cultura, lazer, renda, transporte e trabalho.

Na sua opinião, deve haver harmonia na relação sociedade e natureza para que o meio ambiente seja equilibrado. O meio ambiente também é um elemento considerado essencial para conseguir boa qualidade de vida, correspondendo a 60% de importância para a saúde.

É interessante perceber que, para Júlio, o homem é natureza, mas dada a artificialidade da vida humana, embora busque na natureza os produtos necessários à existência tais como madeira, ferro, areia, etc; nem sempre se preocupa com a forma como são adquiridos.

Ele é natureza. O homem acha que, pelo fato de viver e trabalhar num ambiente todo artificial, por exemplo, nós estamos aqui nesta sala, prédio, luz, computador, telefone. A gente acha que esta é a vida, mas para se ter isto aqui, foi preciso buscar na natureza. Você buscou areia, minério de ferro, madeira, quer dizer tudo que está à nossa volta, a roupa que estamos vestindo, o material que estamos gravando, veio da natureza, mas o homem esquece isso. Acha que esse é o melhor meio ambiente pra ele viver. Então, a gente sempre tem que lembrar as pessoas que ela depende 100% do que está ali fora. O ar vem cá pra gente respirar e a gente pensa: vamos ligar o ar condicionado, que é o mesmo ar que vem de fora, porém refrigerado.

Um outro aspecto que lhe chama atenção é a pequena diferença biológica entre o homem e os outros animais mamíferos. Em sua concepção, afirma que as pessoas ainda se chocam com o fato de que o organismo dos seres humanos é semelhante ao da vaca e do porco.

Júlio afirma que, embora sejamos animais racionais, nos colocando como seres superiores, diferentemente dos animais irracionais, somos os responsáveis pela poluição e degradação ambiental.

Júlio afirma que, como qualquer outro animal, o homem precisa ter um ambiente equilibrado, e, para isso também deve ter acesso à educação para que tenha uma outra postura com relação à sociedade e natureza.

Então, nós temos nosso lado natural mesmo, e o nosso organismo é como de outro animal qualquer. Portanto, como eles, nós precisamos de ter um ambiente equilibrado. Nós temos um ônibus que serve pra educação ambiental com escolas, e tem uma frase lá assim, o destino do peixe anuncia o nosso. Se você matar os peixes, significa que você transformou a água e a água dos rios é um organismo vivo. A água em si é H<sub>2</sub>O, mas a água dos rios contém vida, bactérias, fungos.

Essa preocupação corrobora com nossa interpretação sobre qualidade de vida e consumo, como vimos anteriormente.

### **Mário – Secretaria Municipal de Meio Ambiente**

Na concepção de Mário, os conceitos qualidade de vida e meio ambiente são complexos, apresentando críticas a uma definição, ou a redução a um único fator como determinante. Para ele, o conceito qualidade de vida é inclusive abordado em oficinas ministradas pela instituição à população em geral. O fator primordial em sua análise é o saneamento básico, a drenagem adequada, a coleta de resíduos sólidos, o sistema de esgoto e o abastecimento de água. Conforme essa visão, o funcionamento de tais itens de maneira satisfatória, seria indispensável à qualidade de vida. Qualidade de vida, em sua visão, agrega também o acesso a educação, meios de transporte, renda, lazer e saúde (preventiva e ambulatorial).

E o que a gente percebe é que todos estes conceitos acabam se amarrando: para se ter saúde é necessário ter educação, pra se ter educação é necessário ter renda, também ter transporte. Para se ter saúde também é necessário ter saneamento, que o próprio nome da palavra já relaciona. Então, tem uma série de fatores que vão interferir na qualidade de vida e muitos outros mais. A gente tem que analisar não só um como os diversos fatores em conjunto, para ver se há uma boa ou má qualidade de vida.

Vimos que houve uma concordância com o entrevistado 1 em função de que para ambos o conceito qualidade de vida agrega diversos fatores que incidem na dinâmica social da vida moderna.

A fala de Mário se encontra com a do primeiro no tocante à importância da saúde para se adquirir qualidade de vida, pois também afirma que a saúde transcende à assistência médica e hospitalar. A diferença reside no enfoque dado à questão psicológica. Por essa via, considera que a satisfação dos indivíduos através do consumo não garante qualidade de vida. Para esse sujeito, as questões materiais não resolvem os problemas internos, de prazer e felicidade. É preciso ser “bem resolvido psicologicamente” para que os indivíduos se realizem como sujeitos, buscando significados para a sua vida.

Como se nota abaixo:

Um outro aspecto desse conceito que temos que abordar é a questão psicológica da qualidade de vida. O que é qualidade de vida? Se você está bem e de bem. Você pode ter todos estes recursos disponíveis, transporte, saneamento, educação, renda, saúde, lazer, recursos de viver, mas se você não tiver uma questão psicológica, como diria bem trabalhada, você pode não ter qualidade de vida. Por estar infeliz, sem qualidade no seu ambiente.

Por se tratar de um representante de instituição governamental, Mário afirma que as formas como tem sido analisada a qualidade de vida, segundo estudos da Prefeitura de Belo Horizonte, mascaram outros fatores que incidem na qualidade

de vida. Ele afirma que ainda não existem estudos que possam aferir de maneira significativa a qualidade de vida na cidade.

Mário afirma ainda “Com relação à qualidade de vida é importante dizer que não se pode restringi-la, a uma coisa só. Ela é muito ampla e a dificuldade é exatamente ver até onde a gente deve considerar. Qualidade de vida não é um conceito simplório”.

Para todos os sujeitos entrevistados o conceito qualidade de vida dever ser pensado em diversas dimensões, indo de uma escala macrossocial até chegar ao indivíduo e suas representações sobre a vida social. Foi interessante notar que nenhum dos sujeitos reduziu o conceito à satisfação de necessidades, o que evidenciaria a abordagem utilitarista, apresentada no capítulo sobre qualidade de vida. Ainda assim, a dimensão comportamental dos indivíduos na sociedade, sobretudo em relação ao consumo, foi apresentada com mais detalhes na fala do próximo entrevistado.

### **Magali- Associação Mineira de Defesa do Ambiente**

Para Magali, qualidade de vida e meio ambiente devem ser vistos em sua complexidade. Qualidade de vida, em sua opinião, é um conceito particularizado:

Acho que existem diversas visões do que significa qualidade de vida, que na verdade é um conceito meio particularizado. Cada um tem uma idéia do que é qualidade de vida pra si. Mas acho que é você ter por exemplo uma água de boa qualidade, um alimento de boa qualidade, você respirar um ar de boa qualidade, você ter como se locomover de forma correta, você ter sono, você ter lazer, todos estes fatores ambientais ou não, juntos apresentam a qualidade de vida em si. Então não existe em separado, tal fator vai trazer qualidade de vida, seria um conjunto de fatores, não só ambientais, culturais, sociais, que levam a determinado indivíduo ter qualidade de vida em si.

Em sua análise, as pessoas deveriam ter acesso a uma educação de qualidade que as fizesse se comportar de outra maneira sobre o consumo, mobilizando-o para uma nova postura sobre o meio ambiente, tendo maior consciência em relação à produção do lixo.

Tem de trabalhar de forma a educar, mobilizar, porque o cidadão ainda não tem o conceito de que ele é parte do meio ambiente. Ele não criou esse comportamento. Você percebe muito isso em relação ao lixo. Você vai ao supermercado e você aceita que te dêem um produto em qualquer lugar, com cinco embrulhos, vem no negócio de alumínio, depois vem numa caixa, depois vem num outro saco, depois no outro e você sai com aquilo, você não questiona. Chega na sua casa você utiliza o produto que você comprou pro seu benefício, o resto você joga fora. Quer dizer, você entende, o consumidor entende que aquilo não é dele.

Para Magali, o cidadão deve entender que o consumo de um produto não se reduz ao ato da compra. Isto significa que deve haver responsabilidade com tudo o que se adquire, inclusive com o futuro das mercadorias pós-uso.

Nessa direção, Magali declara:

Você comprou por sua livre e espontânea vontade, usufruiu do benefício, e o que sobrou, você não quer. Você acha que não te serve, então você fica isento da responsabilidade sobre aquilo. E você coloca e diz isso aqui agora é do governo, eu fiquei com o lado bom que eu queria, agora o outro, eu não tenho nada com isso, eu não comprei isso não. Comprou, entendeu! Quando você compra o produto, compra tudo, é um pacote fechado então você deveria ter responsabilidade com o que sobrou. Mas as pessoas não têm. Então se você somar que 90% das pessoas não tem essa visão, aí você imagina o tanto de desperdício, de acúmulo, né. Então tem esta questão que hoje se fala muito que é a questão do consumo. Será que é necessário consumir tudo o que a gente consome?

Ela acredita que este comportamento frente ao consumo não acontece apenas no cenário nacional, mas em países como os Estados Unidos onde há maior desenvolvimento econômico. O consumismo em sua visão dificulta uma maior conscientização por parte das pessoas sobre a questão dos três Rs: reduzir, reciclar e reutilizar.

No Brasil talvez não se consuma muito por questões econômicas, mas em países que têm uma economia maior como os Estados Unidos por exemplo, as pessoas consomem 10, 100 vezes mais do que precisam, jogam tudo fora. Entendeu? O negócio é comprar, como se os recursos fossem ilimitados. Então estes conceitos, hoje o conceito reciclar já está bastante arraigado nas pessoas. Que seria dos três erres o menos adequado.

Em sua análise, o conceito reciclar é o único dos três erres que está sendo assimilado na sociedade. Porém, em sua visão, é o menos adequado porque “quando você recicla você volta a matéria prima, então você tem um gasto energético, que é um gasto energético do planeta que você está consumindo também.” Nessa direção, o entrevistado 3 aponta que a reutilização faz com que o ato de consumir seja precedido por uma consciência crítica sobre a poluição e o tratamento do lixo urbano.

Quando você reutiliza, consome com consciência, deixa de consumir o que você não precisa, você não tem gasto nenhum, você está fazendo uma economia. E estes fatores de você repensar o consumo e de você reutilizar as coisas, dá uma outra utilização ainda não ta muito bem. As pessoas ainda não entenderam.

Compreender os conceitos qualidade de vida e meio ambiente segundo as concepções de pessoas que desenvolvem projetos na área, atualiza e areja nossas idéias, junto à bibliografia pesquisada.

Os elementos que constituem as diferentes visões sobre qualidade de vida e meio ambiente como educação, consumo, moradia, lazer, estão plenamente articulados com o imaginário social do grupo pesquisado, como se verá na análise dos dados. O conceito qualidade de vida tem a ver com a nossa postura diante da dualidade entre possibilidades e ausência de oportunidades de realização pessoal, profissional, etc.

Em concordância com a visão do terceiro entrevistado, pensamos que o conceito qualidade de vida é amplo e abarca múltiplas questões internas e externas aos indivíduos. Porém, é pela via da educação que se abrem os horizontes, como sementes no terreno infértil.

Ter a consciência despertada pela educação é um caminho possível para adquirirmos uma nova postura sobre a própria existência. No momento da entrevista 3, percebi que a mudança de comportamento ocorre em longo prazo. Mas todos somos capazes de mudar, depende de cada um. Talvez seja verdade que

O mais difícil do nosso trabalho é a mudança de comportamento. Porque ela não acontece de uma hora pra outra e é muito difícil de você é computar, você falar: este comportamento foi devido a isto, não existe. Você vai informando, comunicando, mobilizando, até que a própria pessoa vai criar o conceito. Você não passa pra pessoa um conceito e daí pra frente, você falou, fez uma palestra é lei e a pessoa sai “pianinha” fazendo tudo isto, não existe. Então essa é a luta da existência e acho que ela só é possível através da comunicação, da informação, da educação, vai ser a longo prazo.

Este é um desafio para todos os que atuam na área de educação, apesar dos limites e dos percalços do nosso caminhar. As entrevistas contribuíram para contextualizar os conceitos nos trabalhos em questão, mas não se conseguiu uma aproximação com o público da pesquisa. Ao serem indagadas sobre projetos de Educação Ambiental realizados com os jovens pobres de Belo Horizonte, todos responderam não haver nenhuma iniciativa específica. A secretaria de Meio Ambiente informou realizar oficinas temáticas abertas ao público, sem recortes de faixa etária, ou grupo social. O Projeto Manuelzão disse atuar em escolas públicas e privadas, através de eventuais palestras e circulação gratuita de seu jornal. A

Associação Mineira de Defesa do Ambiente afirmou que está realizando um levantamento dos jovens que participaram dos Projetos de Educação Ambiental anteriormente, para registro das experiências e avaliação do alcance do trabalho desenvolvido.

Por fim, queremos dizer que não haver projetos de educação ambiental com jovens de baixa renda não desmerece os trabalhos aqui representados, apenas indica uma carência e necessidade de ser equacionada pela educação ambiental na cidade.

### 3.3 O Jovem enquanto Categoria de Análise

*“Eu vejo na TV o que eles falam sobre jovem não é sério, jovem no Brasil nunca é levado a sério.”  
(Negra Lee)*

A frase acima, apresentada pela banda Charlie Brown Júnior, explicita o descontentamento dos jovens com a concepção vivenciada de que estes não são sérios, justamente devido ao fato de serem pensados como alguém que virá a ser, alguém pensado como agente no futuro e não no presente. O sentimento de “não ser levado a sério” é na realidade um reflexo da nossa cultura. Segundo ABRAMO (1994), geralmente o termo juventude é empregado para se referir a uma faixa de idade em que se completa o desenvolvimento físico paralelo a uma série de mudanças psicológicas que caracterizaria o processo de abandono da infância e ingresso no mundo adulto. É a fase que precede o amadurecimento do indivíduo adulto e por isso, muitas vezes a experiência dos jovens não é levada em consideração. Segundo ABRAMO (1997), após anos de quase completa ausência, os jovens voltaram a ser tema de investigação em dissertações e teses de doutorado, mas ainda assim as obras partem de discussões sobre os sistemas e instituições presentes na vida dos jovens (família, escola, sistemas jurídicos e penais, no caso de jovens infratores), mas a autora critica que somente algumas destas reflexões têm como centro o modo com que os jovens vivem e elaboram suas experiências. Este capítulo visa introduzir algumas questões a respeito do jovem enquanto categoria analítica para iluminar nossas discussões sobre o grupo pesquisado, tentando absorver suas vivências e suas percepções sobre qualidade de vida e meio ambiente. Entender a forma como o jovem tem sido percebido na

literatura interfere na nossa postura frente a um sujeito, que merece ter suas idéias e percepções respeitadas, como qualquer cidadão.

### 3.3.1- Aspectos da abordagem sociológica

Nos estudos sociológicos, o jovem surge como um problema na vivência em sociedade, já que vive um processo de transição para a vida adulta marcado pela inquietude e conflitos sobre seu papel social. ABRAMO (1997) nos diz que

A concepção de juventude corrente na sociologia, e genericamente difundida como noção social, é profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise; como um momento de transição do ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade através da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos.

(ABRAMO 1997 p.29)

Segundo a autora, a sociologia funcionalista preocupou-se em analisar o processo de socialização dos jovens e as possíveis “disfunções” encontradas nesse processo. No centro dessa abordagem estão as falhas do desenvolvimento social e pessoal das capacidades e ajustamento ao papel de adulto. Essas falhas resultantes da expectativa quanto ao adulto em que o jovem irá se transformar, constituem o cerne da preocupação social abordada pela sociologia funcionalista. De toda forma, se, por um lado é inegável que em tal período da vida as transformações ocorrem de forma universal, por outro, as características que marcam a passagem do universo infantil para o adulto são consideradas diferentemente segundo a cultura da sociedade em que o jovem está inserido.

SALLES (1998) afirma que

(...) a infância e a adolescência têm características específicas de acordo com o nível sócio-econômico em que o jovem está inserido e que acaba por determinar formas diferentes de ser adolescente. Essa inserção social define o modo de ser adolescente, assim como sua conduta, aspirações e responsabilidades. (SALLES 1998 p.43)

Conceitualmente, a sociologia trabalha com o termo jovem, enquanto a psicologia utiliza o termo adolescente. O foco da primeira, como vimos acima está no processo de socialização, enquanto o objeto da psicologia é a construção da identidade do sujeito. Em nossa cultura, observamos que o adolescente sobretudo na mídia e na publicidade aparece associado a produtos voltados para sua faixa etária. Segundo SALLES (1998) o adolescente

É identificado como aquele que usa walkman, jeans e tênis, voltado para diversões, danças, música. É a época de curtir um som, namorar, praticar esportes. Os meios de comunicação e publicidade enfatizam essa etapa, afirmando que ser adolescente é ter novos desejos e interesses, até de consumo. Tal percepção se difunde socialmente e o adolescente é visto **sob essa ótica, independentemente das classes sociais.**  
(SALLES 1998 p.43)

A visão dos jovens veiculada na mídia e na publicidade acaba por influenciar a forma como a sociedade se relaciona com o adolescente, forjando sentidos muitas vezes inverossímeis quanto ao seu comportamento e responsabilidades. A visão generalista do jovem enquanto sujeito em construção, e que portanto vive um período de transitoriedade, acaba por difundir a idéia de que se trata de um sujeito que vive um momento de indefinições quanto ao seu lugar no mundo. A forma como esse momento da vida. Essa transitoriedade, no entanto, não é vivida uniformemente pelos jovens, principalmente no Brasil em que a delimitação entre a infância e adolescência é eivada por experiências singulares de adultização das crianças pobres devido a fatores como o trabalho infantil sem contar os casos de

assunção de papéis adultos como na gravidez precoce, o que faz com que muitos sejam forçados pelas circunstâncias a se tornarem adultos muito cedo. SALLES (1998) afirma que a infância e adolescência têm características específicas correspondentes à realidade sócio-econômica em que o jovem está imerso e que determina as formas diferenciadas de ser adolescente.

SALLES (1998) nos mostra que, historicamente, a concepção de criança e adolescente, tal como a concebemos hoje, é relativamente recente. Segundo a autora, até o Renascimento, infância e adolescência se confundiam, pois as crianças eram vistas como adultos em miniatura. Somente no final do século XVII e início do XIX que a idéia da criança como diferente do adulto se tornou possível. A criança deixou de ser vista então como adulto em miniatura e passou a ser percebida como um adulto potencial. A educação teve um papel definitivo para distinção das faixas etárias, devido às expectativas quanto a aprendizagem, que veio a ser objeto da psicologia.

SALLES (1998) acrescenta que “Por volta de 1890, começou a se firmar a preocupação com a adolescência, que se torna tema literário, preocupação de moralistas e políticos e de pesquisas que procuram saber o que pensa a juventude”.

Segundo a autora, a infância e adolescência passam a ser entendidas como fase cientificamente definida, gerando expectativas sobre o desenvolvimento físico e intelectual. Ainda assim, nos dias atuais vigora a idéia difundida pela sociologia funcionalista para a qual o jovem é um ser em conflito, tentando encontrar seu papel na sociedade.

Nessa direção, SALLES (1998) afirma que

[...] O adolescente é visto, hoje, como ser em desenvolvimento e em conflito que passa por mudanças corporais, pessoais e familiares, que busca independência e diferenciação da família de origem. As definições usuais de adolescência ou são cronológicas (dos 12 aos 21 anos de idade aproximadamente), ou físicas (puberdade), ou psicológicas (época de reorganização da identidade profissional, sexual e filosófica), ou ainda sociológicas (reencontrar seu papel na sociedade).

(SALLES 1998 p.47)

### 3.3.2 Aspectos da abordagem psicológica

Segundo SALLES (1998), o conceito de adolescência foi criado pela sociedade industrial, devido às leis trabalhistas e ao sistema educacional, que tornou o jovem dependente dos pais. Para a autora, com a modernização da economia, vinculada ao processo de urbanização e à legislação trabalhista que se propõem a proteger o trabalho do menor, houve a perspectiva de que a escolaridade fosse prolongada, o que conduziria a uma inserção mais tardia do jovem no mundo do trabalho, o que no Brasil não aconteceu. Principalmente na década de 70, houve uma grande absorção da força de trabalho infantil e juvenil, sobretudo nas áreas urbanas. Esse fenômeno foi responsável por uma relativa autonomia dos jovens, marcada por uma ambivalência, visto que

[...] Essa autonomia é fruto do aumento da percepção de que é capaz de desenvolver tarefas e enfrentar desafios sociais, o que pode levar ao sentimento de onipotência pessoal e social, e paralelamente, de angústia, pois percebe os limites internos e externos. Está apto à procriação, à produção social do trabalho, mas a ambivalência da sociedade quanto à possibilidade de efetivação dessas aptidões implica tempo de preparação. A maturidade social é diferente da sexual e fisiológica. As mudanças que percebe em si e no meio levam-no à insegurança e à dificuldade em definir quem seja. (SALLES 1998 p.47)

A sociedade começa a pressionar o jovem para que este construa sua identidade e se torne um adulto responsável. Para isso, ele deve adquirir independência dos pais e de outros adultos, realizando a escolha de sua profissão e definindo sua identidade pessoal. SALLES (1998 p.48) informa que

(...) A adolescência constitui-se como objeto de estudo em várias áreas do conhecimento. As pesquisas na área são normativas, descrevendo padrões de comportamento nas diferentes idades, e explicativas, procurando entender o porquê desse comportamento durante tal fase de vida.

SALLES (1998) afirma que, no enfoque psicológico, há uma divergência dos autores quanto à relevância da maturação e da aprendizagem no processo de desenvolvimento humano. Enfatizando um ou outro aspecto deste, ou realizando a interação entre eles. Segundo SALLES (1998), um autor de grande relevo na psicologia foi Hall, que desenvolveu a teoria da Recapitulação segundo a qual os estágios da vida individual equivalem aos estágios históricos do desenvolvimento da humanidade. Assim, dentro dessa premissa, a adolescência, que é caracterizada como época de idealismo, egoísmo, vaidade, timidez, corresponderia ao período pós-tribal. Na teoria de Hall, o desenvolvimento humano é determinado biologicamente e, por isso, a crise na adolescência seria um fenômeno universal, o que fez sua teoria ser desacreditada por outros autores. Segundo SALLES (1998), os psicanalistas consideram que a sexualidade faz com que o adolescente tenha sentimentos contraditórios de amor e ódio pelos pais. O que caracterizaria o fato dele reviver a situação edipiana, que só é resolvida com a escolha de um parceiro em ambiente extra-lar.

Outro autor analisado por SALLES (1998) é Knobel, para quem o adolescente atravessa uma fase denominada “síndrome normal da adolescência” que tem as seguintes características: busca de si mesmo e da própria identidade (dentro e fora da família), tendência a agrupar-se (para defender-se, facilitando a oposição aos pais); necessidade de se intelectualizar e fantasiar demonstrado nas discussões dos adolescentes sobre princípios éticos, filosóficos e sociais, com expressões artísticas e literárias. A atividade intelectual serviria de suporte às perdas e crises religiosas e também uma compensação da morte de uma parte de si mesmo e o aceite das mudanças físicas. A autora acrescenta que, segundo Knobel, a atividade intelectual

(...) ao mesmo tempo que é uma forma de defesa, pois, pelo pensamento, o adolescente compensaria suas perdas; crises religiosas, que vão do ateísmo ao misticismo ( a religião também tem a função de defesa contra a angústia pela morte de uma parte de si mesmo e pelas mudanças que ocorrem no seu corpo); deslocalização temporal: pensamento primário do adolescente, que tem certa dificuldade em diferenciar o externo do interno, o adulto do infantil, o presente do passado e futuro; definição da idade sexual, que é central nessa fase de vida para adquirir seu papel na união e procriação; atitude social reivindicatória, pois, ao falar, adquire o sentido de realizar o ato, logo, o fato de reivindicar seria colocar em ação o que pensa e uma forma de se preparar para a ação, facilitada pela identificação com pessoas diferentes das do meio familiar, contradições na manifestação da conduta, característica ligada ao luto, isto é, às identificações perdidas e à aceitação de novas identificações; separação progressiva dos pais, relacionado ao luto pelos pais da infância; flutuação do humor e do estado de ânimo, pois a intensidade da ansiedade e da depressão vai depender da forma como tiver elaborado os lutos. (SALLES 1998 p.52)

Erikson, segundo SALLES (1998), afirma que o processo vivido pelo adolescente para a definição de sua identidade é a busca pela *mesmidade* que tem um sentido de constituição da personalidade a partir da ação conjunta de três elementos: biológico, social e individual:

Pelo biológico, o indivíduo nasce com impulsos e tensões e seu desenvolvimento é maturacional; pelo social, que implica não só ser cuidado em suas necessidades por outra pessoa, mas também ensinar a sua família como devem ser esses cuidados, entendendo que as formas de satisfação das necessidades variam culturalmente e o ser humano de criança dependente se tornará um adulto adaptado à sociedade, aos hábitos e às restrições sociais; e pelo individual, que se dá nessa interação entre o social e o biológico. (SALLES 1998 p.52)

Na abordagem de Erikson, que parece ser a escolhida pela autora existe a idéia de complementariedade entre os fatores biológicos, sociais e individuais como vemos na passagem acima. Através da combinação desses fatores é que se forma a identidade “definida como a consciência da singularidade individual e o esforço para manter a continuidade da experiência”, (SALLES 1998).

A identidade se exterioriza na convivência dos adolescentes com os papéis que devem desempenhar nas esferas da vida em sociedade. Por esta razão SALLES (1998) afirma que “o adolescente busca sua identidade profissional, sexual, e ideológica. O indivíduo evolui na busca de continuidade de si mesmo atingindo o equilíbrio por conflitos nucleares ou crises normativas”.

A multiplicidade de papéis a serem desempenhados faz com que haja mudança também no autoconceito do adolescente para que este possa se adaptar a sua nova autonomia, já que não está mais inserido no universo infantil. Isso resulta em inseguranças quanto aos papéis de homem e mulher na sociedade. A insegurança faz com que o comportamento do adolescente seja caracterizado “pela existência de conflitos e tensões emocionais e pela alteração do estado de ânimo entre a depressão e ansiedade”.

A contribuição de PERALVA (1997) vem ao encontro da discussão sobre o jovem, situando-o como sujeito importante no ciclo da vida social. Para a autora, o

aumento da expectativa de vida, no caso brasileiro, elevado para cerca de 85 anos, transforma a juventude numa expressão de grande relevo para o tecido social, com repercussões indeléveis na sociedade como um todo, principalmente na cultura. A autora vê o jovem como sujeito capaz de influenciar a cultura, através de seu comportamento. Esta última perspectiva nos ajuda a pensar os jovens, sobretudo os de periferia, que são os sujeitos desta pesquisa, como sujeitos que podem buscar significar e re-significar suas vidas mediante a construção de sua identidade. Embora o tema da identidade, que se constitui tema da abordagem psicológica, não possa aqui ser aprofundado, dado os objetivos da pesquisa serem outros, faz com que entendamos o adolescente como alguém que busca seu lugar no mundo, como participante de uma sociedade que, ao menos no caso brasileiro, tem sido aquém do desenvolvimento de suas potencialidades.

### 3.3.3 Reflexões sobre os programas sociais para jovens no Brasil

No Brasil, embora de forma incipiente, existem programas sociais destinados aos jovens (principalmente os de baixa renda, na tentativa de promover a ressocialização). ABRAMO (1997) afirma que esses projetos dividem-se em dois blocos:

- Programas de Ressocialização em que, através da educação não-escolar os jovens tenham acesso a oficinas de arte e atividades esportivas.
- Programas de Capacitação Profissional e encaminhamento para o mercado de trabalho.

Segundo a autora, de maneira geral esses programas tem como objetivo dirimir ou amenizar as dificuldades de integração dos jovens na sociedade. Ela denuncia o fato de que muitas vezes a capacitação profissional torna-se atividade ocupacional sem promover qualificação para o trabalho. A autora afirma ainda

A grosso modo, no entanto, pode se dizer que a maior parte desses programas está centrado na busca de enfrentamento dos “problemas sociais” que afetam a juventude (cuja causa ou culpa se localiza na família, na sociedade ou no próprio jovem, dependendo do caso e da interpretação), mas no fundo, tomando os jovens eles próprios como problemas sobre os quais é necessário intervir, para salvá-los e reintegrá-los à ordem social. (ABRAMO,1997 p.26)

ABRAMO (1997) afirma que os jovens eram abordados tanto no plano teórico e no empírico como um problema social, notadamente a perspectiva aberta pela sociologia funcionalista, como vimos anteriormente. Havia ainda nos anos 90, na concepção da autora, uma dificuldade de considerar os jovens como sujeitos capazes de formulações importantes para propor ações e alternativas para a solução dos problemas enfrentados por estes, como vemos abaixo:

(...) parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da sua tematização, como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorpora-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma ação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los.

(ABRAMO,1997 p.28)

Segundo ABRAMO (1997), para entendermos a visão do jovem, devemos analisar o conceito, através dos tempos.

Para a autora, nos anos 50 os jovens foram vistos como delinqüentes juvenis e representavam um perigo potencial para a sociedade.

O problema consistiria no fato de os jovens demonstrarem dificuldades de ajuste ao mundo adulto, dificuldades estas, vistas como ameaça à integração à sociedade.

Nos anos 60 e 70, o jovem continua sendo visto como um problema por ter toda uma geração em atitude crítica de oposição aos regimes autoritários, contra toda a forma de dominação, realizando ações concretas como movimentos pacifistas, constituindo uma contracultura como no movimento Hippie.

Nos anos 80, a juventude aparece como individualista, consumista, conservadora e indiferente aos interesses da coletividade, contrastando e muito com a geração anterior. Segundo ABRAMO (1997), a juventude da década de 80 se caracteriza por ser uma geração que não deseja assumir o papel de inovação cultural.

O problema relativo à juventude passa então a ser sua incapacidade de resistir ou de oferecer alternativas às tendências inscritas no sistema social: o individualismo, o conservadorismo moral, o pragmatismo, a falta de idealismo e de compromisso político são vistos como problemas para a possibilidade de mudar ou mesmo de corrigir as tendências negativas do sistema. (ABRAMO, 1997 p.31)

Os jovens desse período são vistos como problema principalmente por sua inércia aos problemas sociais.

Nos anos 90, ainda segundo ABRAMO (1997), os jovens em destaque são os pobres que surgem divididos entre prazer e violência. São os meninos de rua, os infratores, gangues, galeras, tribos e principalmente os denominados jovens em “situação de risco”; ameaças para si mesmos e para a ordem social. Muitos morrendo e matando, desde cedo envolvidos com o tráfico de drogas que vem a

se configurar como questão desafiadora para a sociedade como um todo, até os dias atuais.

A escola assiste a esse problema muitas vezes sem conseguir propor uma alternativa viável para uma questão conjuntural. Sabe-se que a escola é um dos elementos constituintes da formação dos jovens, e obter êxito na transformação da realidade deles deixou de ser uma meta para ser um sonho.

### 3.3.4 Os jovens e a construção da Identidade

Na atualidade, os jovens têm contato com uma infinita quantidade de informações e, por isso a contestação da realidade em que vivem tem significados particulares e coletivos, que ilustram a forma como vêem o mundo e a si mesmos.

O tempo geracional não tem como medida apenas o aspecto biológico e cronológico, mas diz respeito à produção cultural e subjetiva desses jovens.

Na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica mas uma definição cultural. Incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança. Todos os atributos tradicionais da adolescência como fase de transição parecem ter se deslocado bem além dos limites biológicos para tornarem-se conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumem como parte de sua personalidade em muitos estágios da vida. (MELUCCI ,1997 p.9)

É nesse período da vida que formamos nossas opiniões a respeito de nossas características e sobre a vida social.

A juventude é, dentro da perspectiva adotada, a fase da vida em que se torna latente a contestação da realidade na qual estamos inseridos. A mobilização dos jovens é analisada pelo autor supracitado, da seguinte forma:

Os jovens se mobilizam para retomar o controle sobre suas próprias ações, exigindo o direito de definirem a si mesmos contra aos critérios de identificação impostos de fora, contra sistemas de regulação que penetram na área da "natureza interna. (MELUCCI,1997 p.12)

GUATTARI (1990) também enfoca a importância da juventude:

A juventude, embora esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia, nem por isso deixa de desenvolver suas próprias distâncias de singularização com relação à subjetividade normalizada. (GUATTARI,1990 p.14)

As formulações dos autores remetem ao fato de que, se há na juventude a possibilidade de conduzir um movimento de singularização, indo de encontro à subjetividade que no sistema capitalista transformou-se em mercadoria, a aposta que fazemos é de que os jovens podem e devem ser vistos como atores centrais para a criação de valores acerca da vida social. A expectativa presente nessa aposta é a de que o grupo de jovens pode imprimir significado à vida na comunidade em que reside, ao mesmo tempo em que busca sua identidade.

EVERS (1984) nos traz a análise sobre a identidade como face oculta dos movimentos sociais. Segundo ele, visto desse ângulo, tornava-se evidente que a luta dos movimentos sociais fornecia a visibilidade necessária ao processo de ruptura com a alienação, no sentido de que os sujeitos produzissem sua própria história.

Ele nos diz que:

Naturalmente, durante o longo processo de ruptura com a alienação, o que pode ser de relevância prática para os movimentos sociais atuais são os primeiros e tímidos passos no sentido de tornarem-se sujeitos de sua própria história.(EVERS, 1984 p.18)

A forma como EVERS (1984) discute o tema da identidade muito contribui para este estudo, justamente porque minha crença como pesquisadora é de que os jovens também podem e devem ser sujeitos de sua própria história. A apropriação dos sujeitos por si mesmos, na luta contra a alienação presente na concepção desse autor sobre os movimentos sociais, reforça a idéia de que ter identidade “significa reafirmar a própria dignidade humana, diante da experiência diária de miséria, opressão e devastação cultural”. EVERS (1984).

Ao falar sobre a produção cultural dos jovens de periferia, DAYRELL (2001), nos chama atenção para a importância de ouvir os jovens de periferia, como protagonistas que têm desenvolvido ações identitárias de cunho cultural e social desvelando o cenário de violência, mas também de criatividade, e sensibilidade como enfrentamento da situação de segregação espacial e social a que são submetidos.

Para o autor:

Torna-se necessário escutá-los, ver nas práticas culturais e nas formas de sociabilidade que desenvolvem traços de uma luta pela sua humanização, diante de uma realidade que insiste em desumanizá-los. Na perspectiva do protagonismo juvenil, tomá-los como parceiros na definição de ações que possam potencializar o que já trazem de experiências de vida. (DAYRELL , 2001 p.26),

Segundo DAYRELL (2001), as práticas culturais que os jovens de periferia realizam em suas diferentes manifestações expressam que a arte se faz instrumento de luta por uma vida digna. O autor propõe que a sociedade os torne parceiros para a concretização de ações que fortaleçam o seu potencial artístico e cultural.

#### **4 QUALIDADE DE VIDA E MEIO AMBIENTE SEGUNDO OS SUJEITOS PESQUISADOS**

As categorias suscitadas pelos jovens - convivência, violência, moradia, lazer, sociedade-natureza, consumo, sobrevivência, escola, políticas sociais, saúde religiosa, urbanização - foram transformadas em eixos articuladores, conforme a ordem de incidência nas falas.

As categorias violência e convivência foram as mais discutidas pelos jovens. A fim de dar melhor seqüência ao texto, decidimos considerar a ordem de referências nas falas, para melhor apresentar o conceito dos jovens sobre qualidade de vida, observando como o meio ambiente se insere nessa concepção.

##### **4.1 Convivência/ Qualidade de Vida**

Ao desenvolvermos a análise dos dados, observamos que a convivência aparecia como a categoria mais importante para totalidade dos entrevistados. As relações humanas foram caracterizadas como elementos fundamentais para a qualidade de vida. A convivência não se restringe a formas de relações pacíficas e harmoniosas, ainda que estas ocorram. Ela diz respeito a um leque de situações compartilhadas e que podem explicitar conflitos. Por essa razão, notamos que a convivência está articulada às duas unidades de análise em questão: viver bem e viver mal.

Quanto a viver bem, a convivência revela relações sociais, mostrando a correlação entre qualidade de vida e vínculo familiar. Na dinâmica da escolha das figuras, os entrevistados optaram por uma que retrata uma família de classe média, sentada

no jardim de casa, pai, mãe, filhos. A opção pela figura de família nuclear, ao mesmo tempo em que sintetiza a necessidade de focar a importância da união, mostra também a resistência dos jovens em se pensar integrantes de outros tipos de família, visto que havia outras figuras, talvez mais vinculada à realidade social.

Essa resistência, em ver-se em outro modelo de família, que não os que são representados principalmente na mídia, nos leva a supor que o modelo de família nuclear ainda permaneça no imaginário como elemento fundante da concepção do que seja família.

O desejo de união familiar, é muito forte na fala dos jovens com respeito a essa temática.

A categoria convivência está para os jovens no núcleo da qualidade de vida, que vem a somar-se com a idéia do florescimento humano, já que, para nós, este só pode se realizar na interação. Para alcance da qualidade de vida, é necessário ter “família reunida lá, feliz, sorrindo, e, assim, a família reunida é aquela coisa, aquele amor efetivo assim, é familiar”. (Karina)

Viver bem é possível, segundo os jovens, quando nos cercamos de pessoas com as quais temos amizade.

O que eu gosto é que lá, é que a gente conhece todo mundo, tem aquela amizade com todo mundo que mora lá. Porque, pra você morar numa vila, você tem que ter realmente a amizade do povo, senão você fica rejeitado e pode até sofrer conseqüências, violência e mau tratamento. (Karina)

O significado da convivência faz-nos levantar as seguintes hipóteses:

- a) O fato da categoria convivência ter tido destaque seria justamente porque para quem vive a experiência da escassez de recursos, contar com a solidariedade alheia faz parte das estratégias de sobrevivência.

b) A convivência traz em seu bojo possibilidades de superação dos problemas cotidianos, quando caminha em direção oposta ao isolamento e a solidão.

Ainda assim, a realidade revela que a convivência produz sociabilidades diferenciadas e conflituosas. O que acaba por pressionar alguns jovens a preferir o isolamento, produzindo a negação do outro enquanto possibilidade de integração e partilha.

O outro passa a ser visto como “intruso” na difícil artimanha da vida em sociedade.

Olha, eu gosto do lugar que eu moro, eu gosto de lá, entendeu? A vila não é ruim, eles é que estragam. Eu não gosto do jeito que as pessoas me tratam. Eles me chamam de metida, que eu sou seca, e aí eu não faço amizade com ninguém, é isso. (Larissa)

Ao afirmar que “eles é que estragam” esta jovem mostra o anseio de que a deixem viver em paz. O isolamento se justifica por outra importante fala desta jovem, que diz:

Minha vida com meus vizinhos é difícil de dizer. Porque ninguém gosta de mim onde eu moro. Como a minha avó mora perto, eu fico mais na casa dela, e na minha casa. Agora vizinho mesmo, é difícil, só tem duas pessoas que eu considero meus vizinhos, que converso, brinco, me ajudam. (Larissa)

Temendo a ausência de reconhecimento e aceitação por parte de outros moradores, esta jovem caminha em sentido oposto à perspectiva adotada neste trabalho. A razão pela qual ela opta por aquele caminho reside no fato de sentir-se discriminada por estar sendo mal interpretada por vizinhos que a julgam antes de conhecê-la. “Porque tem muita gente que pensa e julga as pessoas sem ter amizade com elas. Então deveria mudar o modo de pensar delas, achando um meio de conversar, pra depois ver se ela é isso ou aquilo”. (Larissa)

Pensada dessa forma, a convivência estaria sendo negada. Estaria em vigência a idéia de Oscar Wilde que diz “o inferno são os outros”: “Viver mal é ter uma família assim desunida, não ter interesse no lar, não ter amigos fiéis, desperdiçar a vida usando drogas, violência, matando”. (Larissa)

Uma outra direção é apontada por Edmara, para quem viver bem só é possível quando as pessoas desenvolvem suas capacidades, através do jeito de ser.

Todos me cumprimentam, gostam de mim, eu cumprimento e trato eles bem. Quando eles precisam de minha ajuda eu ajudo, se eu precisar deles, sei que eles vão me ajudar. Porque eu moro lá desde pequena, e aí não tem como. (Edmara)

Viver mal, na opinião dessa jovem,

É não ter do seu lado as pessoas que você ama. Eu perdi muitas pessoas da minha família por causa de bebida e das drogas também, e eu acho que isso é viver mal. Eu perdi minha mãe e meu tio, por causa da bebida, e a minha avó por causa de desgosto. Viver mal é também não ter liberdade na sua própria casa. (Edmara)

As drogas e o alcoolismo adquirem um significado marcante na vida desta jovem, ligados a idéia de viver mal.

Para Pablo, viver bem pressupõe felicidade, ele nos diz “Eu não tenho uma opinião formada de como viver bem não, mas o jeito que eu vivo, eu acho que eu vivo bem. Porque eu sou feliz”. Com relação ao convívio com os vizinhos, ele afirma “Procuro manter uma boa convivência com eles, em relação assim, mas nunca tive nenhum confronto com eles não, e eles são muito legais pra mim”. Na visão deste jovem, viver bem está alicerçado nas relações de boa convivência com familiares e vizinhos.

Viver mal, entretanto se articula a categorias como a desigualdade, violência, drogas e exclusão social.

Na opinião de Pablo, “Agradável é ter união com as pessoas, e desagradável é quando as pessoas as pessoas são desunidas. Na vila, as pessoas fazem calúnia sobre a vida das outras e sai até morte, isso é desagradável”. De acordo com essa concepção, viver bem seria realidade sempre se as pessoas fossem mais unidas e houvesse a cooperação mútua. A visão de um paraíso idílico, com ausência total de conflitos, guerra e morte contrasta e muito com a realidade não somente neste contexto, mas em todas as esferas da sociedade.

Nesse sentido, João Cláudio afirma que para viver bem é necessário “Viver tranqüilo. A sociedade, a pessoa”. E ainda: “É preciso um pouco de cada um, viver a parte dele e ser feliz”. Para ele “Tem vizinho lá que é tudo bem, mas tem outros que são encrênqueiros”.

Conforme a visão de João Cláudio, ainda que se admita que o paraíso inexistente, e por isso ocorrem conflitos na vida social, ele crê na possibilidade de viver bem desde que cada um faça a sua parte. A questão de cada um fazer a sua parte tem origem em sua vivência familiar.

Segundo nos revela, “Lá em casa é tudo separado de cada um, cada um tem um dever de fazer”. Ou seja, cada um deve cumprir a sua parte para melhor convivência.

Enquanto João Cláudio admite haver “vizinhos encrênqueiros”, o que em linguagem comum, significa existir pessoas que causam problemas cotidianos na vila, Valéria parece ter uma visão religiosa da vida por não reclamar de nada, viver como se tudo já estivesse “escrito pelos deuses”: “Eu gosto muito da vila, gosto

dos moradores, e gosto de tudo que tem aqui. Eu não tenho que reclamar de nada. Minha vida é muito boa, não tenho que reclamar também, né, só”. (Valéria)

Diferentemente dessa visão, Lucas marca a questão do respeito ao direito de propriedade de si e de outros quando nos diz que viver bem é “Viver ao lado de sua família, mesmo, normal. É brincando com todo menino, é saindo normal sem confusão, sem, sem ficar levando nada dos lugares. Isso que eu acho, viver bem”. Em sua concepção, para haver melhoria das condições de vida.

Acho que falta convívio entre amigos, convívio com as pessoas da comunidade, e entre filhos. Eu não gosto de falar de favela porque é ruim falar favela, mas vila, né. Às vezes entre bairro também, que às vezes um fica chamando o outro de bostinha, de num sei o quê, que não agüenta nada, mas na verdade isso é, querer causar violência. Porque quando um não quer dois não brigam. (Lucas)

A ausência de conflitos para os jovens aparece na relação que se estabelece entre os membros da família, refletindo a necessidade de diminuição da violência, estimulando o diálogo em vez de brigas e discussões entre vizinhos.

#### **4.2- Violência/ Qualidade de Vida**

Ao analisar a questão da violência, citada pelos jovens pesquisados, concordamos com WAISELFISZ (2002) quando afirma que existem elementos consensuais constitutivos do tema. Em sua concepção, o conceito violência é caracterizado pela noção de coerção ou força; ao dano produzido em indivíduos ou grupos que pertencem a determinada classe ou grupo social, gênero e etnia. MICHAUD (1989) citado por WAISELFISZ (2002) compreende que

Há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas ou culturais.

A violência que ocorre na vila Santa Rosa diz respeito a uma complexa engrenagem onde estão imbricadas a ausência do Estado de Direito e a inexistência de equipamentos coletivos de segurança, fatores que demonstram a incipiência das ações por parte das autoridades em resguardar a vida e os direitos do morador.

A questão da violência aparece associada a luta de gangues rivais pelo controle do tráfico de drogas na Vila Santa Rosa. Metade dos entrevistados afirmam notar o crescimento da violência, devido ao aparecimento de pessoas ligadas ao tráfico, inclusive acentuando o fato de estarem vindo de outro estado.

Como se observa abaixo,

O que eu não gosto é que sempre aparecem umas pessoas de fora querendo mandar na vila lá. Às vezes ficam trocando tiro, mexem com as gangues e o tráfico de lá. Então uma coisa que eu não gosto, é a violência porque a gente não tem nada a ver e pode ganhar uma bala perdida, por causa de coisas deles lá. Inclusive já teve um caso que veio um homem lá do Rio de Janeiro e por causa de um real, brigaram com um homem e uns caras daqui de perto de casa, aí começaram trocar tiro, e portanto, morreram quatro nessa história. **(Karina)**

A violência tem um traço exógeno, que nos chama atenção, já que o fenômeno aparece nas falas em relação aos outros estados, principalmente o Rio de Janeiro.

A guerra pelo poder de controle da vida social na Vila Santa Rosa é acirrada quando os envolvidos são pessoas de outros estados. Somado ao sentimento de xenofobia, o medo do outro é reforçado quando a aproximação põe em perigo a vida dos moradores.

A luta pelo controle do tráfico de drogas faz com que os moradores da vila se sintam acuados, temendo as situações de imprevisibilidade causada pela insegurança. O sentimento é de medo e de risco de vida. Uma das características presentes na fala desses jovens é a não convivência com relação ao chamado Poder Paralelo que, ao mesmo tempo em que regula os comportamentos e as regras de convivência em vilas e favelas, é temido por seu poder advindo pela força e pela violência.

Existe aqui um clamor pela paz que nos permite entender que a vulnerabilidade que os jovens sentem, o sentimento de abandono por parte do Estado, em termos do controle exequível no combate à violência, é encontrado em pessoas das mais diversas realidades. Convém destacar que quando se trata de vilas e favelas, há a questão particular que é a ausência da autoridade Estatal e de equipamentos de segurança para assegurar a vida dos moradores.

Os jovens temem que a conseqüência da guerra entre gangues seja a morte de moradores que não estão envolvidos com o tráfico de drogas.

Somado à questão da violência, há também um certo questionamento dos jovens sobre as regras sociais da vila. Pablo comenta sobre a violência dizendo que “O que eu não gosto é que, quando chega gente de fora, tipo assim, gente de outras favelas, eles tentam assim controlar né, o pessoal lá, tentam impor moral lá na favela”. A expressão “impor moral” significa que pelo uso da força e da ameaça de morte, os traficantes vindos de outras regiões, obrigam os moradores a lhes obedecerem, impondo regras para controlar a vida na vila. A esse respeito, a título de ilustração, podemos citar o ‘toque de recolher’ que consiste em fazer com que os moradores recolham-se às suas residências em determinada hora. Há uma

outra prática, difundida pela mídia, que é o “luto forçado”, que ocorre sempre que um traficante é morto pela polícia. Cabe, entretanto, destacar que essas são práticas recorrentes em vilas e favelas mais antigas e mais estruturadas que a vila em questão. Tais situações, ao contrário de reforçar o mito da convivência do morador com o tráfico, mostram que os moradores da favela convivem de forma tensa e contraditória com o conseqüente aumento da violência. O crescimento da violência é apontado como um fator da atualidade. Segundo Josué, a violência aumentou significativamente nos últimos 3 anos:

[...] Mudou muito. Antes não tinha violência lá. Agora de um tempo pra cá, uns três anos pra cá, está indo polícia lá direto. Alguns policiais já passaram na casa da gente avisando pra não sair muito na rua, porque estão vindo pessoas traficantes do Rio de Janeiro pra cá. Eles falaram que é perigoso a gente sair na rua na faixa de nove e oito horas da noite. (Josué)

Interessante notar que este é o único jovem a citar a figura do policial como sendo um profissional que tem desempenhado a tarefa de comunicar-se com os jovens, no sentido de alertá-los sobre o problema da violência.

Isso sugere que alguns moradores possam confiar, ainda que não em sua totalidade, no trabalho realizado pela polícia.

Uma das jovens entrevistadas, Paloma, associa o crescimento da violência com o tráfico de drogas, porque através das drogas se dá a compra do armamento.

O problema, em sua opinião, seria “[...] a droga. Só. Aviãozinho que eles falam, né, aí vai passando, não quer dizer que eles usam mais eles passam e isso dá troca de armas”. Em outra fala, aparece novamente a importância da diminuição da violência:

Eu acho que pra acontecer alguma coisa de bom onde eu moro, tem que diminuir a violência. Eu acho, que não só na vila, como em todos os lugares. A violência está muito grande, então com isso, eu acho que se a violência diminuísse, se não tivesse a violência hoje, acho que todo mundo seria feliz, né? (Valéria)

Há uma questão importante que é o registro de que há uma disseminação da violência, que não se restringe às vilas e favelas, a violência acontece em todos os lugares. Ainda assim, há um dado recorrente que é o sentimento de evitar sair à noite, porque *nunca se sabe o que vai acontecer*.

A sensação de insegurança, medo, encontra nos estudos sobre violência evidências do crescente número de homicídios dos jovens, sobretudo os residentes nas áreas metropolitanas.

Segundo WAISELFISZ (2002), no ano 2000, havia no país 34,1 milhões de jovens na faixa de 15 a 24 anos, que representava um percentual de 17,3% do total de 169,8 milhões de habitantes no país, enquanto que em 1980, o número de jovens correspondia ao índice de 21,1%. Para o autor, a diminuição tem estreita ligação com o número de homicídios nessa faixa etária.

Se a taxa global de mortalidade da população brasileira caiu de 633 em 100.000 habitantes em 1980, para 573 em 2000, a taxa referente aos jovens, cresceu, passando de 128 para 133 no mesmo período, fato já altamente preocupante. Mas a mortalidade entre os jovens não só aumentou, como também mudou sua configuração, a partir do que se pode denominar como “novos padrões de mortalidade juvenil”. (WAISELFISZ, 2002)

Cabe ressaltar, que houve uma diferença significativa da taxa de natalidade da década de 80, para o período atual, em que se percebe a diminuição do tamanho das famílias brasileiras, o que sem dúvida precisa ser considerado. Ainda assim, é inegável o gritante número de homicídios dos jovens no Brasil.

Em sua contribuição, o autor nos afirma que na realidade brasileira, as taxas de homicídios são mais baixas que as da Colômbia, mas paradoxalmente 30 ou 40 vezes superiores às de países como Irlanda, Singapura, França ou Suécia. Mais alarmante é o fato de que, quando comparados os dados sobre o homicídio de jovens, as taxas no Brasil são 100 vezes superiores às dos países citados.

Resgatando as concepções sobre qualidade de vida inscritas na abordagem do florescimento humano, acreditamos ser de grande valia compreender que a violência coloca em xeque as possibilidades de crescimento dos jovens arrefecendo (ainda mais, dado às dificuldades inerentes a realidade em que vivem), possibilidades de vislumbrar alternativas construídas e *instituintes* de uma nova realidade social. Quando se castra a garantia à vida, perde-se a dimensão do sonho. Sem que lhes sejam assegurado o direito a ir e vir, pelo medo da morte no presente, perde-se o sentido em fazer planos futuros.

Carlos Drumond de Andrade nos leva a pensar, quando diz :

“como viver a vida em termos de esperança e que palavra é essa, que a vida não alcança?”

O florescimento humano diz respeito a um contexto favorável ao pleno desabrochar das capacidades pessoais, direcionando-as para escolhas desejáveis à qualidade de vida.

A violência vista e vivenciada no seu cotidiano, faz os jovens associá-la a unidade de análise denominada VIVER MAL.

Viver mal, para eles é estar o tempo todo ameaçado pela morte e pelo sentimento de insegurança.

Na visão de Valéria:

Viver mal pra mim, é a gente sair e não saber se vai voltar. A segurança não está 'aquela coisas' que você pode confiar mesmo. A gente não pode falar assim, eu vou sair e vou confiar nos policiais, né. Nem sempre a gente pode confiar, porque está acontecendo, muito assassinato, o envolvimento com as drogas também é uma coisa muito triste mesmo que está acontecendo, então isso pra mim é viver mal né, as pessoas estão estragando a própria vida, com esse tipo de coisa, né, a droga que acaba levando à morte mesmo.

Pelas questões aqui apresentadas, concordamos com WAISELFISZ (2002) em que a violência transforma os jovens em vítimas e algozes exigindo da sociedade como um todo, análises e atitudes mais aprofundadas e objetivas, para que haja o enfrentamento do problema. O autor enfatiza que

A violência também encontra um excelente caldo de cultivo na apatia, na falta de projeto de futuro, na ausência de perspectivas, na quebra dos valores de tolerância e solidariedade, fatos que fazem parte da crise de significações de nossa modernidade. (WAISELFISZ, 2002)

Um dos jovens apresenta uma forma peculiar de interpretação sobre a questão do uso de armas de fogo dentro da localidade em que reside. Morador da Vila Real, localidade próxima à Vila Santa Rosa:

Eu não moro na Santa Rosa, eu posso dizer que eu ouço a mesma coisa que as meninas, mas onde eu moro não tem essas coisas, não tem drogas, não tem essas pessoas. Tem pais de família que tem sua arma dentro de casa guardando pra se defender. Agora esse pessoal que sai assim andando com arma nos becos, não, não tem isso. (Valdir)

Para Valéria, o uso da arma de fogo é justificado pela necessidade que a pessoa tem de se defender, o que, mais uma vez, demonstra a ausência de equipamentos coletivos de segurança. Tornando cada pessoa responsável pela sua segurança e a de sua família.

Ao dialogar com o conceito qualidade de vida, entendendo-o como mais que a satisfação das necessidades humanas, a questão do clamor pela segurança alcança maior altivez, por seu significado intrínseco.

Se o meio ambiente pressupõe a existência de vida, podemos dizer que, nesse sentido, as considerações a respeito da violência revelam que há o empobrecimento do conceito, quando as relações humanas estão ameaçadas. Estar exposto constantemente a situações de violência torna infértil o terreno de construção de melhor qualidade de vida, principalmente em vilas e favelas, dada a precariedade de respostas ao problema da violência.

#### **4.3- Consumo/Qualidade de Vida**

Para discorrer sobre a temática que foi suscitada pelos jovens, contaremos com a contribuição de CASTRO (1999)

[..] E assim, continuando a perscrutar as outras tantas faces da infância e da adolescência de hoje, vemos surgir aquela que se torna crescentemente consumidora voraz dos objetos e das coisas, os quais, disfarçados como a última novidade do planeta, eliciam o desejo do consumo.

Os jovens e adolescentes tornaram-se, há muito, vitrines para a sociedade de consumo, como se observa no trecho de uma música popular : “nesta terra de gigantes, que trocam vidas por diamantes, a juventude é uma banda, numa propaganda de refrigerantes”. A forma de se vestir, e de se comportar recebe continuamente influências da mídia. No Brasil isso tornou-se ainda mais nítido

com a instauração do canal televisivo MTV na década de 90, voltado principalmente para o público jovem.

Os jovens brasileiros passaram a ter acesso aos símbolos circundantes do universo musical, televisivo e cinematográfico, incluindo as propagandas de produtos para este público-alvo.

A indústria da propaganda, aliás, tem nos jovens seu principal público. São eles que anunciam praticamente todos os tipos de produtos: de automóvel a bebidas alcoólicas.

Os jovens e adolescentes de nosso tempo, para os quais o acesso a informação não tem precedentes, onde o efêmero e o descartável se sobrepõem ao talento eterno dos imortais, faz com que as teorias formuladas precisem ser continuamente repensadas.

[...] Hoje se agudiza o sentimento de que a infância e adolescência escapam às formulações teóricas que, durante longo tempo, puderam esclarecer e orientar quem são a criança e o jovem, o que precisam, e como tratá-los adequadamente. Assim, as teorias psicológicas e educacionais que têm alimentado as práticas de cuidado, educação, orientação, de crianças e jovens nem sempre podem dar conta de uma variedade de situações que são específicas da nossa época contemporânea. Parece que o conhecimento disponível para compreender a condição da criança e do adolescente no mundo de hoje, engasga perante novos aspectos da nossa realidade social e material: o consumo em massa, o viver numa grande cidade, a solidão na multidão, a expansão da comunicação pela mídia, a tecnificação e a informatização do nosso cotidiano e assim por diante. (CASTRO, 1999)

No tocante aos jovens participantes da pesquisa, não houve consenso quanto à categoria consumo. Esta categoria trazia em si o fato de estar associada a fatores positivos e negativos. Em outras palavras, fazia parte das unidades de análise: viver bem e viver mal, concomitantemente.

Inicialmente, foi formulada a hipótese de que quanto mais afastados do acesso ao consumo, maior seria o destaque dado a essa categoria como elemento integrante da qualidade de vida, o que não foi confirmado pelos dados.

Os dados revelaram que não necessariamente a qualidade de vida está atrelada condições financeiras: “Viver bem? Não é assim ter condições financeiras suficientes que tem muitas pessoas que tem condições financeiras e não vivem bem, porque vivem com medo, né. Agora viver bem, é viver num lugar tranquilo sem violência, só!” (Karina). Ter maior poder aquisitivo, na concepção dos jovens também atrai situações de perigo e violência, motivados pela defasagem entre o estímulo consumista da mídia e da sociedade como um todo e o baixo poder aquisitivo da população, já que é sabido que o desenvolvimento econômico, na realidade brasileira não produziu o fim da desigualdade social.

Nessa direção, a fala de Karina é emblemática:

Eu sinto falta de ter condições de comprar o que eu quero. Às vezes a gente vê as pessoas tendo assim, aí dá vontade de ter aí não tem. Ai, por isso que muita gente rouba, né, apesar que, esse não é o motivo certo pra pessoas roubar, porque motivo pra roubar não tem. Mas às vezes assim, você fica muito magoada porque você não tem condições de fazer aquilo que você tanto queria, deseja. (grifos nossos)

Em sua opinião, a motivação para infrações que culminam na posse de bens alheios, ocorre por não se ter aquilo que não se tem condições de alcançar. Ainda que não concorde totalmente com o roubo, a jovem se vê magoada por não poder adquirir bens que lhes são negados pelas condições de vida a que está submetida.

Em outro momento, ela afirma que o dinheiro também traz perigo e medo, por isso que se inscreve nas duas unidades, viver bem e viver mal:

Eu acho que o dinheiro faz parte também de viver bem, porque quando a pessoa tem condições, ela vive bem porque ela compra o que ela quer e precisa, mas acho também que dinheiro também não é tudo pra viver bem, porque às vezes a pessoa só porque tem dinheiro não pode sair na rua sozinha, como os presidentes e os cantores. Se eles saírem sozinhos, podem ser seqüestrados por causa do dinheiro. Por isso eu acho que o dinheiro fica nos dois lados, no viver bem e no viver mal.  
(Karina)

Contrariamente a essa visão, utilitarista, vemos outras concepções acerca do dinheiro. Para Pablo, “nem tudo no mundo é montado no dinheiro. Apesar de circular ele. Eu acho que dinheiro não traz felicidade, então uma pessoa pode ter tudo que quer na vida e pode não viver bem”. A visão de Pablo vem ao encontro da de Valéria para quem “Viver bem não é ser rica, ter dinheiro. Pra mim é ser humilde, conversar com todo mundo, e ter amizade com todo mundo, eu acho que pra mim isso é bom”.

A maioria dos jovens enfatizou outros aspectos da vida social, problematizando o consumo enquanto elemento integrante da qualidade de vida, indo em direção à concepção de qualidade de vida centrada nas relações humanas. Cabe dizer, no entanto, ainda que o consumo não lograsse maior representação na visão dos jovens, isso não significa que o mesmo não exista. Nesse sentido, os dados revelaram que o viver bem tem muito maior repercussão quando se considera a perspectiva do florescimento humano, que nos torna, a partir da interação, capazes de transcender ao imediatismo do suprimento das necessidades.

“Na minha opinião, a maioria das pessoas pensam assim que ter dinheiro é tudo. Isso pra mim não é o suficiente. Pra mim o suficiente é você ter uma vida boa, ter saúde e ter amigos, onde todo mundo te compreende, isso pra mim é viver, né?”.  
(Valéria)

O consumo em algumas interpretações encontra lugar no sonho. Na opinião de Ana Júlia, seu sonho é conhecer Portugal.

O consumo se apresenta ainda como item secundário, em algumas falas que priorizam as relações de convivência: “Viver bem é a gente saber conviver com as coisas que a gente tem, não só coisas materiais, mas também saber conviver com a sociedade e todas as coisas que estão ao redor da gente”. (Josué)

E nessa direção, Lucas, também afirma que “o dinheiro só compra coisas materiais. Não compra sentimento e nem a felicidade de ninguém não. Só compra o que é essencial”.

#### **4.4 Moradia / Qualidade de Vida**

A questão da moradia tem estreita ligação com a segregação social, uma vez que os espaços sociais são construções humanas movidas por interesses da classe dominante que tornam a desigualdade social ainda mais aguda. Isso porque os espaços sociais das vilas e favelas são os locais excluídos da política de habitação governamental. Trata-se de locais muitas vezes insalubres, com topografia acidentada, nos quais o acesso a bens e serviços coletivos é deficitário. Por essas razões, são espaços desvalorizados. A desvalorização do espaço habitado por moradores de vilas e favelas encontra na visão de BRAGA (1988) uma explicação:

Se o valor no espaço é derivado da disponibilidade de serviços para que se destina e da localização do mesmo, a consequência imediata vai ser a ocupação de espaços menos valorizados pelos trabalhadores, que não dispõem de poder aquisitivo para ocupar lugares mais valorizados.

Visto por este ângulo, a indisponibilidade de serviços e a ausência de equipamentos coletivos eficientes, de forma definitiva, caracterizam esses espaços que, desvalorizados, tornam-se a única possibilidade habitacional para a população pobre.

Ainda assim, os jovens apontam para a questão estética como constituinte de sua representação sobre o local de moradia:

Pra quem não conhece, lá em casa tem dois andar. Embaixo tem a cozinha, uma sala, tem uma papelaria que minha irmã abriu e é tudo de azulejo arrumadinho, tudo bonitinho. Lá em cima tem dois quartos, que é um meu e da minha sobrinha, a sala, a varanda enorme, só. (Karina)

Vê-se que, apesar de toda a conjuntura desfavorável, para a jovem o revestimento com materiais como azulejo, traz um certo conforto ambiental que a faz representar de forma positiva a sua moradia.

Em outro momento, ela afirma que o conforto ambiental em sua casa está relacionado com o tema viver bem, uma vez que ter onde morar também corresponde a obter o direito ao sono, à condições de higiene e alimentação que outras pessoas ainda não tiveram acesso.

Eu acho que minha casa tem a ver com o tema viver bem, porque lá em casa eu tenho minha cama pra mim dormir, tenho meu colchão né, confortável, tem minha cobertinha, a comida todo dia, toda hora, água todo dia, toda hora, e se eu quiser tomar banho de manhã, tarde e noite, eu tomo, aí isso pra mim é viver bem, né, porque eu vejo muita gente lutando para ter isso e pra mim não é tão difícil assim. (Karina)

A questão da moradia está articulada a outras necessidades básicas. Esse ponto também foi discutido por BRAGA (1988), quando afirma que as reivindicações por equipamento de consumo coletivo abrigam a vontade de transformar o espaço

residencial em local que possibilite melhores condições de reprodução da vida do trabalhador.

As reivindicações por equipamentos de consumo coletivo aparecem, na maioria dos casos, articuladas entre si. Estas apontam para a necessidade de tornar o espaço residencial um lugar que ofereça as condições de reprodução da vida do trabalhador. Assim, a necessidade de trabalho aparece ligada à moradia, da escola, do posto médico, do posto policial, de arruamentos que possibilitem a comunicação dentro do bairro e deste com o restante da cidade, de transportes eficientes e com preços acessíveis, de postos telefônicos, de áreas de lazer, de manifestação e reprodução cultural, etc. (BRAGA, 1988)

Conforme nos informa a contribuição de BRAGA (1999), a luta por equipamentos e serviços revela a necessidade de acessibilidade aos elementos da estrutura urbana, que, para as camadas subalternas, são geralmente fruto de conquistas.

Quando Edmara diz “Minha casa não é bonita não. Minha casa tem sete cômodos, assim minha casa não é bonita não, não é de laje, é de telha, e... eu moro é com minha tia, e com meus primos”. Mostra que o fato de não haver revestimento interno desejável, marcado pela diferença entre telha e laje, revela a pobreza da família. A possibilidade de realizar construções com o uso do concreto, produz uma outra visão do espaço, construindo um status diferenciado. Não por acaso, em outra fala, a mesma jovem nos revela que possui o sonho de morar em apartamento.

O meu sonho e da minha tia também, é morar em apartamento. É você poder sair, poder trancar a porta, lá tem muita gente, não é igual aqui que fico trancada. Não tem bagunça, não tem gente gritando, não tem esse barulho de gente, nem barulho deles ao ligar o som altão. Assim a gente ia viver sossegada, e também minha tia, teve muita decepção na família, agora que ela perdeu o marido nesse ano, né! Aí, Ela não quer morar lá de jeito nenhum. Ela não gosta de lá de jeito nenhum. (Edmara)

Na visão de Edmara, morar em apartamento seria a solução dos problemas vivenciados cotidianamente. Para ela, residir em apartamento conduz a outros tipos de sociabilidade, que traria a tranqüilidade almejada. Vemos também nesta passagem que o sonho de morar em outra área significaria a fuga dos problemas familiares e de lembranças amargas. Ela afirma

“Eu queria mudar lá de casa. Mudar assim pra outro lugar, porque já aconteceu muita coisa ruim e a maioria da minha família morreu: minha avó, minha mãe. Além disso meu tio se separou da minha tia e por isso eu queria mudar de lá”.

Em contraste com essa visão, Paloma nos informa que considera a sua casa bonita:

“Minha casa eu acho bonita. Tem meu quarto, e tem um quarto separado quando me visitam. Eu moro com meu pai, com a minha mãe e com três irmãos. Embaixo na minha casa mora meu irmão que está construindo a casa do lado, a filha dele e a esposa dele”.

A questão estética está amalgamada ao fator econômico da família, que produz “pobrezas diferentes” em um mesmo contexto social. A espacialidade depende das condições objetivas e subjetivas na construção da moradia.

Tenho uma irmã morando com a gente, que foi pra Portugal à trabalho, entendeu? Eu não sei se ela vai voltar porque ela está falando que não quer voltar para aquela vila feia. Ela está querendo ir pra um outro lugar, só que eu não sei onde. (Lucas)

Uma contribuição importante é a de João Cláudio, que diz sentir a necessidade de mais espaço para melhoria da sua condição de vida. Ele diz que gostaria de “ter

mais espaço pra morar, porque lá em casa lá é assim, um pedaço tem a namorada do meu irmão, mora tudo junto, né? Queria mais espaço”.

Os dados revelaram que há diferentes visões sobre o espaço. Uma das jovens que, por causa de uma gravidez, recebeu a oportunidade de residir em um cômodo dado pela sogra para ela morar com o pai de seu filho, nos fala de sentir-se livre por poder assumir sua própria vida:

Antes eu morava na casa da minha mãe, mas agora eu já tenho a minha casa, e me sinto até melhor, porque eu tenho mais liberdade, né, posso sair a hora que eu quiser, e volto a hora que eu quiser. Não que quando eu estava na casa da minha mãe eu não tivesse liberdade, Mas agora é diferente, eu tenho a minha vida, né, tenho as minhas coisas, então é muito bom, sabe? Eu sinto saudade, da casa da minha mãe, mas é bom eu ter minha vida, as minhas coisas, a minha própria casa, é muito bom! (Valéria)

Para a jovem, morar fora da família de origem, constituindo uma nova família, lhe transmite uma liberdade de conduzir sua vida conforme lhe aprouver, sem precisar da constante vigilância dos pais. Ao realizar uma visita à casa dessa jovem, observei o quanto era pobre. Tratava-se de um cômodo revestido apenas de tijolo por fora e coberto com telha de amianto. Como eu também estava grávida naquele período, preocupava-me o fato de ser um lugar quente, sem muita ventilação, localizado no meio de um beco. A felicidade com a qual ela traduzia a satisfação de estar em um espaço próprio mostrava-me sua necessidade de estar onde dispusesse de mais privacidade, ainda que no lugar houvesse questões de conforto ambiental e de saneamento que precisam ser solucionadas.

Para Valdir, que reside na Vila Real há diferenças quanto à organização do espaço no que tange ao saneamento. “Acho que a minha vila é mais organizada que a Vila Santa Rosa. No meu ponto de vista eu vejo que aqui tem água correndo

no meio do beco, e lá é tudo encanado, a água corre pro esgoto da rua de baixo”. Ele nos descreve sua casa afirmando que a família tem dois terrenos anexos, onde gosta de ficar, por se tratar de um espaço arejado:

Eu gosto da área externa da minha casa. Na verdade são duas áreas. Minha casa fica no meio e tem um terreno do lado de baixo e um terreno do lado de cima, e os dois são nossos, e ficam imendados na casa. Eu gosto de ficar no lado de cima porque é arejado e tem muitas árvores. Tem uns pés de banana, e tem uns negócios do meu pai lá. Quando eu tenho alguma tarefa de escola pra fazer eu subo pra lá, sento de baixo das árvores e faço. (Valdir)

A questão da ventilação como fator de conforto ambiental também aparece na fala de outra jovem entrevistada. Na opinião dela, a família precisou trocar de casa, dentro da Vila Santa Rosa, “Porque a casa lá era pequena, e a casa que minha mãe comprou é grande. Eu também tenho um problema de saúde, um problema respiratório, e lá não tinha muita ventilação”. Ana Júlia

Para aprofundar algumas questões sobre o tema moradia e qualidade de vida, utilizamos a contribuição de SANTOS (1992), na qual enfatiza que

O estudo das interações entre os diversos elementos do espaço é um dado fundamental da análise. Na medida em que *função é ação*, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos. Através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social.

O espaço deve então ser compreendido em razão das interações dos elementos, num processo constante, histórico. Para SANTOS (1992), o meio ecológico que aqui chamamos de meio ambiente, já é modificado tendo em vista ser palco das ações humanas. Seguindo essa orientação, não caberia a compreensão de meio

ambiente como categoria estanque. Trata-se de um conceito que pressupõe a análise da complexidade das relações humanas que se constroem no espaço.

O espaço de moradia, em nosso entendimento, é também meio ambiente e, por essa razão quando os jovens falam de si, de suas sociabilidades, de seus problemas no cotidiano, estão transmitindo saberes e práticas sobre o meio ambiente enquanto categoria analítica para pensar no espaço construído, concreta e subjetivamente.

Em nossa visão, o florescimento humano só acontece, quando se tem em vista que a condição de existência humana prescinde da relação harmoniosa entre as pessoas. Nessa direção, analisar moradia e qualidade de vida leva a adotar outras posturas frente a sujeitos que têm a cada dia ressignificado suas vidas, apesar das dificuldades enfrentadas.

#### **4.5 - Escola/Qualidade de Vida**

Os dados revelaram que a escola aparece em duas dimensões: como espaço de construção do conhecimento e como lugar de convivência e lazer dos jovens.

Em torno da primeira dimensão, há um consenso de que através dos estudos, o sujeito pode adquirir um futuro melhor, principalmente por conseguir melhores colocações no mercado de trabalho.

Para a totalidade dos jovens pesquisados, a escola se insere no conceito de qualidade de vida, incluso na unidade de análise Viver Bem. Para Edmara, “a escola é muito importante pra cada um de nós ter futuro, para você ser alguém na vida e não depender de ninguém e eu escolho essa gravura como viver bem”. Em

conformidade com essa concepção, Larissa afirma que “viver bem, é ver muitas crianças e adolescentes na escola. É um jeito de conseguir um futuro melhor”. Os estudos ganham uma dimensão primordial para o sonho de mobilidade social e segundo os jovens, a possibilidade de se conseguir melhores condições de vida.

Para os jovens, a escola é também lugar de construção da identidade individual e coletiva. Eles afirmam que “a escola é muito importante e através dela que a gente vai aprendendo ser alguém na vida, é ela que nos ensina”.(Karina) Para eles, a ausência dos estudos torna o cidadão marginalizado e sem identificação. A pessoa tem nos estudos uma forma de construção de si mesmo, a partir do alargamento dos horizontes do lugar social em que se insere. “Sem os estudos você não é nada hoje em dia. Para trabalhar, ou fazer outras coisas, dependemos do estudo porque sem estudo você não é ninguém”. (Jéssica)

A escola é vista como parte construtora da personalidade dos indivíduos, contribuindo para a produção e reprodução da força de trabalho.

Sem os estudos você não é ninguém na vida. Para você ter um serviço, uma família estável, assim, sem conflito nenhum, por condição financeira, você tem que ta estudando. Terminar seus estudos todos, entendeu? Eu me identifico pelos estudos. (Solange)

Indo ao encontro dessa concepção, ORTEGA e DEL REY (2002) notam que

[...] escola é, além de um cenário de instrução, um âmbito de convivência, cada vez mais é preciso entender que seus efeitos não devem limitar-se a saberes concretos, mas que se necessita também estar atento para seus efeitos na formação geral da personalidade individual e social de seus protagonistas e agentes.

Para além da visão pragmática do senso comum que vê a escola como instrumentalizadora do mercado de trabalho, os jovens também identificam outras questões como a identidade e a convivência.

Ao perceber a escola como espaço privilegiado, no qual se gesta o cidadão, os jovens apontam a importância de se repensar o modelo escolar. Essa é uma questão também presente na citação anterior, e tem como cerne mostrar a importância de uma mudança no modelo escolar, para tornar a escola mais próxima dos anseios dos meninos e meninas em situação de rua. Salienta-se que o espaço entre as expectativas dos jovens sobre a escola e a efetiva elevação da qualidade de vida deveria ser estreitado por iniciativas governamentais que se realizassem no sentido de garantir uma escola propícia ao desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos. Uma escola que torna possível o florescimento humano e a emergência de uma nova vida social.

Outra dimensão que aparece nos dados é a escola como espaço de lazer e de convívio social. Para Larissa, a diversão acontece [...] “na escola com meus amigos, quando eu saio com meu namorado também. Tem muitas formas de se divertir, da melhor maneira possível”. Na opinião de João Cláudio, a escola é um lugar de recreação, onde diversas atividades esportivas são realizadas. “Me divirto quando vou pra escola, assim, igual bola, e peteca, um mucado de negócio”. O espaço escolar, ao contrário do estreito espaço de moradia, torna propício o lazer e a diversão dos jovens. Eles transformam a escola em espaço no qual vivenciam a juventude, no encontro com pessoas da mesma faixa etária e interesses comuns, como o prazer nas práticas esportivas.

O desenvolvimento da sociabilidade, vivido no âmbito escolar, faz com que os jovens freqüentem a escola mesmo fora do horário de aula. Valdir, por exemplo, vê como diversão ir à escola no período em que não estuda e também quando leva os seus irmãos à escola. Para ele, o deslocamento também é considerado. O

ato de arrumar-se para ir à escola é igualmente importante. O ato de sair de casa em direção à sua escola, ou à de seus irmãos, é percebido como algo que representa a regulação do tempo ocioso.

Eu me divirto jogando bola, saindo, me arrumo, saio, vou na minha escola de manhã, que eu estudo à noite, né. Vou na minha escola, vou na escola dos meus irmãos, saio, agora como estou no projeto, de manhã acordo, vou pro projeto, volto, vou pra escola, assim que eu me divirto, né, não tem muito, quando não tenho nada pra fazer assim, não procuro sair pra ficar na rua andando perambulando, fico dentro de casa dormindo. Deito, durmo, faço o que tenho que fazer, e é assim, meu dia-a-dia.(Valdir)

O dia-a-dia de Valdir tem como lócus central o espaço escolar. Em sua fala, ele deixa nítido o fato de que a diversão acontece quando sai de casa. Tal fato mostra a ausência de espaço de lazer na localidade em que vive. A escola aparece como lugar de diversão quando “não há nada para fazer”, ou seja, pela ausência de possibilidades de lazer para o jovem que não dispõe de condições para outras formas sadias de diversão.

Isso aponta para a necessidade de uma escola que, ao fazer parte do repertório de elementos construtores da identidade pessoal e coletiva dos jovens, oportunizasse o despertar de suas capacidades culturais - já manifestas nos fenômenos do funk e do rap - nas quais os jovens expusessem sua forma de ver o mundo e a si mesmos, elevando sua auto-estima em direção à qualidade de vida.

#### **4.6- Lazer/Qualidade de Vida**

Para proceder à análise dos dados sobre lazer, fizemos uma sistematização por ordem de importância dos espaços onde os jovens realizam atividades ligadas ao

tema. Por essa razão, começamos pela quadra localizada na Vila Santa Rosa, que foi apontada pelos jovens como o espaço de que mais gostam.

Trata-se de uma quadra de areia situada às margens do anel Rodoviário. A quadra, segundo os próprios moradores, foi construída pela Igreja Católica. Por estar localizada ao lado de uma Editora, é também chamada por esse nome. Os jovens no projeto Agente Jovem costumam realizar atividades esportivas nessa quadra às sextas-feiras.

### **Espaço dentro da Vila Santa Rosa (quadra ou Editora)**

Na fala dos jovens, a quadra aparece como principal local de lazer. É também associada à local de convívio, no qual os trabalhadores podem experienciar atividades de lazer, como o futebol.

O futebol aparece como momento importante para os jovens, tanto para os meninos quanto para as meninas, por razões diferentes.

Para Karina, a quadra, além de espaço de lazer, é também o local de maior ventilação dentro da vila, o que torna ainda mais agradável assistir aos jogos. Ela nos diz que o espaço de que mais gosta na Vila Santa Rosa é:

A quadra. Onde que tem jogo de futebol. Igual assim, de segunda à sexta tem jogo lá, assim, peladinha a partir de seis horas, onde que tá todo mundo chegando do serviço, troca de roupa e vai lá jogar bola. E assim sábados e domingos, tem jogos lá e eu gosto muito de ficar lá porque assim eu vejo a BR, os carros passando, o povo passando, lá assim sempre bem ventilado, quando está fazendo muito calor é muito bom ficar lá. E lá também venta muito, e eu gosto de ficar lá.

A experiência de Karina nos possibilita pensar que, ao morar entre becos, locais onde o espaço para circulação de ar é muito reduzido e onde as construções não tiveram a orientação técnica desejável para melhor aproveitamento dos espaços, a

umidade interna das casas faz com que o calor seja realmente insuportável. Ao visitar a vila, constatamos que realmente a circulação do ar é inibida devido à grande proximidade entre as construções. As casas são coladas umas às outras, dada a exigüidade do espaço disponível e à necessidade de moradia para um extrato social que não tem acesso ao mercado imobiliário. A quadra é, para eles, o principal espaço coletivo de convivência e lazer na vila, não só pelas atividades esportivas que são realizadas, mas também por se constituir local de melhor ventilação.

Para Larissa, a quadra sinaliza o viver bem dentro da vila, tendo um significado especial também para a classe trabalhadora. Através da prática de esportes, a quadra proporciona a possibilidade de um convívio harmônico:

Eu acho que viver bem na vila, igual assim, você, igual tem muitas pessoas que trabalha e tudo vem aqui dia de sábado e domingo jogar bola aqui na quadra, vem no campinho. Isso é que é viver bem, tendo amizade com todo mundo, muita harmonia, sem briga, e isso é viver bem. (Larissa)

Para Pablo, o lazer acontece em substituição à ociosidade. As pessoas se reúnem para atividades esportivas “quando não se tem nada para fazer”. Com essa expressão, Pablo quis dizer que somente quando os trabalhadores não estão realizando atividades laborais é que tem tempo para a realização de atividades esportivas.

Então eu gosto do pessoal, das brincadeiras, algumas, não são todas, mas algumas brincadeiras assim do pessoal são muito boas. Jogar bola, todo final de semana, quanto não tem nada pra fazer, sair. Bom, aquele lugar lá, eu não consigo me ver longe daquilo lá. (Pablo)

A posição de Pablo quanto ao lazer nos permite inferir sobre a importância das atividades esportivas para os jovens, independentemente da condição social.

Ainda assim, diferentemente de outros grupos sociais, que podem dispor de diversas alternativas de lazer, os jovens da vila só contam com a quadra e o espaço escolar.

Os dados mostram que, além da questão espacial, a quadra torna-se o lugar de convívio onde o esporte serve como canal de uma maior e melhor comunicação. A interação entre os jovens e a alegria dos encontros revela potenciais considerações. Edmara nos informa que a ida à quadra, é também uma “fuga” das atividades domésticas, principalmente quando há campeonato feminino. Indo ao encontro de outras jovens, na quadra, ela tem a oportunidade de experienciar sua juventude, identificando-se com outras meninas em igual situação.

A quadra torna-se lugar de resistência ao papel social de dona de casa, que muitas vivem.

Lá na quadra. Tem um campo de jogar bola, lá. É, quando dá sábado, domingo todo mundo vai lá pra cima que tem jogo, campeonato. Às vezes tem campeonato das meninas, e no meu caso, às vezes estou fazendo as coisas lá em casa, meu serviço eu vou lá pra cima, fico lá sentada conversando com as meninas. (Edmara)

Na opinião de Valéria, a construção da quadra trouxe mudança significativa para as pessoas residentes na Vila. Em sua concepção, a quadra contribuiu para a melhoria do espaço. Além da construção da quadra, ela é a única que aponta a existência de outro espaço de lazer, próximo à igreja (católica, segundo nos informaram), no qual as crianças brincam.

O que mudou pra mim, é agora que eles fizeram o campinho de futebol, que antes era um lugar vago e os carros passavam toda hora, Desse tempo pra cá, fizeram o campinho e fizeram também, um lugar pras crianças brincarem, que fica na igreja aqui perto. Então antes não tinha isso, né, aí eles fizeram agora. Aí melhorou muito mais do que era antes. (Valéria)

O espaço de brincar e a quadra são fatores que agregam valor positivo à vida na localidade. A expressão “Então assim, antes não tinha isso, né, aí eles fizeram agora. Aí melhorou muito mais do que era antes” mostra-nos que no período anterior a essas construções, não havia nenhuma outra possibilidade de lazer. Para Walter, a quadra é “O espaço que eu mais gosto é o espaço que eu posso brincar, igualmente a quadra, eu posso jogar bola, posso divertir, e só tem isso mesmo”.

Segundo informações dadas pelos jovens, o terreno onde se localiza a quadra, era um lugar vazio, onde havia circulação de carros. Essa informação, indica que a quadra tal como é hoje, faz com que o jovem a valorize como única alternativa viável para a realização de atividades lúdicas em grupo. Daí porque 9 entre os 12 entrevistados se referiram à quadra como locus privilegiado, sempre adjetivando positivamente, até pelas pessoas que lá residem recentemente, como o caso de Larissa, que diz morar na vila há dois anos. Ela afirma que “na vila tem pouco tempo que eu estou morando e não conheço muito bem, mas, eles falam que lá na editora é legal. Lá na editora. Aí eu gosto da editora, de vez em quando eu vou lá e brinco de futebol lá na quadra que tem lá”.

A quadra é um ambiente social e culturalmente adquirido pelas relações sociais e simbólicas não apenas dos jovens, mas de todas as faixas etárias que residem nessa localidade. Há aqui uma aproximação com o conceito meio ambiente adotado no estudo. Ao considerarmos o meio ambiente como espaço onde as relações se realizam, a quadra passa a ser compreendida por sua dimensão espacial, concretamente construída, e principalmente pelo significado a ela atribuído pela população.

## **Lazer em família**

Segundo nos apontam os dados, alguns jovens vêem no convívio familiar uma forma de lazer. O diálogo em família reforça a idéia de uma convivência harmoniosa que traz prazer:

Me divirto conversando com a família, quando a gente tem um tempinho pra conversar com a família, quando a gente vai sair a família junto, não só com a família, mas também vem os parentes da gente, namorada, primo, todo mundo junto, é uma forma da gente viver e saber aproveitar.(Josué)

Corroborando com esta visão de convivência familiar e lazer a fala de Lucas, para quem, como não há espaço dentro da vila de que goste, principalmente nos fins de semana, ele visita seus parentes e amigos como forma de se divertir.

Ah, o espaço dentro da vila mesmo que eu gosto? Lá não tem certo não. Não tem muito espaço dentro da vila não. Porque quando é por exemplo, domingo, sábado, assim, eu gosto de ficar saindo daqui, a gente vai no Universitários, vai na casa dos meus amigos, aí, né, ou dos meus parentes, aí, ou na casa dum outro irmão meu, né.(Josué)

## **Lugares diferentes**

a) dentro de Minas Gerais

Na tentativa de vislumbrar a relação que os jovens estabelecem com a cidade, na apropriação do espaço e na construção de sua visão sobre qualidade de vida e meio ambiente, formulamos a questão sobre o lugar mais longe a que foram, o que, em tese, nos transportaria para o universo de experiência dos mesmos sobre possíveis vivências em outros espaços e realidades. A viagem revela conhecimento e consumo cultural no e do espaço geográfico. A memória dos

jovens sobre suas experiências anteriores, quanto à descoberta de novos espaços, mostrou a dificuldade dos jovens em se localizar geograficamente.

O lugar mais longe [risos] ainda foi dentro de Belo Horizonte, dentro de Minas Gerais, foi na casa da minha avó, lá em Conselheiro Lafaiete, e assim, foi uma experiência boa que sempre viajo pra lá de vez em quando, final de semana, fim de férias, final de ano, a eu gosto muito de lá mas, sempre bate saudade daqui. (Pablo)

A exceção foi Edmara, que disse ter tido uma experiência diferenciada ao ir ao Palácio das Artes, complexo arquitetônico localizado no centro da cidade onde existem salas de exposições, cinema, e maior anfiteatro de Belo Horizonte. Para ela, o Palácio das Artes seria a tradução do belo. É a única pessoa que faz tal identificação, dizendo ainda da questão estética presente também nas molduras dos quadros e nas decorações de festas.

“Ah, as moldura, quando você vai assim no Palácio das Artes, ver as molduras de antigamente. Que mais? A decoração quando tem festa, decoração dos lugares, e só isso!”. A identificação do Palácio das Artes como expressão do belo nos permite inferir sobre a importância de acesso das classes populares a lugares de produção e reprodução da cultura. Sua fala nos indica ser mito a crença de que pessoas desfavorecidas econômica e socialmente não apreciem a arte em suas várias manifestações. A fala de Edmara nos indica precisamente o contrário. Reiteramos que o acesso à cultura é um fator que muito contribui para elevação da qualidade de vida.

b) outros estados

Para Edmara, conhecer Gurarapari constituiu experiência muito importante, dado o fato de ter sido a primeira vez em que viu o mar. Some-se a isso, o fato de a

experiência ter sido vivida com o pai, que ela só conheceu aos treze anos de idade.

Guarapari. Ah, foi muito bom, porque eu não conhecia a praia, né? Fui com meu pai, agora que meu pai, fui conhecer meu pai com treze anos né, de idade, aí eu fui lá né, com três meses. É, o lugar que eu mais gostei. Foi o mais longe. (Edmara)

Ao visitar Congonhas, Minas Gerais, Ana Júlia disse que a experiência lhe trouxe medo e insegurança. Ela disse ter receado sair de casa por sentir-se desprotegida. A sensação de desproteção é unânime na fala dos jovens sobre a violência. O medo do desconhecido é acrescido do medo de arriscar-se, de aventurar-se em conhecer outros lugares, nos quais não se sabe o que pode acontecer.

“Lugar mais longe que eu fui, foi pra Congonhas. E a experiência que eu tive? Que eu não consigo ficar longe de casa, que na, na minha casa eu me sinto segura, agora, fora eu tenho medo de acontecer alguma coisa”. A atividade de lazer, vinculada ao deslocamento para outros estados, aparece também na fala dos migrantes, que no grupo são três jovens. Provenientes da Paraíba (Josué), Bahia (Valdir) e Espírito Santo (Larissa). Para Josué, a ida á João Pessoa foi uma experiência marcante por propiciar o encontro com seus familiares que há muito não via:

“O lugar mais longe que eu fui, é na, minha terra natal. Tinha muito tempo que eu não ia lá e pra mim é uma experiência assim, de conhecer as pessoas que eu não conhecia, e também rever as pessoas que eu fiquei muito tempo sem ver, matar saudade”. Novamente, a questão da convivência familiar é enfatizada. A fala de Josué nos permite avaliar o especial significado de rever a terra natal para os que,

como ele, residem em outros estados. Podemos inferir, ainda que a população de vilas e favelas é formada por pessoas que, movidas pelo sonho de elevação da qualidade de vida, vêm para cidades como Belo Horizonte, na busca por melhores condições de vida. O conceito qualidade de vida dessas pessoas, ainda que centrado no suprimento de necessidades básicas de sobrevivência, também salienta a questão de que elas continuam acalentando o sonho de mobilidade social como possibilidade para elevação da qualidade de vida.

Além dessas experiências, encontramos a de Walter, que, aos oito anos de idade, foi com um amigo para a cidade de São Paulo. Ele narra a experiência, afirmando ter sido a primeira vez que visitava outro estado. Sobre isso, ele afirma “Eu achei chique e tal, primeira vez que eu viajo. Eu achei legal e não achei nada demais”.

Analisando a experiência, constatamos que, por se tratar de um fato ocorrido na infância, Walter recorre à memória da viagem, resgatando a imagem do que lembra ter vivido. Assim, ele diz que

Eu lembro da fala deles, do jeito deles tratarem, gostei muito. Gostei de lá, onde eu fui com o colega meu, no centro de São Paulo. Curti, brinquei, diverti, isso me encorajou, me deu assim uma força de vontade de saber que mesmo com esse problema posso ser feliz e consigo ser feliz no momento da vida. (Walter)

Por ser uma pessoa portadora de deficiência visual, a experiência de viajar trouxe-lhe uma nova forma de viver. A coragem adquirida com a viagem a São Paulo lhe possibilitou encontrar forças para superar o trauma da deficiência em direção à felicidade pessoal. Notamos que a possibilidade de viajar concretiza a ampliação da sociabilidade, ao permitir o encontro com outra cultura.

## **Lazer/mercadoria**

Segundo os dados coletados, a minoria dos jovens tem acesso ao consumo de lazer realizado em clubes e excursões. Apenas dois dos vinte jovens, referiram-se ao acesso ao lazer como mercadoria.

Para Jéssica, “também é bom divertir um pouco. Ir pro clube, nadar um pouco, com a família é bom”. A ida ao clube com a família novamente coloca a convivência como cerne da qualidade de vida e revela que é o vínculo familiar o responsável pelo acesso a atividades de lazer. Por se tratar de jovens que ainda não se inseriram no mundo do trabalho, o apoio financeiro dos pais propicia o lazer.

Segundo Lucas, o que lhe garantiu a inserção na excursão para Guarapari, foi o pagamento da quantia feita por sua mãe:

“Lá em Guarapari que eu fui no especial. Parece que minha mãe não teve coragem de me deixar em casa, aí ela foi e pagou noventa reais pra mim, e noventa reais pra ela, né, que é noventa reais por cabeça, pra mim ir com ela, aí fui”.

#### **4.7 Sociedade e natureza/Qualidade de Vida**

Os dados mostraram que para os jovens, a relação sociedade/natureza tem estreita ligação com a questão paisagística e de preservação da flora e da fauna, como fatores da qualidade de vida, como nota-se abaixo:

Agradável pra mim é ver o meio ambiente, é: árvores, é igual no zoológico eu vi os animais, assim ver meio ambiente, meio ambiente sei lá, normal, sem matar. Agora desagradável é ver morte, animais, desmatamentos, queimadas no meio ambiente. (Larissa)

A visão preservacionista é também compartilhada por Edmara, para quem o conceito de meio ambiente é mais amplo: “Meio ambiente? As árvores, os rios, às aves, os seres vivos, tudo mais, é isso, e tudo que estiver ao nosso redor”.

O meio ambiente não degradado pela ação antrópica é visto como aspecto integrante do “viver bem”. Na dinâmica proposta na primeira reunião do grupo focal, Edmara foi a única a escolher aquela na qual se via uma cachoeira em meio a uma vegetação característica da flora brasileira. Sobre a gravura ela nos diz que “Viver bem é como essa figura porque é onde tem água, árvore onde não tem poluição, nem é poluição do rio é do ar onde tem plantas”.

Como contraponto, a sua escolha no quesito relativo a “viver mal” foi a figura em que há uma imagem da Lagoa da Pampulha, parte do cenário de Belo Horizonte, mostrando a poluição do local degradado por diversos objetos que lhe foram atirados. Para Edmara, a figura mostra a poluição existente em quase todos os lugares: “Poluição, igual que quase todos lugares, tem poluição nos rios, e assim, um tanto assim, como se diz, todo mundo falou que essas gravuras representa a vida de cada pessoa”.

A relação sociedade e natureza é percebida tendo como fator motivador as questões sobre o que é belo e o que é agradável. Para Josué, “feito é não saber preservar a natureza, e belo é a pessoa que sabe preservar a natureza do jeito que ela é, e também saber respeitar a natureza e, as pessoas que convivem na natureza”.

Convém destacar que a figura escolhida por Edmara para sinalizar viver bem, na qual havia uma cachoeira não teve o mesmo impacto para Anderson, que disse

não concordar a figura estivesse relacionada a viver bem. Reafirmando sua concepção Edmara afirma:

Eu não concordo que essa figura não é viver bem, é viver bem sim. Porque lá tem água, né, igual assim, precisa da água pra matar a sede, não tem poluição, assim, tem planta que faz parte da natureza, não tem é poluição ali, com ar, eu acho que isso faz parte da natureza.

A visão do meio ambiente como componente da qualidade de vida é encontrada na concepção de Edmara, que associa a visão da natureza não degradada pela ação humana como uma ilustração sobre viver bem. Essa idéia, é problematizada pela representante da Associação Mineira de Defesa do Ambiente (AMDA), quando afirma que o conceito de meio ambiente só tem sentido quando se considera o modelo de desenvolvimento. O desenvolvimento sustentável seria o meio através do qual haveria um outro conceito de meio ambiente: o meio ambiente equilibrado. A sustentabilidade do planeta, é a via que proporciona uma correlação harmônica entre desenvolvimento econômico e uso adequado dos recursos naturais:

Bem, o conceito de meio ambiente não existe. Existe o conceito de Meio Ambiente Equilibrado. Que seria a conjunção desses fatores, solo, água, flora, fauna, ar, equilibrado e também hoje em dia, você falar de meio ambiente de forma desfocada, sem falar em desenvolvimento é impossível. Então desenvolvimento sustentável é isso, é você conjugar atividades econômicas com a preservação e defesa do meio ambiente. Hoje, você não tem mais este conceito preservacionista de que tudo tem que ficar do mesmo jeito, porque é necessário que haja crescimento, que haja desenvolvimento econômico, que haja emprego, que haja comida.

A mudança do paradigma preservacionista em direção à concepção de meio ambiente de forma a integrar não apenas os aspectos naturais é criticada por SANTOS (1992) quando afirma que o engenho da tecnologia fez com que a natureza “natural” só existisse até o momento em que o homem se tornou homem social, transformando constantemente o meio ambiente.

A natureza primeira, como sinônimo de “natureza natural”, só existiu até o momento imediatamente anterior àquele em que o homem se transformou em homem social, através da produção social. A partir desse momento, tudo o que consideramos como natureza primeira já foi transformado. Esse processo de transformação, contínuo e progressivo, constitui uma mudança qualitativa fundamental nos dias atuais. E na medida em que o trabalho humano tem como base a ciência e a técnica, tornou-se por isto mesmo a historicização da tecnologia. (SANTOS,1992)

Ainda assim, a idéia preservacionista prevalece na concepção dos jovens sobre meio ambiente. Não é por acaso que na visão de Josué, citado anteriormente, permanece a idéia de que feio é não saber preservar a natureza e belo é a pessoa que sabe preservar a natureza do jeito que ela é, e também saber respeitar a natureza e, as pessoas que convivem na natureza”.

A observação de Josué nos permite pensar sobre a ausência de uma educação ambiental que colocasse a questão do meio ambiente sob outro prisma, criticando a influência da mídia, sobretudo a televisiva, que reforça a abordagem preservacionista e idílica da relação sociedade-natureza.

Uma proposta de educação ambiental que levasse em consideração a realidade vivenciada pelos jovens, seus anseios e preocupações poderia contribuir para uma reflexão do meio ambiente enquanto espaço das relações humanas, transcendendo a idéia preservacionista.

A educação ambiental seria a via através da qual a questão da convivência em vilas e favelas sofresse uma releitura, para a partir de uma perspectiva crítica, um novo horizonte fosse delineado.

#### **4.8 Sobrevivência/Qualidade de Vida**

*“Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome”(Caetano Veloso)*

Os dados mostram que a qualidade de vida para os jovens ainda está inscrita no reino das necessidades. Para eles, o conceito de qualidade de vida engloba as relações sociais no espaço em que habitam e também o direito a um mínimo de condições básicas como segurança, moradia, alimento e trabalho.

A realidade em que vivem se confunde com as figuras que escolheram sobre o tema viver mal. Sobre a questão das necessidades básicas, a atenção de Karina voltou-se para o problema de moradia para meninos em <sup>8</sup>situação de rua:

Lá está mostrando dois meninos, um trepado em cima do outro dormindo, né, aí isso pra mim, representa os mendigos na rua, né. Que não tem lugar pra eles dormir, aí dormem em qualquer lugar um em cima do outro. Na Antônio Carlos, você pode passar ali e ver uns dormindo em cima do outro.

Para Karina, além do problema de moradia, há também a ausência de saneamento básico, que mostra a precariedade dos equipamentos coletivos em vilas e favelas.

A questão da fome foi discutida pelos jovens, que ressaltaram que, para viver bem, a pessoa precisa ter acesso à alimentação. “Viver bem é ter comida todos os dias pra comer e ter onde dormir todos os dias. É ter paz e felicidade”. (Karina). A opinião de Edmara reforça esta visão, adicionando o convívio com quem se gosta: “Viver bem? É ser aquilo que você é, se tiver num lugar com as pessoas que você gosta. É isso! é comer o que você gosta”.

---

<sup>8</sup> Koller (1996) sugere a terminologia meninos em situação de rua dada a complexidade de fatores existentes na análise desta questão: como convívio familiar, escolaridade e regionalismo. Em sua opinião, esta terminologia evita reducionismos e banalizações. Para ela, deve-se analisar caso a caso, para melhor estudo sobre estes jovens.

Diferentemente daqueles que podem escolher o cardápio a ser consumido, os jovens mostram que a resolução do problema da fome é primordial para a elevação da qualidade de vida. Viver mal para eles é depender da solidariedade alheia, que é falha quando se trata de indivíduos que vivem em situação de miserabilidade.

Tipo assim, você está com fome, não ter o que comer, andar na rua, pedir os outros, os outros negar, falar que manda trabalhar agora assim, esse mundo de hoje que não tem emprego, é isso. Isso é viver mal e não ter o que comer, não ter pessoas pra conversar, conviver, é isso. (Edmara)

Novamente a questão da convivência tem lugar de destaque. Além da referência à fome, um dos sintomas da ausência de qualidade de vida é a falta do convívio social que pode oferecer alternativas viáveis de sobrevivência. Edmara nos diz que viver bem é “poder sair e confiar nas pessoas que você gosta, sem brigas dentro de casa”. Viver mal para ela é passar fome e viver sem liberdade na vila onde mora.

A questão da alimentação está vinculada à da moradia. Poder alimentar-se bem, dentro de casa é um aspecto que merece destaque entre as preocupações dessa jovem.

Para Pablo, a ausência de qualidade de vida torna nítida quando se trata de uma pessoa sem moradia, sem família, que passe fome. Uma pessoa definitivamente rejeitada pela sociedade. Para ele, a pessoa que não tem qualidade de vida.

É uma pessoa que não tem uma casa pra morar, não tem apoio da família, não tem tipo assim, não tem aquele direito dele de ser gente, pra poder sair, se envolver com outros tipos de pessoas, não ter uma opinião formada sobre o que é bom e o que é errado. Isso que eu acho. (Pablo)

Na opinião de Pablo, as características da ausência de qualidade de vida são demonstradas pela diferença social entre as camadas populares. Para ele, a pobreza sinaliza a exclusão social. A configuração das favelas é um fator discriminatório. As construções das casas típicas dessas áreas, que diferem completamente do modelo de residências da classe média e alta, evidenciam a segregação social dos que vivem na periferia.

Pra mim, viver mal representa a indiferença social, representa a pobreza e também a exclusão do povo que mora em periferia, pelo fato assim uma pessoa que mora numa casa assim, construída pelas suas próprias mãos, é improvisada, só para poder dizer que ela vai ter um teto, ela não vai ter orgulho nenhum de mostrar aos outros que elas tem uma casa. Ou seja, ela vai ser rejeitada pelos outros e também por ela mesmo.(Pablo)

Referindo-se ao fenômeno da fome, COVRE (1986) nos diz trata-se de uma questão oriunda da forma de expressão desigual do consumo. Segundo esta autora, a fome é a negação das estruturas do consumo e também aquilo que difere os países em desenvolvimento daqueles em que os direitos sociais foram conquistados historicamente em períodos anteriores.

No caso brasileiro, a fome revela a total discrepância entre a acumulação de capital e a realização da indigência. A fome retira do sujeito a capacidade da preferência alimentar, que é mais um item no amplo campo de direitos dos quais os sujeitos são destituídos. Ao discutir o problema da fome, ainda na década de oitenta, a contribuição da autora continua a ser atual, visto que a questão está longe de ser equacionada.

Nessa época, COVRE (1986) afirma que naquela época, grande parcela da população brasileira sofria o problema da fome e a não garantia de uma

alimentação mínima compromete ainda hoje o estatuto de cidadão. Para a autora, a resolução do problema da fome passaria pela efetivação de um conjunto de políticas que controlasse a produção, distribuição e consumo de alimentos. Ainda que reconheçamos o esforço do governo atual, com a realização de política social para conter o problema, a fome ainda é uma questão recorrente para grande parte da população brasileira.

Os jovens pesquisados notam que ao problema da fome somam-se outros como a mendicância. Para eles, a pessoa que passa fome é alguém sem moradia, sem relações familiares, sem infra-estrutura mínima. O sujeito que sofre as conseqüências da ausência de uma alimentação mínima é reconhecido como alguém sem perspectivas de vida, sem meios de sobrevivência. Há nas falas dos jovens um sentimento forte em não ser identificado como alguém que vivencia esse problema. A fome se apresenta como algo vergonhoso. Como a incapacidade de o sujeito garantir a sua própria vida. A vitimização da fome é identificada nas falas dos jovens. A fome, na visão deles, é decorrência do desemprego e da falta de oportunidades. Para Paloma, vivem mal “ As pessoas que ficam na rua, não têm o que fazer. Não acham emprego, vivem desempregados. É não ter nada assim, o pão na sua mesa. Isso é desagradável.” Para os jovens, a questão da fome dá maior visibilidade a uma total ausência de condições mínimas de sobrevivência.

Um aspecto interessante foi abordado por Solange. No tocante ao tema viver mal, ela apontou a figura de uma pessoa de classe média em frente a uma dispensa com grande quantidade de comida. Ela nos disse ter associado essa imagem ao tema viver mal por mostrar a desigualdade social do país. Em sua opinião, ver a

todo momento pessoas vivendo em situações miseráveis, enquanto outras passam a imagem de prosperidade, traduz a disparidade de condições de consumo.

Novamente, a relação entre qualidade de vida e consumo aparece. A visão dos jovens, neste momento, volta-se para abordagens utilitaristas. Esse fator é compreensível pelo fato de vivermos em uma sociedade desigual, em que o acesso ao consumo é também condição para a sobrevivência.

Para Valéria, a fome não é um fato social exclusivo do Brasil: “A gente está vendo que há fome não só no Brasil, como no mundo inteiro. As pessoas estão passando por muitas dificuldades. Não têm onde morar e a fome também é muito grande. Tem dia que a gente tem o que comer, e tem dia que não tem o que comer”.

Em concordância com Valéria, outro jovem cita a questão do trabalho infantil como exemplo de escravidão. Como os jovens em questão nunca vivenciaram a situação, levantamos a hipótese de que esse fato seja atribuído à mídia:

No Brasil e no mundo, existem crianças passando fome, famílias passando fome, crianças dormindo na rua, sendo escravas pra trabalhar, pra conseguir o que pra comer, muitas crianças passando fome. As pessoas não têm uma cama boa, uma casa boa pra morar, e aí algumas se revoltam e partem pra violência, pras drogas, estas coisas. Eu acho muito triste isso, e infelizmente, isso é uma coisa comum no Brasil e em todo o mundo. ( Valdir)

A qualidade de vida, em relação à categoria sobrevivência é resumida da seguinte forma:

Viver bem pra mim, é assim, você ter um teto para não passar chuva, ou sol, ter uma casa para morar, ter sua cama pra dormir, a sua comida que

você possa comer a hora que quiser. Não depender de ninguém, e ter sua família, a sua família que te apóia, seus pai, sua mãe, seus irmãos, e ser feliz. (Valdir)

Na ótica desses jovens, a vida na Vila Santa Rosa, com todos os problemas aqui discutidos, articula-se ao tema viver bem. Para a maioria, ter condições mínimas de sobrevivência, como alimentação e moradia sinaliza a qualidade de vida, como se nota na fala seguinte, também citada na discussão sobre moradia:

Eu acho que pra mim, o tema viver bem, porque tipos assim, igual lá em casa lá, eu tenho minha cama pra mim dormir, tenho meu colchão né, confortável, tem minhas cobertinha, a comida todo dia, toda hora, água todo dia, toda hora, e se eu quiser tomar banho de manhã, á tarde e á noite, eu tomo, aí isso pra mim é viver bem, né, porque tipo assim, igual ali ta mostrando e tudo ao contrário né, as pessoas batalhando, né. E pra mim não é tão difícil assim. (Karina)

Essa concepção de Karina mostra que à questão da moradia se somam outros aspectos relativos à sobrevivência. Em concordância com essa visão, Valdir nos diz que

Viver bem, pra mim, é você ter um teto para não passar chuva, ou sol, ter uma casa para morar, ter sua cama pra dormir, a sua comida que você possa comer a hora que quiser. Não depender de ninguém, e ter sua família, a sua família que te apóia, seus pai, sua mãe, seus irmãos, e ser feliz. (Valdir)

#### **4.9 Políticas sociais/Qualidade de Vida**

A categoria políticas sociais é entendida pela efetivação de projetos e programas governamentais destinados, no presente caso ao jovem de periferia. A presença de ações dessa natureza na localidade em análise incide diretamente na qualidade de vida. Os dados mostraram que a única entidade citada é a Prefeitura de Belo Horizonte através do Programa Agente Jovem no qual estão inseridos, e o

Programa BH Cidadania, que segundo Pablo realizou um evento na Vila Santa Rosa, do qual participou. Sobre a experiência, ele nos diz :

Lá tem esse programa que a Prefeitura criou, o BH Cidadania, e teve lá um evento lá há pouco tempo atrás. Eu participei e foi um tipo de diversão organizando e ajudando, e também tem mais diversões assim lá quando tem umas festas, barraquinhas. Agora este ano não teve, mas ano passado eles fez. E alguns eventos fora.(Pablo)

A inserção de políticas sociais públicas na vila na opinião de Pablo, ajuda a desconstruir a visão estereotipada do morador de área de periferia. As melhorias obtidas pelos moradores através dos órgãos públicos com obras no espaço físico adquirem um significativo lugar na visão dos que ali habitam.

O acesso aos serviços da prefeitura aumenta a auto-estima do morador que, passa a se sentir respeitado enquanto sujeito de direitos.

Na opinião de Pablo, as ações realizadas pela prefeitura, através de programas como o BH Cidadania, o Agente Jovem, e de melhorias habitacionais ajudam de forma material e emocional. No sentido emocional, essas ações fazem demover a visão preconceituosa sobre os moradores de periferia. Na opinião de Pablo, uma das ações da prefeitura foi a reforma do campo onde joga futebol:

Renovaram, reformaram o campinho lá, o nosso espaço onde a gente joga bola, e emocional assim, que lembrar a gente como amigo, que mora lá como amigo mesmo, que, pra num pensar que, quem mora naquela vila lá, só tem marginal e assim, desse jeito. (Pablo)

#### **4.10 Religiosidade/ Qualidade de Vida**

A questão da religiosidade aparece pouco em relação aos outros temas sobre qualidade de vida. É atribuída a um plano superior a dimensão dos sonhos e projetos futuros. Segundo os jovens, Deus é quem detém o poder sobre os

acontecimentos vindouros. A vida aparece como dádiva divina, e, como tal, torna o momento presente maior que as reclamações em torno dos problemas sociais.

A religiosidade parece ser responsável pelo sentimento de satisfação com os bens materiais que eles têm. Nesse sentido, Valéria declara “gosto de tudo o que tenho, né, não tenho o que reclamar de nada aqui na vila”. Esta visão, mais uma vez revela que para eles a categoria consumo, embora importante, não ocupa lugar central no cotidiano. Ter qualidade de vida, principalmente para esta jovem, é “Agradecer a Deus por tudo, é ter saúde, é ter casa pra morar, e viver em comunhão com sua família”. A declaração de Valéria tem proximidade com a concepção de Valdir quando afirma que “Viver bem é você ter Deus na vida, saúde, seus pais, principalmente, Deus. Ter saúde, Deus na sua vida, uma casa para você viver, e, só”. De acordo com a revista *Veja*<sup>9</sup>, dados revelados pela pesquisa do Instituto de Estudos da Religião, 98% dos 800 brasileiros com idade entre 15 e 24 anos acreditam em Deus. Segundo a revista, os jovens dessa geração exercem a fé motivados muito mais por escolhas pessoais do que por imposição da família. A relação deles com a espiritualidade é bastante heterogênea, escolhendo a religião de acordo com os seus interesses. No caso dos jovens pesquisados, a espiritualidade aparece muito mais no imaginário do que pela prática sistemática de rituais religiosos. O imaginário cristão, presente na cultura brasileira, aparece quando os jovens analisam a vida do ponto de vista pessoal. Eles se referem a Deus como centro da relação das suas realizações cotidianas.

---

<sup>9</sup> Revista *Veja* Especial Jovens, publicada em agosto de 2003.

Do ponto de vista comportamental, foi interessante notar o conceito de Valéria sobre o belo. “Pra mim assim, não existe nada feio. Belo, eu acho que é, a vida da gente é bela, né. A gente não pode reclamar da vida, é isto”.

A idéia de belo aparece como substituto da palavra vida. O que nos permite inferir que se a vida é bela, e se tudo o que existe foi criado por Deus, não podemos questionar a vida. No entanto, a realização do sonho como atividade de preparação humana para elevação da qualidade de vida aparece na opinião de Karina. Para ela, é necessário que o jovem

Cresça, lute e sonhe, e assim, lute pra realizar seu sonho, porque às vezes a gente acha que é impossível, mas às vezes a vida da gente melhora. Deus sempre dá uma oportunidade pra gente, né, então nessa oportunidade que Deus der, a gente tem que agarrar nela, e aproveitar muito. (Karina)

Para Paloma que diz ser evangélica, a escolha da figura foi norteadada por sua referência religiosa. Ela escolheu a figura na qual uma família estava em frente a uma igreja, com bíblias na mão. Ela nos diz “acho que essas pessoas são mais são unidas tal, pai o filho e tem uma menina, e um menino acho que eles são evangélicos é tem sua religião, por causa disso”. Vemos que para Paloma, a religião faz com que haja um comportamento mais afetuoso entre os membros da família. Em sua visão, a religião evangélica torna as pessoas mais unidas, estabelecendo um vínculo mais harmonioso. Em sua visão, ir à igreja, faz com ela seja alvo de problemas de relacionamento com outros moradores da vila.

“Eu prefiro ir pra, pra igreja, que lá na vila as pessoas são unidas mais de repente assim você pode dizer algo que elas fica com raiva de você, quer dizer alguma coisa com você, entende? Eu prefiro ir pra igreja”. ( Paloma)

A idéia de que através da religião evangélica, as pessoas teriam uma vida sem conflitos, é compartilhada por Karina : “Eu acho viver bem também, é ir na igreja, porque quando as pessoas vão à igreja, elas ficam livres de fazer coisas erradas, você entendeu? Aí, eu acho que isso é viver bem, estar na igreja. Se todo mundo tivesse na igreja, não existiria muita violência”.

A idéia de que os evangélicos são pessoas de boa índole que preservam o respeito ao próximo como mandamento bíblico é uma idéia presente em nossa cultura. Convém dizer que no entanto, esta visão não deve ser generalizada. Sabe-se que constitui um mito dizer que todos que compartilham desta religião se comportem da mesma forma.

#### **4.11 Saúde / Qualidade de Vida**

A dimensão da saúde para a qualidade de vida foi pouco analisada pelos jovens. Esse fato nos permite inferir sobre a hipótese de que o atendimento realizado pelo posto de saúde da região possa estar atendendo à demanda da população. Ainda assim, os dados revelam que saúde ,para eles, é uma mercadoria. Eles revelam a dificuldade em arcar com os custos de um plano de saúde. Para Edmara, viver mal é caracterizado da seguinte forma:

“Onde não tem plano de saúde, não tem este negócio de cano da Copasa, nem tem água que vem da Copasa, e tem que ficar buscando água”.

A empresa em Belo Horizonte responsável pelo abastecimento de água e tratamento do esgoto (COPASA) é citada como fator de qualidade de vida.

A ausência do plano de saúde e do acesso adequado à água tratada, é colocada por Edmara como condição para a qualidade de vida.

O fato de as famílias terem de se deslocar, percorrendo às vezes grandes distâncias para obter água potável, representa um quadro infelizmente comum em algumas áreas de periferia.

Ao visitar à vila, percebi que o abastecimento realizado por empresa oficial ainda é deficitário, tendo em vista o espaço exíguo para a passagem da canalização dada proximidade das residências. A saúde como problema social é percebida como decorrência da ausência de saneamento básico. A questão do abastecimento de água tem relação direta com o processo saúde-doença, principalmente em áreas em que há a proliferação de doenças causadas pela contaminação da água. A relação estabelecida por Edmara propicia o entendimento sobre a vinculação do saneamento básico e saúde. O que nos chama atenção é o fato de que, para ela, o acesso à saúde enquanto constituinte da qualidade de vida só se concretiza através dos planos de saúde.

Para a análise desta questão, CORDEIRO (1984) nos diz que

A análise das necessidades de saúde das populações urbanas é remetida ao conceito de qualidade de vida e relacionada aos determinantes sociais do processo saúde-doença. As necessidades de saúde devem também ser estudadas como necessidades “cultivadas”, ou seja, influenciadas pela forma de organização dos serviços de saúde e pelo acesso dessas populações aos ditos serviços.

A concepção da jovem acima mencionada sobre a saúde, assenta-se na idéia disseminada na sociedade brasileira, de que trata-se de uma necessidade premente para a elevação da qualidade de vida, que só se realiza quando a questão do saneamento é resolvida. Sua contribuição nos serve de alerta quanto à

influência dos problemas sociais no entendimento dos jovens sobre qualidade de vida. Por isso, concordamos com CORDEIRO (1984), quando afirma que

Dentro dessa visão, a dimensão saúde-doença como subconjunto do conceito “qualidade de vida” deve ser entendida como um processo que se articula com outros processos sociais que estruturam o espaço urbano e delimitam os contornos da qualidade de vida nesse espaço recortado pelas desigualdades sociais.

#### **4.12 Urbanização/Qualidade de Vida**

Os dados levantados apontam mudanças na configuração da Vila Santa Rosa, embora seja uma área de ocupação recente. As mudanças no tocante à urbanização têm sido importantes para a qualidade de vida dos moradores:

Antes as casas eram todas de madeira, não tinha nenhuma de tijolo. Aí a Prefeitura lá com todas as associações lá ajudaram a construir. As pessoas que não tinham condições cederam o cimento, e o tijolo, cedeu tudo, sabe, até os vasos assim, né que fazem as necessidades e tal, e antes também não tinha rede de esgoto. Nós usava, havia só um banheiro pra todas as casas usarem, às vezes a gente chegava apertada da escola e tinha gente no banheiro né, que pra fazer necessidade era nesse banheiro, agora pra tomar banho a gente tomava em casa mesmo, que assim a água escorria ia assim pra rua, né? Pro beco, aí ficava tudo alagado assim antes era tudo mal arrumado, e agora lá já ta tudo arrumadinho, bonitinho. (Karina)

As condições de saneamento são referidas por outros jovens. Eles nos falam principalmente sobre o abastecimento de água, coleta de lixo e sistema de esgoto.

Valdir, morador da Vila Real, localidade próxima à Vila Santa Rosa, nos diz que

O abastecimento de água é gato, né. Tem lá, tem o cano grosso da Copasa que passa, o pessoal vai lá e tira o gato, e isto tem cinco anos, né, desde que eu moro aqui que isso é assim. Assim no gato, e de vez em quando falta água, mas não é sempre. Água tem todo dia e a coleta de lixo é toda segunda, quarta e sexta, tem a coleta de lixo, né, pela Prefeitura.

A obtenção de água canalizada através de mecanismos clandestinos é chamada de “gato” pelos moradores. A ausência de meios econômicos para arcar com o

custo do abastecimento oficial, associada à facilidade de desvio da água através da introdução de uma canalização paralela, faz com que muitos moradores se utilizem do recurso. Não há dúvida sobre a importância do acesso à água canalizada. Para Pablo:

“É bom, melhorou muito, porque antigamente, faltava água de vez em quando no sábado e domingo, e agora está tendo regularmente, lá”.

Karina corrobora com a questão do abastecimento de água, afirmando que “Lá onde que eu moro, a água só chega á noite, mas aí todas as casas tem caixa d`água. E lá onde que minha mãe mora é, 24 horas”.

Para Karina a coleta de lixo também aparece como elemento importante, enfatizando o bom atendimento dos profissionais como um elemento considerado.

“Antes nós tínhamos que jogar o lixo na rua, aí o lixeiro vinha pegar quando eles queria, agora não, segunda, quarta e sexta tem lixeiro, 09:00 horas da manhã todo dia eles passa, eles são muito educados também e muito legal”.

Pablo também comenta sobre as mudanças ambientais no tocante ao saneamento básico:

“Mudaram os corredores lá que tinha lá, agora reformaram, fizeram uma caixa de gordura, o esgoto lá encanaram, e construíram também uma escadaria descendo pegando do começo do beco até lá em baixo”.

Além das questões sobre saneamento, os jovens falaram sobre a importância das alterações num espaço denominado “caixote em pé”. Segundo eles trata-se de um local onde as casas estão muito juntas e onde prolifera o tráfico de drogas. A totalidade dos jovens aponta esse lugar como área na qual evitam passar.

Para eles, na ocasião da pesquisa, a abertura de uma nova rua pela Prefeitura, propiciou a melhoria da organização do trânsito local.

As mudanças na organização física da Vila foi notada por Solange, que nos diz:

Notei nas ruas, né. Porque as ruas melhoram muito porque antes lá era tudo de barro, acho que, esqueci o nome lá que fez, que ajudou, né, Prefeitura, urbanizou a vila. Ficou muito melhor e agora está melhorando mais, porque, está tirando as casas de lá de baixo, do pessoal lá do caixote, eles vão fazer uma avenida ali, acho que vai passar ônibus, carro, vai ficar muito melhor.

Em concordância com Solange, Josué nos informa que na vila: “Até um tempo atrás era um tanto de casinha junta, aquelas casas velhas, fedendo e tal. Agora hoje, eles estão quebrando as casas e estão querendo fazer uma rua lá pra carro passar, né. Eu acho que vai dar certo sim”.

Para eles, a questão das mudanças no ambiente físico da vila está relacionada com a qualidade de vila. A possibilidade de construção de uma rua, propiciando melhor locomoção dos moradores através da linha de ônibus é um elemento importante, observado pelos jovens.

“Mudaram as rua lá, eles tão mexendo na rua lá, tirou casa lá, um pedaço lá que eu acho que eles vai fazer rua. No campo lá mexeu, é”. João Cláudio

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo nos revela o levantamento de dados, as categorias convivência e lazer aparecem como mais importantes na composição do conceito qualidade de vida.

Na análise dessas categorias, foi notória a centralidade das relações interpessoais na família e com os vizinhos. As relações de vizinhança tiveram grande importância para os jovens. A convivência aparece como estratégia para a sobrevivência, se sobrepondo, inclusive, ao consumo. Essa superposição indica que o consumo também foi considerado componente interessante para a qualidade de vida, mas houveram várias afirmações que mostram que o poder aquisitivo não supera a necessidade do encontro das pessoas, da harmonia nos relacionamentos.

Á esta questão, se articula o eixo violência/qualidade de vida. Os jovens falaram que o dinheiro também representa perigo, pois as pessoas de alto poder aquisitivo são alvo dos que almejam seus bens materiais. A violência foi percebida nos vários níveis. Eles nos falaram que o crescimento da violência na favela, contribuiu significativamente para a queda da qualidade de vida. Eles classificaram os vários níveis de violência: a que ocorre nos bares, os xingamentos entre vizinhos, a violência policial, a guerra entre gangues como fatores integrantes de “viver mal”. Esta classificação mostra a preocupação local com um problema que atinge toda a sociedade.

No tocante ao consumo, os dados revelaram que ser é mais importante que ter. Os jovens analisam o consumo, principalmente o dinheiro como fator secundário

para a maioria deles. Aos jovens interessa a garantia de poder estar vivo, com tranqüilidade e segurança.

No eixo moradia/qualidade de vida, os jovens apresentam seus ideais quanto ao lar. A moradia tem um significado fortemente atrelado ao pertencimento e a identidade coletiva. Para eles, ter casa própria os distingue dos destituídos de um mínimo de condições para sobrevivência. Residir, para eles, os torna sujeitos que escrevem a sua história, e para tanto, contam também, com os demais vizinhos e parentes no espaço em que habitam. Novamente a convivência aparece como questão central.

Com relação ao eixo escola/qualidade de vida, houve consenso de que sem a escola, o sujeito não consegue vislumbrar seu papel social. Eles foram unânimes em falar sobre a importância da escola, no processo de fazer-se sujeito. A escola aparece também como locus privilegiado de lazer e convivência. A escola aparece ainda como reguladora do tempo ocioso, organizando a vida social. O espaço físico da escola surge como alternativa de lazer, no qual os jovens se encontram com pessoas de mesma faixa etária, marcando um momento importante de identificação e convivência.

A relação lazer/qualidade de vida mostrou o lazer existente nas relações familiares, nas viagens dentro e fora do solo mineiro, o lazer na escola e principalmente na quadra localizada na Vila Santa Rosa, onde acontecem várias atividades esportivas. Apenas a minoria dos jovens falou sobre experiências de lazer como mercadoria. Para quase totalidade dos jovens, o lazer se realiza nos espaços públicos da quadra e da escola. Estes dois espaços ganham destaque para eles. Mais uma vez, a convivência tem relevância. Para eles, o momento

coletivo de lazer na quadra, propicia o encontro entre as pessoas, o aprofundamento de laços de amizade.

No que tange á articulação entre sociedade-natureza/qualidade de vida, notamos que a visão preservacionista tem primazia no imaginário dos jovens. O meio ambiente é visto como elemento integrante da qualidade de vida, com enfoque para a manutenção das florestas e equilíbrio ecológico. Sobre isto, inferimos que a mídia tem disseminado a idéia da aproximação homem/natureza, ressaltando o caráter idílico e contemplativo, em detrimento da visão mais integradora da sociedade e natureza. Acreditamos, inclusive, que houve correspondência entre o objetivo da pesquisa e os dados coletados. Isto porque, a pesquisa teve como principal objetivo, verificar se o meio ambiente seria elemento integrante da visão dos jovens sobre qualidade de vida. Ainda que se perceba o caráter preservacionista do qual falamos anteriormente, esta preservação, para eles, contribuiu para a qualidade de vida. A preservação ambiental é para eles, fator que corrobora para elevação da qualidade de vida.

Interessante destacar a relação sociedade-natureza se vincula a categoria sobrevivência, no que tange a preservação da vida. Os dados mostraram que viver é para eles uma questão a ser mantida, com a garantia de condições mínimas. A preservação da vida do homem está para os jovens intrinsecamente ligada ao alimento. A fome é um fenômeno que aos olhos dos jovens, põe em risco a viabilidade dos projetos de vida de cada um. A preservação da vida ganha relevo em função do atendimento de requisitos para a sobrevivência.

A garantia da moradia e do alimento tem grande importância para eles. O ato de alimentar-se os coloca como sujeitos diferenciados dentre os pobres. É o que para eles, distingue o pobre, do indigente.

A categoria sobrevivência é também discutida, em razão de respostas dos órgãos responsáveis pela implementação de políticas públicas. Sobre esta questão, verificamos, a ausência de ações para elevação da qualidade de vida. A única iniciativa citada pelos jovens, é o programa BH cidadania, realizado na localidade. É notória a falta de uma política para a juventude de vilas e favelas, no sentido de despertar as potencialidades e sugerir outro caminho que não o da marginalidade. Uma outra iniciativa, a ser considerada é o Programa Agente Jovem, no qual os jovens pesquisados estão inseridos.

Segundo SPOSITO e CARRANO (2003), este programa, engloba os municípios localizados nas capitais dos estados, em razão da alta concentração de jovens e do envolvimento destes sujeitos nos problemas sociais. Outro requisito é os municípios terem menor IDH (índice de desenvolvimento humano) em relação à média regional. Os autores ao analisar 33 iniciativas governamentais de políticas para os jovens, afirmam que

Na análise do conjunto de programas e projetos classificados pela sua maior ou menor intensidade de foco na juventude, se destaca o dado que revela o próprio caráter recente dessas ações na esfera federal. É significativa a informação de que 60% dessas ações foram implantadas somente no período dos últimos cinco anos, o que denota a recente trajetória na formulação de políticas de juventude, assim como explica, em parte, a sua incipiente institucionalização e fragmentação. (SPOSITO;CARRANO, 2003)

A implementação de políticas sociais para a juventude como um todo ainda é um desafio para a sociedade em razão da ausência de articulação entre as iniciativas governamentais.

Esse fato faz arrefecer a expectativa dos jovens a respeito das políticas públicas, nos dados vimos que há um comportamento acrítico a respeito das soluções dos problemas sociais enfrentados, o que faz com que muitos jovens, tenham uma atitude de pouco questionamento sobre seu papel social, atribuindo a vida a dimensão religiosa. A religião aparece como meio através do qual, eles estabelecem formas saudáveis de desenvolvimento pessoal, incidindo nas relações de convivência dentro e fora da localidade.

O comportamento dos jovens, quanto a saúde é emblemático do fato dos mesmos apontarem a necessidade de obter um plano de saúde como elemento integrante da qualidade de vida, aliado aos equipamentos coletivos, ao saneamento básico como necessárias ao processo de urbanização.

A estas questões, ressaltamos a importância de projetos de educação ambiental que considerem a vivência dos jovens, na elaboração de propostas.

### **A questão do florescimento humano e qualidade de vida**

A opção por uma teoria que ampliasse o significado da qualidade de vida para além das abordagens utilitaristas, teve como norte a questão de haver encontrado na fala dos jovens pouquíssimas referências em direção à consideração do acesso ao consumo como integrante da qualidade de vida.

Ainda que alguns tenham discutido a relação consumo e qualidade de vida pelo viés utilitarista em sua maioria os jovens apontam a convivência como categoria mais importante, indo ao encontro da perspectiva do florescimento humano.

Cabe ressaltar que ao levantarmos a hipótese da atividade de teatro haver influenciado a concepção dos jovens, em torno da importância da convivência, (visto ser o teatro um recurso para a reflexão sobre a condição humana), todas as temáticas trabalhadas durante os encontros foram suscitadas pelos jovens. Os jovens eram convidados a construir cenas do cotidiano, abordando temas de seus interesses. Nas oficinas, já aparecia a preocupação dos mesmos sobre o crescimento da violência na localidade, o aumento do tráfico de drogas e a convivência.

Na pesquisa, essas questões foram abordadas com a utilização de instrumentos variados para abarcar a complexidade temática que o conceito qualidade de vida apresenta.

Por último, gostaria de destacar que a centralidade da convivência no conceito qualidade de vida, contribui para desconstruir a ideia de que o consumo – principalmente para os sujeitos que vivem na pobreza, seria um elemento preponderante. Os sujeitos pesquisados mostraram a possibilidade de que o significado da vida humana transcende aos bens materiais. O florescimento humano desponta como processo de construção de uma nova forma de se pensar a juventude brasileira, independentemente da condição social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n.5, p.25-36, mai/jun/jul/ago. 1997.

\_\_\_\_\_. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Pagina Aberta, 1994.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio Cezar Santoro. 7. ed. Campinas,SP: Papirus, 2002.

BARBIERI, José Carlos. *Desenvolvimento e meio ambiente: as estratégias de mudanças da agenda 21*. Petrópolis: Vozes, 2001.

BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRAGA, Rosalina Batista. *Cidadania, escola e educação ambiental: elementos para uma reflexão*. *Anais...* Salvador: AGB. Encontro Nacional de geógrafos, jul, 90. p.677-681.

\_\_\_\_\_. *Conhecendo a cidade pelo avesso : o caso de Salvador*. Belo Horizonte: Del Rey, 1994.

\_\_\_\_\_. Espaço e Saber nas lutas sociais: o caso de Salvador.1988. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. In: Costa, Antônio Carlos Gomes da, et al. *Brasil criança urgente: a lei*. Coleção Pedagogia Social, v. 3. São Paulo: Columbus, 1990.

CAMPOS, Rogério Cunha. *A luta dos trabalhadores pela escola*. São Paulo: Loyola, 1989.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

CARMO, Roberto Luiz do. *O conceito de Qualidade de vida: uma primeira abordagem*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1993.

CASTRO, Lúcia Rabelo de. *Infância e adolescência na cultura de consumo*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

CORBISHLEY, Ângela C.M.;CARNEIRO, Maria Lígia M. Considerações sobre o uso da Observação Participante na pesquisa em enfermagem. In: *Revista Mineira de Enfermagem*. V.5, Nº 1/2,DEZ/JAN. 2001.

CORDEIRO, Hésio de Albuquerque. A qualidade de vida urbana e as condições de saúde: o caso do Rio de Janeiro. IN: Souza, Amaury de (Org.). *Qualidade da vida urbana*. Coleção Debates Urbanos, n. 7. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

COUTINHO, Maria Tereza C; MOREIRA, Mércia. *Psicologia da Educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltados para a educação. Ênfase nas abordagens interacionistas do psiquismo humano*. Belo Horizonte: Editora Lê, 2000.

COVRE, Maria de Lourdes (Org.). *A cidadania que não temos*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DANIELS, Harry (Org.). *Vygostky em foco: pressupostos e desdobramentos*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

DAYRELL, Juarez. Juventude e produção cultural na periferia de BH. In: *Outro Olhar, Revista de debates: mandato do vereador Arnaldo Godoy*, Belo Horizonte, ano1, n.1, p.22-26, nov. 2001.

ESCOREL, Sarah. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

EVERS, Tilman. Identidade: a face oculta dos novos movimentos sociais, in: *Novos Estudos*, vol.2(4), São Paulo: Cebrap, 1984.

FRANÇA, Maria Luiza Campolina. *Guia para apresentação de trabalhos técnicos-científicos da FEMM*. Sete Lagoas: Fundação Educacional Monsenhor Messias, 2003

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas,1991.

GOMES, Jerusa Vieira. Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.5, p. 53-61, mai/jun/jul/ago. 1997.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente*. São Paulo: Contexto, 1989.

GRUPO FOCAL. Disponível em:<<http://www.fae.ufmg.br/escplural/grupofocal.htm> . Acesso em set. 2002.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Tradução Maria C.F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

KOGA, D.H.U. *Cidades territorializadas entre enclaves e potências*. 2001. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

KOLLER, Silvia Helena (Org.). *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida*. Porto Alegre: ANPED, 1996.

KOLLER, Silvia Helena; HUTZ, Cláudio S. Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, Diversidade e Definição In: KOLLER(Org.). *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida*. Porto Alegre: Coletâneas da ANPEPP, 12/1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedacço*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

MELUCCI, ALBERTO. Juventude, tempo e movimentos sociais in: *Revista Brasileira de Educação*, n.5, p.5-14, mai/jun/jul/ago. 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo; Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. In: *Revista Educação*. Porto Alegre, ano XXII, n. 37, p.6-31, mar. 1999.

NAHAS, Maria Inês Pedrosa. O sistema de indicadores intra-urbanos de belo horizonte para gestão e monitoramento da qualidade de vida urbana: 1993-2000. In: PREFEITURA DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, *Revista Pensar BH: política social*, Belo Horizonte, n. 2, p.31-37, fev/abr, 2002.

\_\_\_\_\_. Mapa da exclusão Social In: *Revista Minas Faz ciência*, n.2 – FAPEMIG. Disponível em: <http://revista.fapemig.Br/2/mapa/index.html>. Acessado em 01/10/2003.

O QUE É IQVU. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/smpl/iqvu/oqueeh.htm>. Acesso em set. 2002.

- OLIVEN, Ruben Georg. *A antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ORTEGA, Rosário. *Estratégias educativas para a prevenção da violência*. Brasília: UNESCO & UCB, 2002.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de Oliveira. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.
- PAIVA, José Eustáquio Machado de. *Mapeando a qualidade de vida em Minas Gerais, utilizando dados de 1991 a 2000*. 2003. Tese (Doutorado em geografia) – Instituto de geociências e ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.5, p.15-24, mai/jun/jul/ago. 1997.
- QUEIRÓZ, Delcele Mascarenhas. *Quem são os negros? Classificação racial no Brasil: aproximações e divergências*. Disponível em <http://www.anped.org.br>. Acesso em set. 2002.
- REIGOTA, Marcos. *Meio Ambiente e representação Social*. Coleção Questões da nossa época. v.41. São Paulo: Cortez, 2001.
- SALLES, Leila Maria Ferreira. *Adolescência, Escola e Cotidiano: contradições entre o genérico e o particular*. Piracicaba: UNIMEP, 1998.
- SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1992.
- SARRIERA, Jorge Castella et al. Juventude, Ocupação e Saúde IN: KOLLER, Silvia Helena (Org.) *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida*. Porto Alegre: Coletâneas da ANPED, 1996.
- SOUZA, Amaury de (Org.). *Qualidade da vida urbana*. Série Debates Urbanos, v.7. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- SOUZA, Maria Suzana de Lemos. *Guia para redação e apresentação de teses*. 2.ed. rev. aum. Belo Horizonte, Coopmed, 2002.
- SPOSATI, Aldaíza. *Vida urbana e gestão da pobreza*. São Paulo: Cortez, 1988.
- SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses entre movimentos sociais, juventude e educação. Artigo disponível em <http://www.uff.com.br>. Acessado em outubro de 2003.

\_\_\_\_\_. Estudos sobre juventude em educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.5, p.37-52, mai/jun/jul/ago. 1997.

\_\_\_\_\_; CARRANO, Paulo. Juventude e políticas sociais no Brasil. Artigo disponível em [http: www.uff.com.br](http://www.uff.com.br) . Acessado em outubro de 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, Francisco. O indicador de desenvolvimento humano In: *O mundo hoje 95/96: Anuário econômico e geopolítico mundial*. São Paulo: Ensaio, 1996.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. Tradução José Cipolla Neto, Luís Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fortes, 1984.

WASELFISZ, Jacobo. *Mapa da violência III, os jovens do Brasil: juventude, violência e cidadania*. Brasília: UNESCO, 2002.

WOOD, Geri LoBiondo; HABER, Judith. *Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização*. 4 Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.